

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**FRANCISCO RENATO TAVARES**

**LINGUAGEM E SIGNIFICADO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE  
WITTGENSTEIN**

**Guarulhos  
2019**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA**

**FRANCISCO RENATO TAVARES**

**LINGUAGEM E SIGNIFICADO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE  
WITTGENSTEIN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Filosofia.

Linha de pesquisa: Metafísica, Ciência e Linguagem.  
Orientador: Marcelo Silva de Carvalho.

**Guarulhos  
2019**

Tavares, Francisco Renato.

Linguagem e significado nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein /  
Francisco Renato Tavares. - 2019.

134 f.

Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de São Paulo,  
Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho.

1. Wittgenstein. 2. Linguagem. 3. Significado. 4. Contexto. 5. Uso.  
I. Orientador: Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho. II. Título: Linguagem e  
significado nas Investigações Filosóficas de Wittgenstein.

**FRANCISCO RENATO TAVARES**

**LINGUAGEM E SIGNIFICADO NAS INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS DE  
WITTGENSTEIN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo  
como requisito parcial para a obtenção do grau de  
doutor em Filosofia.

Linha de Pesquisa: Metafísica, Ciência e Linguagem.  
Orientador: Marcelo Silva de Carvalho

Aprovação: 12 / 04 / 2019.

---

Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho  
Universidade Federal de São Paulo

---

Prof. Dr. Fernando Lopes de Aquino  
Instituto Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferra Neto  
Universidade Federal de São Carlos

---

Prof. Dr. João Vergílio Gallerani Cuter  
Universidade de São Paulo

---

Prof. Dr. Tiago Tranjan  
Universidade Federal de São Paulo

## AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é o resultado de uma caminhada iniciada há algumas décadas. Por isso, gostaria de agradecer às pessoas amigas que se fizeram presentes durante esse caminho.

À minha mãe Paula, minha outra mãe Rubenita, e a todos meus familiares de Xerém e do Rio de Janeiro.

Ao meu avô José e à minha vó Vicência, à Maria e ao Coló, e a todos meus familiares do Pará.

À Companhia de Jesus onde aprendi, dentre várias coisa, a tarefa de estudar e assumir essa atividade como um serviço.

Aos orientadores anteriores, Prof. Dr. Werner Spaniol e Prof. Dr. Arley Ramos Moreno (de saudosa lembrança), que me introduziram nas primeiras leituras de algumas das obras de Wittgenstein.

Ao atual orientador, Prof. Dr. Marcelo Silva de Carvalho, que mostrou algumas possibilidades wittgensteinianas diferentes daquelas com as quais estava acostumado e, principalmente, por conduzir esse trabalho com muita paciência e dedicação.

Ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo, especialmente, à Daniela por sua generosa atenção e orientação.

Aos Colóquios organizados pelo Grupo de Pesquisa Dissoi Logoi porque foram momentos em que pude perceber algumas valiosas ideias que podem ser encontradas nas obras de Wittgenstein.

Aos membros da Banca de Qualificação Prof. Dr. João Vergílio Gallerani Cuter e Prof. Dr Bento Prado de Almeida Ferraz Neto pelas significativas colocações quando da Qualificação.

Ao campus Formiga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais por me liberar de todas as atividades no campus no ano de 2017 e início de 2018. Por causa dessa liberação tive a oportunidade de me aprofundar nos estudos das *Investigações* e consegui escrever o presente trabalho.

A alguns colegas do campus Formiga, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais, pelas conversas saborosas durante esse processo. Agradeço, principalmente, a Mario Luiz Rodrigues Oliveira, a Sandro Márcio Silva Preto e a Chrisley Bruno Ribeiro Camargos.

Por fim, agradeço e dedico esta tese àqueles que estiveram presentes em todos os momentos da redação: a Hélique Rocha, por sua infinita paciência e presença amorosa, ao Luiz Felipe, que potencialmente presente desde o início, deu o ar da graça no último ano e acompanhou os momentos decisivos desse trabalho, e à Sofia, que nas etapas decisivas resolveu que já era hora de chegar.

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Romanos 8, 28).

## RESUMO

Este trabalho apresenta a maneira como Wittgenstein compreende a linguagem nas *Investigações Filosóficas*. A partir de um diálogo com a imagem agostiniana, o austríaco apresenta uma nova forma de compreensão da linguagem. Segundo essa forma, a linguagem é compreendida pela ideia de jogos de linguagem que apresenta a mesma como uma atividade que ocorre num contexto de práticas compartilhadas pelos usuários da linguagem, e não por uma suposta relação estabelecida entre a linguagem e o mundo. Com a ideia de jogos de linguagem, Wittgenstein mostra que várias formas de uso linguístico são possíveis, não apenas uma única forma, e muitos dos chamados problemas filosóficos resultam de uma compreensão equivocada do que seja a atividade linguística.

**Palavras-chave:** Wittgenstein, linguagem, significado, contexto, uso.

## ABSTRACT

This work presents the way in which Wittgenstein understands the language in *Philosophical Investigations*. From a dialogue with the Augustinian image, the Austrian presents a new form of understanding the language. According to this form, language is understood by the idea of language games that presents the same as an activity that occurs in a context of practices shared by users of language, not for an alleged relationship established between language and world. With the idea of language games, Wittgenstein shows that various forms of linguistic use are possible, not just a single form, and many of the so-called philosophical problems results from a misunderstanding of what linguistic activity is.

**Keywords:** Wittgenstein, language, meaning, context, use.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11.</b>
<b>1 UMA IMAGEM DA LINGUAGEM .....</b>	<b>18.</b>
1.1 Uma determinada imagem da essência da linguagem .....	19.
1.2 A imagem agostiniana da linguagem .....	25.
1.3 Uma outra forma de compreensão da linguagem .....	35.
<b>2 SIGNIFICADO E OBJETO .....</b>	<b>43.</b>
2.1 Linguagem e significado .....	44.
2.2 Palavras e objetos .....	58.
2.3 Nomes e simplicidade .....	68.
<b>3 SIGNIFICADO E CONTEXTO .....</b>	<b>88.</b>
3.1 Significado e Jogos de linguagem .....	89.
3.2 Significado e uso .....	99.
3.3 Significado e regras .....	107.
3.4 Significado e contexto .....	121.
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>127.</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>131.</b>

## INTRODUÇÃO

Nas *Investigações*, Wittgenstein empreende um diálogo com a imagem agostiniana da linguagem. A partir desse diálogo, percebemos o surgimento de uma nova forma de compreensão do que seja a linguagem. A principal ideia dessa nova forma de compreensão consiste na certeza de que o significado das mais variadas expressões linguísticas não é determinado por uma relação estabelecida entre linguagem e mundo, mas sim pelo uso dessas expressões que ocorre num contexto de práticas estabelecidas. O austríaco compara a linguagem com os jogos, por isso, fala de jogos de linguagem ao indicar as diversas possibilidades contextualizadas de práticas linguísticas. Como são diversos os tipos de jogos, a linguagem também pressupõe uma diversidade de uso, não apenas uma única forma que pretende ser uma representação do que acontece no mundo.

Wittgenstein percorreu um longo caminho até chegar às ideias apresentadas nas *Investigações*. Em sua obra de juventude, o *Tractatus Logico-Philosophicus*, ele pensou a linguagem apenas de uma única forma, por isso, a linguagem fora pensada como determinada por uma relação que seria estabelecida entre a mesma e o mundo. A linguagem, nessa obra de juventude, foi pensada como representação. Por isso, o austríaco defendia que a proposição, que representaria um fato que ocorresse no mundo, possuiria sentido determinado.

Quando Wittgenstein, nas *Investigações*, desenvolve a noção de jogos de linguagem e mostra que o uso significativo da linguagem encontra sua justificação não em algo do mundo que seria associado às expressões linguísticas, mas numa prática contextualizada, nossa compreensão da linguagem é expandida, pois reconhecemos uso possível nas mais diversas formas linguísticas, e não apenas na forma que pensa a linguagem como representação do que acontece no mundo.

Uma das principais referências com a qual dialogamos em nosso trabalho é a obra *Wittgenstein's Philosophical Investigation* de David Stern. Nela, ele apresenta duas maneiras de leitura das *Investigações* encontradas nos principais comentadores desse texto de Wittgenstein. Stern (2004, p.p. 29-36) classifica essas duas possibilidades como leitura pirrônica e leitura não-pirrônica das ideias expostas no livro. No entanto,

ele afirma que é possível encontrar outras vozes no desenvolvimento do texto do austríaco que podem ser identificadas como posições que se encontram para além de um pirronismo ou anti-pirronismo.

Nosso trabalho pretende seguir algumas orientações de Stern. Por isso, pensamos que essas duas possibilidades de leitura das *Investigações* encontradas nos principais comentadores, ainda que sejam possíveis, apresentam apenas parciais compreensões das ideias desenvolvidas por Wittgenstein. Ainda que nosso trabalho pretenda seguir algumas orientações de Stern, não é nosso objetivo realizar um trabalho de leitura das *Investigações* que seja completamente fiel a *Wittgenstein's Philosophical Investigation*.

Assim, preferimos falar de um diálogo contínuo que Wittgenstein estabelece com algumas possibilidades de compreensão do que seja a linguagem, possibilidades que compartilham alguns pressupostos compreendidos pela imagem agostiniana. A ideia de vozes com as quais Wittgenstein dialogaria nas *Investigações*, presente no desenvolvimento do trabalho de Stern, não será objeto de nossa reflexão, pois pensamos que o austríaco explora em sua obra algumas posições localizadas na imagem agostiniana, por isso, a obra madura de Wittgenstein pode ser compreendida como um diálogo de Wittgenstein com as ideias centrais que são encontradas na imagem agostiniana da linguagem.

A obra *Investigações*, portanto, pode ser pensada como uma investigação das principais ideias compreendidas pela imagem agostiniana e sua visão uniforme que pensa o significado como determinado por uma relação que seria estabelecida entre a linguagem e o mundo. Essa ideia que se encontra no fundamento da imagem agostiniana da linguagem é constantemente explorada por Wittgenstein em todo o desenvolvimento de sua obra. Nesse diálogo que ele estabelece com a imagem agostiniana, porém, percebemos o surgimento de uma nova forma de compreensão do que pode ser pensado como linguagem que se situa para além das ideias encontradas na forma como o filósofo cristão pensava ser necessariamente o fundamento de toda linguagem significativa.

A compreensão do que seja uma imagem da linguagem como aquilo que orientaria o modo como percebemos o uso possível de qualquer expressão significativa

é fundamental para a leitura das *Investigações*. Por isso, pela citação de uma passagem das *Confissões* na abertura de sua obra, Wittgenstein explora algumas noções que são localizadas nas ideias centrais da leitura que podemos fazer dessa determinada imagem da linguagem, da imagem agostiniana. O austríaco mostra como essa imagem pensa o significado como determinado necessariamente por uma relação entre linguagem e mundo. Assim, na primeira parte de nosso trabalho, iremos explorar a noção de imagem da linguagem com o objetivo de mostrar o papel que uma determinada imagem desempenha em nossa compreensão da linguagem, bem como mostrar as consequências que se apresentam ao se pensar a linguagem a partir de uma determinada imagem.

Após essa consideração inicial, exploraremos os principais problemas que podem ser encontrados na imagem agostiniana da linguagem. Por isso, ainda nessa primeira parte, desenvolveremos as principais ideias da imagem agostiniana que é citada no primeiro parágrafo das *Investigações* e investigaremos quais ideias podem ser associadas a essa imagem para compreender, ao final dessa primeira parte, uma nova forma de como podemos pensar a linguagem segundo as ideias apresentadas por Wittgenstein em sua obra tardia que resulta na recusa de seguir pensando a atividade linguística segundo o modelo fornecido pela imagem agostiniana.

A ideia de que a linguagem se conectaria com o mundo, de que a linguagem representaria os fatos e os objetos que compõem o mundo, o significado das diversas expressões linguísticas, de que a linguagem poderia ser analisada até chegar a partes elementares da mesma, é uma ideia recorrente na história da filosofia. Por estar enredada nesse modelo exemplificado pela imagem agostiniana, boa parte da história da filosofia se caracterizou, desde seus primórdios até a contemporaneidade, como uma busca por um fundamento do mundo que determinaria necessariamente toda linguagem significativa, como uma busca por essências que determinariam qualquer possibilidade de significação.

Nas *Investigações*, esse modelo caracterizado como imagem agostiniana da linguagem é explorado, pois o austríaco compreende a linguagem independente de qualquer relação possível entre a mesma e o mundo. As ideias compreendidas pela imagem agostiniana precisam de esclarecimentos para mostrar alguns pressupostos

implícitos na mesma. Após investigar as principais ideias associadas à imagem agostiniana, Wittgenstein mostra que o sentido de uma sentença não é determinado pelo caso de que a mesma representa um fato preciso do mundo, ou o significado de uma palavra não é determinado pelo objeto que seria associado à mesma. Pelo contrário, o sentido ou o significado de toda expressão linguística é substituído pela ideia de uso que se faz dessas expressões em um contexto de práticas estabelecidas, em um determinado jogo de linguagem.

Essa ideia central das *Investigações*, de que o uso da linguagem sempre ocorre em um contexto de práticas estabelecidas, tem consequências profundas em nossa maneira de compreender e considerar o que seja a linguagem e, por consequência, o que seja o mundo, principalmente, no modo como poderíamos compreender as relações possíveis entre linguagem e mundo, como poderíamos considerar os diversos problemas que surgem porque essa relação não é bem compreendida por causa de uma limitada compreensão do que seja linguagem associada a uma limitante imagem da linguagem.

Assim, na segunda parte de nosso trabalho, iremos seguir o diálogo desenvolvido por Wittgenstein com a imagem agostiniana da linguagem considerando os diversos casos de uso da linguagem. Desse modo, iremos desenvolver detalhadamente as ideias de significado e de uso da linguagem. Para tanto, iremos observar o caso de uso das frases e das palavras e, num último momento, observaremos um caso específico de uso das palavras que é pensar as mesmas como nomes que seriam associados a elementos simples, o significado. Pretendemos, com isso, mostrar por que não podemos pensar o significado das expressões linguísticas como determinado por supostas referências, sejam objetos ou fatos, que estariam associados a essas expressões.

Na última parte de nosso trabalho, pretendemos problematizar a ideia de uso da linguagem, uso que é contextualizado em práticas estabelecidas, em jogos de linguagem, como uma ideia central da forma como Wittgenstein compreende a linguagem nas *Investigações*. Por isso, nessa parte, primeiro, iremos desenvolver a ideia de jogos de linguagem como uma instância que possibilita o uso da linguagem. Depois, iremos analisar a ideia de que muitas das vezes o significado pode ser pensado

como o uso. Essa ideia, sugerida como uma suposta teoria wittgensteiniana do significado, quando mal compreendida pode resultar em diversos problemas semelhantes aos encontrados na imagem agostiniana e não apresentaria Wittgenstein como uma novidade que se localiza para além da imagem que pensa o significado como determinado por referências associadas ao mesmo. Ainda nessa terceira parte, iremos explorar, as ideias compreendidas pelo ideal de normatividade baseado em regras para esclarecer por que mesmo pressupondo certa regularidade no uso das expressões linguísticas não é necessário pressupor que esse uso seja completamente determinado por regras que orientam qualquer uso possível. Por fim, nessa última seção, iremos esclarecer o que pode ser pensado como contexto, como uso da linguagem em contextos de práticas estabelecidas que é uma das principais contribuições do austríaco para a superação da imagem agostiniana e dos problemas associados a essa determinada imagem da linguagem.

Dessa forma, nosso trabalho pretende mostrar como essa ideia que sugere o significado como determinado por uma relação entre a linguagem e o mundo é resultado de uma compreensão parcial, por isso equivocada, do que seja a linguagem. Quando se compreende como a linguagem funciona nos mais diversos contextos de uso, quando se observa na prática dos jogos de linguagem o uso das diversas expressões linguísticas, a limitante imagem agostiniana se mostra como o resultado de uma imaginação que pensa a linguagem numa perspectiva limitadora, resulta em diversos problemas que não seriam possíveis se a linguagem fosse compreendida em toda sua complexidade.

Uma observação que se faz necessária ainda no início desse trabalho é que não iremos observar o desenvolvimento das ideias de Wittgenstein até chegar às *Investigações*. Por isso, iremos nos dedicar exclusivamente ao texto dessa obra madura. As referências a outras obras de Wittgenstein, principalmente ao *Tractatus*, serão utilizadas apenas para ilustrar essa contraposição entre a compreensão da linguagem segundo as *Investigações* com a antiga concepção de linguagem que pode ser pensada como atrelada à imagem agostiniana. No próprio prefácio das *Investigações*, o austríaco recomenda que essa obra tardia poderia ser mais bem compreendida se fosse lida em contraste com o *Tractatus*, pois dessa forma, os novos

pensamentos poderiam ser esclarecidos e se mostrariam como completamente diferentes de seu antigo modo de pensar.

Outra observação inicial é que iremos concentrar nosso trabalho nos 88 primeiros parágrafos das *Investigações*. Esse recorte se faz necessário porque defendemos que, nesses parágrafos, Wittgenstein desenvolve sua forma de pensar a linguagem questionando as principais ideias encontradas na imagem agostiniana, especialmente a ideia de significado como uma associação que seria estabelecida entre a linguagem e o mundo. Nesses parágrafos, portanto, o austríaco investiga tudo aquilo que poderia ser pensado como a referência no mundo que seria associada aos termos linguísticos, como por exemplo, os objetos, os fatos, para que os mesmos possam ter significado determinado. Mais ainda, ele investiga a própria ideia de análise da linguagem como uma instância que possibilitaria a determinação precisa de toda significação linguística através da associação entre um nome e um elemento simples do mundo pensado como o significado determinado desse termo. As referências a outros parágrafos das *Investigações* serão feitas apenas para aprofundar os temas centrais dos primeiros 88 parágrafos que serão objetos de nossa investigação.

Por fim, ressaltamos que não pretendemos oferecer um comentário para cada um dos 88 primeiros parágrafos, muito menos de todos os assuntos que se encontram nessa parte. Por isso, temas importantes, como o uso dos conceitos e a noção de semelhanças de família serão deixados de lado, pois pretendemos analisar apenas aquilo que consideramos fundamental para nosso objetivo que é apresentar as principais características da forma como se pode pensar a linguagem segundo as ideias desenvolvidas por Wittgenstein nas *Investigações* ao questionar o ideal que postula a determinação do significado através de uma associação entre os elementos linguísticos e supostas referências no mundo que significariam tais elementos. Dessa forma, pensamos que ao analisar o caso das referências das palavras e das frases, os objetos e os fatos, bem como observar a ideia de análise da linguagem e o ideal que postula a determinação do uso de um nome com um elemento simples do mundo, é suficiente para alcançar nosso objetivo.

Esperamos que, ao final desse nosso trabalho, seja possível compreender como Wittgenstein pensa a linguagem, nas *Investigações*, através da apresentação de

diversas possibilidades de uso, ideia que é resultado de um diálogo que ele estabelece com a imagem agostiniana ao questionar os pressupostos compreendidos por essa imagem e mostrar as consequências de se pensar a linguagem dessa forma limitada, como determinada por uma relação estabelecida entre a mesma e o mundo. Esperamos, principalmente, esclarecer que tudo aquilo que consideramos linguagem não pode ser pensado numa perspectiva limitante. Não podemos pensar que seria da essência da linguagem representar os fatos do mundo, sugerir que toda linguagem significativa deve estar relacionada com um elemento do mundo. A linguagem, segundo as *Investigações*, compreende diversas possibilidades que não seriam imaginadas se pensássemos a mesma como determinada pelo que acontece no mundo.

## 1 UMA IMAGEM DA LINGUAGEM

A apresentação de uma determinada imagem da essência da linguagem humana no início das *Investigações* é acompanhada pela observação de que essa imagem está na origem de uma ideia segundo a qual toda palavra tem um significado, este significado é correlacionado à palavra, é o objeto que a mesma significa. Assim, no primeiro parágrafo de sua obra, o austríaco explora as principais ideias relacionadas a essa imagem da essência da linguagem que pretende estabelecer uma relação necessária entre o significado e um algo do mundo que seria relacionado ao mesmo. Por isso, segundo essa imagem, as palavras que compõem a linguagem significam os objetos do mundo.

Pretendemos explorar, nessa parte de nosso trabalho, a denominada imagem agostiniana da linguagem que é bem frisada nesses primeiros parágrafos e mostrar como essa imagem é responsável pelo aparecimento de alguns problemas que só são possíveis quando a linguagem é pensada como determinada por uma suposta relação entre a mesma e o mundo. Pretendemos apresentar algumas limitações que são associadas à imagem agostiniana ao observar o diálogo feito por Wittgenstein com essa imagem da linguagem para caracterizar quais são as principais dificuldades que são encontradas na imagem agostiniana.

Ao final dessa parte, iremos apresentar essa outra forma de compreender a linguagem que é resultado do diálogo que Wittgenstein estabelece com a imagem agostiniana. Nessa nova forma de compreensão, a pergunta pelo significado é substituída pela ideia de uso das expressões linguísticas em determinados contextos de práticas. Dessa forma, será possível compreender por que a linguagem não poderia ser pensada como determinada por uma relação necessária que é estabelecida entre a mesma e o mundo. A linguagem pode ser pensada a partir da diversidade de uso das expressões linguísticas nos mais variados contextos que justificam essa prática. A linguagem, portanto, pode ser pensada como uma atividade prática que é sempre dependente de um contexto de práticas estabelecidas.

## 1.1 Uma determinada imagem da essência da linguagem

A apresentação da imagem agostiniana da linguagem ocorre em uma citação que Wittgenstein faz de uma passagem das *Confissões*. Ao iniciar as *Investigações* com essa citação, o austríaco não pretende apresentar o desenvolvimento do que poderia ser considerada a concepção, ou teoria, agostiniana da linguagem. Se essa fosse sua intenção, ele poderia ter iniciado as *Investigações* utilizando algumas referências de outra obra de Agostinho, por exemplo, o *De Magistro*, obra em que o filósofo cristão elabora com detalhes o que ele pensa ser, essencialmente, uma concepção teórica sobre a linguagem.

Ao citar uma curta passagem das *Confissões*, em vez de qualquer outra obra do filósofo cristão que desenvolve uma concepção completa do que seja a linguagem, Wittgenstein pretende apresentar, já no início das *Investigações*, uma certa imagem da linguagem que conduz o pensamento filosófico a considerar como necessárias certas situações. A imagem agostiniana da linguagem, portanto, pode ser pensada como uma instância que condiciona o filósofo a uma busca pelo significado linguístico pensado como um algo que seria relacionado à linguagem. Segundo essa maneira de pensar, toda e qualquer linguagem significativa possuiria como essência a capacidade de significar coisas que são correlacionadas com a linguagem, representar determinados acontecimentos do mundo.

Por pensar a linguagem segundo esse modelo associado à imagem agostiniana, por ter assumido alguns pressupostos compreendidos por essa maneira de compreender a linguagem, significativa parte da tradição filosófica encontrou-se com diversos problemas que se tornaram possíveis somente porque os mesmos estão fundamentados nessa ideia sedutora, são condicionados por uma imagem segundo a qual toda palavra possui um significado que é correlacionado à mesma, esse significado é o objeto que a palavra designa.

Por isso, defendemos que por apresentar essa determinada imagem da linguagem, no início das *Investigações*, Wittgenstein tem a intenção de explorar algumas ideias que conduzem o pensamento numa determinada direção que, por fim, conduz o filósofo a buscar um algo especial que seria a instância de significação da

linguagem. Dessa forma, a intenção do austríaco é explorar os pressupostos e as consequências implicados nessa imagem da linguagem.

Ao comentar essa passagem das *Investigações*, Stern (2004, p. 74) afirma que a primeira preocupação de Wittgenstein, nesse início, não é fornecer uma declaração sofisticada de problemas filosóficos e soluções teóricas implicadas nesses problemas. Pelo contrário, ele pretende investigar como se originam esses problemas. Por isso, o austríaco não começa sua obra com a apresentação de uma filosofia sistemática ou com a consideração de uma obra filosófica específica que forneça uma concepção completa do que seja a linguagem. Wittgenstein começa sua obra com a consideração de alguns padrões de pensamentos que tem sua origem numa determinada imagem da linguagem que é exemplificada pelo caso agostiniano, pois essa imagem proporciona o aparecimento de alguns problemas relacionados ao significado que não seriam possíveis se a linguagem fosse pensada de uma forma diferente.

Por isso, defendemos que ao citar essa passagem das *Confissões* no início de sua obra, Wittgenstein tem a intenção de apresentar uma maneira de percebermos como determinadas ideias estão na origem de algumas especulações filosóficas, essas ideias são determinadas por uma forma de compreensão resultante de uma imagem da linguagem que direciona o pensamento em um determinado caminho. A linguagem tem sua origem em situações cotidianas, ocorre de uma determinada forma com finalidades específicas. Porém, quando observamos as ideias que estão na origem da imagem agostiniana, percebemos que as mesmas ocorrem porque se abandonou um uso bem específico com uma determinada finalidade. A consequência dessa ação resulta em especulações filosóficas que situam esse uso para além do caso inicial, pois o filósofo abandona o uso regular da linguagem e se põe a falar de essência da linguagem, de significado como uma coisa que seria relacionada à linguagem.

Baker (2001, p. 10) afirma que uma imagem não fornece uma informação errada ou certa sobre a linguagem, pois uma imagem é apenas um modo de ver as coisas. Uma imagem possui como característica principal o fato de que é uma metáfora ou uma alegoria. Por isso, ao iniciar as *Investigações* pela apresentação de uma imagem da linguagem, Wittgenstein não está pretendendo mostrar todos os possíveis erros, equívocos, ou mesmo a falsidade da imagem agostiniana da linguagem. Pelo contrário,

nesse início, o austríaco está querendo mostrar quais são as ideias que podem surgir porque a linguagem é pensada numa determinada perspectiva que tem sua origem numa imagem particular.

Uma imagem da linguagem, portanto, não pode ser pensada como uma concepção filosófica desenvolvida, ou uma teoria da linguagem, resultado de uma observação da prática linguística. Uma imagem da linguagem é anterior a qualquer especulação filosófica, pois orienta o pensamento numa determinada direção. Por isso, uma imagem da linguagem pode estar no início de um movimento em direção a uma concepção filosófica da linguagem, pois a mesma poderia postular que há uma essência da linguagem, que há um fundamento a partir do qual toda a linguagem encontraria sua determinação.

Para Moreno, as imagens possuem algumas características, dentre as quais ele ressalta que,

(...) as imagens conduzem a determinar o sentido (*Sinn*) de maneira “inequívoca” (*eindeutig*). As imagens nos “convidam” (*forden*) a fazer uma aplicação determinada, elas contêm uma sugestão de aplicação, a saber um caso “normal” (*normalen*) de aplicação; as imagens, enfim, parecem “constringir” (*zwingen*) a uma aplicação determinada. As imagens exercem, pois, uma força sobre nosso pensamento, orientando-o em uma direção “inequívoca” (Moreno, 1995, p. 35).

Por isso, uma imagem da linguagem pode ser considerada uma maneira peculiar de olhar para a linguagem que é anterior a qualquer teorização sobre a mesma. Por exemplo, a imagem agostiniana conduz à ideia de que a linguagem seria determinada por uma relação que ocorreria entre palavras e objetos. Dessa forma, essa imagem condiciona o pensamento em uma determinada direção, ela está na origem de uma busca daquilo que seria o significado último, preciso, das palavras, pois para a imagem agostiniana, o significado é pensado como um isto que seria associado à palavra. Uma imagem da linguagem, portanto, pode ser pensada como uma maneira que direciona o pensamento na aventura de uma teoria sobre a natureza da linguagem.

Assim, se pensarmos a linguagem segundo a imagem agostiniana, podemos ser conduzidos à ideia de que a linguagem seria um reflexo daquilo que acontece no mundo, pois as palavras que compõem a linguagem poderiam ser pensadas como a

instância que significa os objetos que compõem o mundo, a mesma quantidade de elementos linguísticos estaria relacionada aos elementos do mundo. Por isso, a imagem agostiniana pode ser pensada como um direcionamento do pensamento que supõe a linguagem como fundamentada numa relação de significação entre as palavras e os objetos do mundo.

No entanto, ao explorar essas ideias associadas à imagem agostiniana, questionando alguns pressupostos implícitos nessa forma de pensamento, Wittgenstein irá desenvolver outra possibilidade de se pensar a linguagem, mostrará as limitações da imagem agostiniana, apresentará as expressões linguísticas como uma forma possível de uso que é contextualizado, que tem uma determinada finalidade. Segundo esse modo de pensar a linguagem, o significado das mais variadas expressões linguísticas não pode ser pensado como determinado por uma coisa, um objeto, que estaria associada às mesmas, pois as palavras, como as frases, são formas linguísticas com usos possíveis porque possuem uma finalidade que é determinada num contexto de práticas estabelecidas.

Como ressaltamos, nas *Investigações*, Wittgenstein explora as ideias compreendidas pela imagem agostiniana que conduz o pensamento à suposição de que a linguagem significaria um algo do mundo, por isso, estaria relacionada com este algo. Por isso, na busca filosófica pela essência da linguagem está a convicção de que as diversas expressões linguísticas estariam relacionadas a um isto que seria associado às mesmas. Somente de posse dessa convicção, proporcionada por uma determinada imagem da linguagem, a imagem agostiniana, é possível desenvolver uma teoria para estabelecer uma verdade que revelaria a essência da linguagem, é possível a busca pelos fundamentos que determinariam o significado.

Assim, se aceitarmos os pressupostos compreendidos pela imagem agostiniana, que é anterior à observação do uso da linguagem nas práticas pontuais, então a tarefa de uma teoria verdadeira sobre a linguagem seria especificar quais fatos demonstram a essência da linguagem a partir da ideia fundamental que garante que toda palavra tem um significado, que é o objeto que essa palavra designa. Por isso, compreendemos por que a ideia de imagem da linguagem é anterior a uma teoria. Por estar comprometido com uma série de situações que são pressupostas por uma determinada imagem da

linguagem, o filósofo inicia uma busca por uma teoria que assume a tarefa de desvendar toda a essência da linguagem. Uma imagem, então, força o pensamento numa determinada direção.

Segundo Baker & Hacker (2005, I<sup>1</sup>, p.p. 2-4), na citação do trecho das *Confissões*, encontramos a apresentação de uma determinada imagem: a imagem agostiniana da linguagem. Esta imagem aponta para uma maneira natural de explicar o que uma palavra significa, ela exhibe as raízes de onde numerosas concepções filosóficas do significado emergem, ela está fundamentada na suposição de que a linguagem se conecta com a realidade a partir de um ato de significação. Baker & Hacker sustentam que Wittgenstein, nas *Investigações*, ataca essas ideias contidas na imagem agostiniana.

The Augustinian conception of the essence of human language has moulded centuries of reflection. It is not itself a 'theory of language', let alone a 'theory of meaning'(...). Against the background suppositions that the essential function of words is to stand for things, that the things words stand for are what they mean, and that words are correlated with their meanings by ostension, which connects language to reality, many questions arise and are given a variety of different, often incompatible, answers. What they have in common is the unchallenged framework. In altogether characteristic manner, it is primarily this that Wittgenstein attacks — not so much the various doctrines and theses propounded by different, conflicting philosophies throughout the ages, but the common presuppositions (BAKER & HACKER, 2005, I, p. 3).

No entanto, para Stern (2004, p.p. 78-79), a citação de Agostinho na abertura das *Investigações* não é um mero ponto de partida para futuras críticas de visões que seriam equivocadas sobre o que se pode pensar como o significado, ou a aprendizagem da linguagem. Agostinho não afirma, nas *Confissões*, que sua aprendizagem da linguagem fornece um modelo para a compreensão do que toda palavra significa. O autor das *Confissões* também destaca outras situações importantes no aprendizado da linguagem, que não são consideradas por Wittgenstein ao formular a

---

<sup>1</sup> As duas obras de Baker & Hacker de 2005 utilizadas em nosso trabalho serão citadas com a seguinte indicação: para *Wittgenstein: Understanding and meaning. Part I: essays*. Vol. 1 of An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations. USA: Blackwell Publishing, 2005, utilizamos I; para *Wittgenstein: Understanding and meaning. Part II: exegesis* § 1- 184. Vol. 1 of An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations. USA: Blackwell Publishing, 2005, utilizamos II.

imagem agostiniana, como “chamar a atenção”, que envolveria, certamente, gestos, expressões faciais, etc.

Segundo Stern (2004, p.p. 82-83), Baker & Hacker fazem um movimento certo ao afirmar que o grande alvo das *Investigações* é a imagem que está por trás dos temas que são discutidos, porém, o principal objetivo de Wittgenstein não é tanto mostrar que Agostinho está equivocado ao apresentar os supostos erros que seriam encontrados na concepção agostiniana da linguagem, mas nos levar a perceber o que está envolvido quando se começa a procurar uma explicação filosófica da linguagem e do significado segundo um determinado modelo fornecido por uma peculiar imagem. Stern, ainda, afirma que Wittgenstein cita Agostinho iniciando por um “parece-me” (so scheint es mir), por isso, mais que citar a teoria da linguagem do autor das *Confissões*, o autor das *Investigações* utiliza-se de Agostinho para provocar um certo tipo de leitura e para apresentar um esboço de uma imagem que será o tema de investigação das seções de abertura do livro.

Nosso trabalho, portanto, seguirá esta indicação de Stern, pois não pensamos como Baker & Hacker que é objetivo de Wittgenstein apresentar um ataque contra a imagem agostiniana da linguagem que deveria ser um alvo de críticas por ser uma imagem equivocada porque é a base para uma teorização filosófica da essência da linguagem. Pensamos que o austríaco inicia sua obra com a consideração de uma maneira comum de compreender a linguagem, que encontra sua origem numa determinada imagem que postula que toda palavra tem um significado que é o objeto designado pela mesma.

Assim, no início das *Investigações*, Wittgenstein explora as ideias contidas nessa imagem, apresenta o que está implícito na consideração da linguagem a partir dessa forma. Mais ainda, através de um diálogo com essa imagem da linguagem, mostrando suas limitações, uma nova forma de compreensão da linguagem emergirá como consequência de algumas observações dos pressupostos e problemas que surgem quando pensamos a linguagem segundo a imagem agostiniana. Wittgenstein, portanto, não pode ser classificado, para seguir a sugestão de Baker (2001, p.p 10-14), como um filósofo analítico que pretende mostrar o erro da concepção agostiniana da linguagem e

em seu lugar sugerir uma nova teoria da linguagem que é verdadeira e não falsa, como seria a agostiniana.

Por isso, ao explorar as ideias encontradas na imagem agostiniana, Wittgenstein não pretende fornecer uma nova teoria para substituir a equivocada teoria de Agostinho. Pelo contrário, ele pretende dialogar com essa imagem da linguagem, pretende apresentar todos os pressupostos compreendidos pela imagem agostiniana, extrair todas as consequências de se pensar a linguagem segundo essa perspectiva e mostrar os problemas que se encontram na base dessa imagem segundo a qual toda palavra tem um significado que é o objeto que a mesma designa.

## 1.2 A imagem agostiniana da linguagem

Segundo Agostinho (IF 1<sup>2</sup>),

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio do movimento dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa, ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos.

Destacamos dois aspectos desse trecho das *Confissões* para compreender o que pensa o filósofo cristão sobre a linguagem quando ainda no período de aprendizagem. Primeiro, Agostinho sugere uma associação entre as palavras e os objetos que seriam designados pelas mesmas. Depois, ele chama a atenção para o fato

---

<sup>2</sup> Em nosso trabalho consultamos a edição bilíngue: Wittgenstein, L. *Philosophical Investigations*. Translated by G. E. M. Anscombe; P. M. S. Hacker and J. Schulte. 4 ed. Oxford: Blackwell Publishers, 2009. Também consultamos a edição em língua portuguesa: Wittgenstein, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Optamos por citar as *Investigações* segundo a tradução em língua portuguesa consultada realizando algumas correções quando for necessário.

de que percebia que as palavras ouvidas designavam alguns objetos porque os adultos empregavam alguns gestos ao pronunciarem as palavras para indicar o que pretendiam designar pelas mesmas.

Para exemplificar essa forma de abordagem da linguagem, observemos um caso específico de denominação de um objeto como maçã pela palavra 'maçã' em uma frase do tipo 'Esta maçã é vermelha'. O objeto maçã seria, então, o significado da palavra 'maçã'. Portanto, o fundamento da linguagem pensado nessa perspectiva repousaria na relação de significação entre uma palavra e um objeto. 'Maçã' significaria precisamente maçã. No entanto, 'maçã' poderia ser usada para significar coisas bem diferentes, como por exemplo, a fruta ou uma parte do rosto de uma pessoa. Também, podemos compreender por 'maçã' qualquer aspecto específico dessa fruta, como a forma, a espessura ou uma cor. Por isso, Agostinho ressalta que são importantes alguns gestos no momento da indicação do significado de uma palavra como 'maçã'. Ressaltamos, assim, que nessa citação das *Confissões*, podemos perceber a importância de uma orientação contextualizada que irá especificar o que se pretende significar com uma determinada palavra.

A leitura dessa passagem das *Confissões*, porém, apresenta um primeiro problema que a imagem agostiniana da linguagem precisará considerar. Esse problema é resultado de um pressuposto compreendido pela mesma. A imagem agostiniana não considera uma diferença fundamental entre os diversos tipos de palavras, pois Agostinho afirma que 'aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados'. A imagem agostiniana, portanto, sugere que toda palavra tem como única função designar uma determinada coisa, as palavras são pensadas como nomes que tem como finalidade significar as coisas.

Assim, ainda nesse início, não somos capazes de perceber que há uma distinção entre diferentes tipos de palavras. Segundo a imagem agostiniana, toda palavra parece ser de uma mesma espécie, ou ter uma única função que é designar um algo definido, um objeto qualquer. Não há como uma palavra ser pensada com outra função, além de ser um nome para denominar algo. Ressaltamos, ainda, que a imagem agostiniana

pressupõe que existe uma associação precisa que conecta uma palavra, usada como nome, com um objeto que seria o significado.

Enfatizamos, também, que essa passagem das *Confissões* destaca algumas memórias de Agostinho quando ainda era criança, quando ainda estava aprendendo a falar, aprendendo a utilizar a linguagem. Nesse aprendizado, o filósofo cristão esclarece que os gestos tiveram papel fundamental para que ele fosse capaz de deduzir aquilo que os adultos pretendiam denominar com as palavras quando utilizavam as mesmas em diferentes situações.

No entanto, a maneira como Agostinho relembra seu aprendizado da linguagem pressupõem certas situações que possibilitam a criança ser capaz de compreender a linguagem. Por exemplo, há um pressuposto de que uma criança que ainda está aprendendo a falar é capaz de compreender através dos gestos empreendidos pelos adultos o que se quer denominar com uma palavra qualquer, por isso, pela palavra 'maçã', a criança deveria ser capaz de saber que os adultos estivessem denominando a fruta específica, ou seu formato, ou talvez uma quantidade, ou inclusive a cor da mesma. Deveria ser capaz de diferenciar com a palavra uma qualidade da fruta, e não mais o objeto específico. Essa habilidade se mostra como bem complexa para quem ainda estaria no processo de aprendizado da linguagem.

A imagem agostiniana, portanto, precisa responder a alguns questionamentos que podem surgir, por exemplo, como uma criança que ainda está aprendendo a linguagem, que ainda não domina uma língua específica, é capaz de acompanhar um processo de denominação das palavras ao apontar para um determinado objeto através de um gesto qualquer? Como ela sabe diferenciar palavras que denominariam características de um objeto, a forma ou a quantidade, de palavras que denominariam o nome desse objeto? Qual característica bem específica do objeto é denominada pela palavra empregada pelos adultos?

Pela leitura atenta dessa citação das *Confissões*, podemos pensar que Agostinho, para responder como uma criança que ainda está aprendendo a linguagem seja capaz de tamanha perspicácia, pressupõe que a criança aprendiz já domine uma habilidade anterior ao processo de aprendizado da linguagem, ou seja, já domina algum tipo de “linguagem” anterior ao aprendizado de denominação das palavras, antes de

aprender o que seria o significado das palavras empregadas pelos adultos em diferentes situações (IF 32). Por exemplo, em outra passagem das *Confissões*, Agostinho parece sugerir essa ideia, pois ele relembra um episódio quando ainda estava aprendendo a falar.

“(...) Não podia, porém, exteriorizar tudo o que desejava, nem ser compreendido daqueles a quem me dirigia. Retinha tudo na memória quando pronunciavam o nome de alguma coisa e quando segundo essa palavra moviam o corpo para ela.” (AGOSTINHO, 2008, p.p. 31-32)

Assim, somente se a criança agostiniana possuir uma habilidade anterior ao aprendizado de denominação de palavras, por exemplo, ser capaz de olhar para o objeto que se quer chamar a atenção ou saber ver o que se pretende mostrar naquilo para o qual se chama a atenção, essa criança poderá ser capaz de diferenciar tipos de palavras. A criança, portanto, precisa possuir uma linguagem antes de aprender a linguagem materna, ou a linguagem de denominação. De posse dessa habilidade, a criança seria capaz de diferenciar as espécies de palavras que foram usadas pelos adultos. Por exemplo, ao denominar um objeto, o adulto seria capaz de chamar a atenção da criança para o fato de que esse objeto determinado, ou essa característica do objeto, é aquilo que é denominado pela palavra empregada. Portanto, a criança deveria saber qual o papel compreendido pelas palavras numa dada situação, ainda que esta criança estivesse aprendendo a linguagem.

As *Confissões* também destacam que ainda no processo de ensino da linguagem a uma criança, algumas “práticas” são necessárias para que seja possível o aprendizado. Por exemplo, Agostinho relembra que além de denominar alguns objetos com algumas palavras, os adultos empregavam alguns gestos que indicariam que objeto é denominado pela palavra específica. Os gestos possibilitam a compreensão da criança quando o adulto quer chamar a atenção para algo. Através dos gestos, por exemplo, poderíamos afirmar que seria possível compreender como ocorreria uma associação entre uma palavra e um objeto, qual característica do objeto o adulto quer indicar ao apontar para o mesmo.

A noção de que são necessários gestos para chamar a atenção de uma criança que está aprendendo a linguagem compreende, além desses gestos, talvez expressões faciais ou entonação de voz que poderiam facilitar a compreensão do significado das palavras através de uma associação entre as mesmas e um objeto preciso. Somente assim, será possível saber o que se pretende denominar com uma palavra empregada em uma frase, associar essa palavra com um objeto.

Por isso, segundo essa citação das *Confissões*, somente se considerarmos o aprendizado num contexto de práticas estabelecidas, que de certa forma são compartilhadas pela criança que está num processo de aprendizagem, podemos dizer que seria possível à mesma aprender a linguagem, seria possível o processo de denominação das palavras, seria possível acompanhar o uso das palavras e saber o que as mesmas significam. O exemplo agostiniano não pode, portanto, ser considerado um momento de iniciação na atividade linguística, pois a criança já deveria possuir algumas habilidades, já deveria estar iniciada na linguagem.

No entanto, ainda que seguíssemos pensando o aprendizado da linguagem segundo o modelo agostiniano, outro questionamento se apresenta e necessita de algumas considerações. Por exemplo, ao sugerirmos alguns gestos empregados pelos adultos para chamar a atenção das crianças para os objetos denominados pelas palavras, para indicar à criança que uma determinada palavra indicaria um determinado objeto, ou uma característica daquele objeto, a imagem agostiniana terá que ser capaz de dizer como uma criança, que ainda está em um processo de aprendizagem da linguagem, seria capaz de seguir corretamente a indicação dos gestos empregados pelos adultos. Como ao apontar para uma maçã, por exemplo, e dizer a palavra 'maçã', a criança seria capaz de seguir uma direção precisa que aponta do dedo para a maçã, e não a direção contrária?

Esses questionamentos lançam algumas dificuldades se seguirmos pensando a linguagem segundo as ideias compreendidas pela imagem agostiniana. No entanto, como já ressaltamos, Wittgenstein não pretende descartar a imagem agostiniana como uma equivocada teoria do que seja a linguagem. Por isso, ele segue considerando, nesse primeiro parágrafo, algumas ideias que podem ser encontradas na leitura que ele faz das *Confissões* para compreender como a imagem agostiniana pensa a linguagem.

Na compreensão do austríaco, as palavras de Agostinho sugerem um modo de perceber o que seria o fundamento de toda linguagem significativa, mostram a essência da linguagem.

Nessas palavras, parece-me, temos uma determinada imagem da essência da linguagem humana. É esta: as palavras da linguagem denominam objetos – as frases são combinações dessas denominações. – Nessa imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: toda palavra tem um significado. Este significado é correlacionado com a palavra. É o objeto que a palavra substitui.

Para Wittgenstein, portanto, a imagem agostiniana da linguagem possui como característica principal a ideia de significado que determinaria toda forma possível de uso da linguagem. O significado é pensado como uma denominação dos objetos através de palavras, as frases são pensadas como ligações dessas denominações. O significado é o objeto que a palavra denomina, substitui. Segundo o austríaco, na citação de Agostinho nós encontramos a ideia de que a linguagem possui uma essência, pois toda linguagem teria por natureza fundamental a capacidade de significar alguma coisa precisa, por isso, é determinada pelos elementos que constituem o mundo, a referência das palavras e das frases. Nessa citação, portanto, encontramos a ideia de que o nomear constituiria a essência daquilo que chamamos de linguagem. Por isso, para o filósofo cristão toda palavra exerce apenas a função de nomear um algo bem específico.

A imagem agostiniana, portanto, pensa a linguagem apenas numa perspectiva segundo a qual toda palavra é usada como um substantivo, ou seja, é usada para associar à linguagem determinados tipos de objetos, de coisas, através das palavras. Como toda palavra denominaria um objeto que seria o significado, podemos pressupor que a imagem agostiniana pensa as frases da linguagem apenas numa perspectiva. As frases seriam usadas apenas na forma representativa, ou seja, elas seriam proposições que teriam como função representar alguns fatos que acontecem no mundo, o significado dessas frases. Por isso, como consequência, podemos afirmar que a linguagem é pensada como uma representação do que acontece no mundo. A linguagem, segundo a imagem agostiniana, poder ser pensada como um espelho que reflete a estrutura do mundo.

No entanto, na sequência do primeiro parágrafo, após apresentar os primeiros questionamentos que surgem ao se considerar a imagem segundo a qual “toda palavra tem um significado”, após perceber alguns problemas que surgem na consideração da linguagem a partir dessa perspectiva, após extrair da citação de Agostinho uma imagem que conduz o pensamento numa busca pelos fundamentos da linguagem, Wittgenstein desenvolve algumas observações que apresentam uma maneira diferente de se compreender a linguagem, que mostram as limitações da compreensão da linguagem segundo a imagem agostiniana.

Pense agora no seguinte uso da linguagem: mando alguém fazer compras. Dou-lhe um pedaço de papel, no qual estão os signos: “cinco maçãs vermelhas”. Ele leva o papel ao negociante; este abre o caixote sobre o qual encontra-se o signo “maçãs”; depois, procura numa tabela a palavra “vermelho” e encontra frente a esta um modelo da cor; a seguir, enuncia a série dos numerais – suponho que a saiba de cor – até a palavra “cinco” e a cada numeral tira do caixote uma maçã da cor do modelo. - Assim, e de modo semelhante, opera-se com palavras. – “Mas como ele sabe onde e como procurar a palavra 'vermelho', e o que vai fazer com a palavra 'cinco'?” – Ora, suponho que ele aja como eu descrevi. As explicações têm em algum lugar um fim. – Mas qual é o significado da palavra “cinco”? – De tal significado nada foi falado aqui; apenas, de como a palavra “cinco” é usada.

Essas observações finais do primeiro parágrafo apresentam algumas ideias que avançam em relação ao modo como a imagem agostiniana compreende a linguagem. Wittgenstein considera que para saber usar palavras como 'cinco', 'maçãs', 'vermelho' nós não precisamos saber o significado que seria associado a essas palavras, pois elas podem ser consideradas formas de usos possíveis num contexto determinado, sem termos necessidade de postular alguma coisa que seria associada às mesmas. Por exemplo, somos capazes de usar a palavra 'cinco' sem precisar saber 'o que é cinco', o significado que seria relacionado 'cinco'. Assim, o austríaco pretende chamar a atenção para o fato de que as palavras podem ser usadas sem ser necessário postular alguma coisa que seja relacionada às mesmas, seja um objeto, ou alguma característica desse objeto.

O uso das palavras, porém, pressupõe determinadas competências, tanto de quem as ouve, quanto de quem as pronuncia nas mais diferentes frases para que as

mesmas possam engendrar algum tipo de ação naqueles que as utilizam com uma determinada finalidade. Por exemplo, o falante, para ser bem sucedido, precisa fazer-se compreendido pelo ouvinte, este precisa compreender o falante. Mais ainda, podemos usar essas palavras, descrever seus usos possíveis, sem necessitar associar às mesmas algum objeto do mundo. Portanto, temos que dominar algumas competências para sermos capazes de usar a linguagem numa forma possível.

No final desse primeiro parágrafo, Wittgenstein avança um passo para além da imagem agostiniana da linguagem. Nesse momento, ele ressalta que saber o 'significado' das palavras não desempenha qualquer função no uso das mesmas. Podemos descrever diferentes usos de palavras sem pressupor um significado que seja associado às mesmas. No entanto, é necessário ressaltar que qualquer uso das palavras pressupõe habilidades que possibilitam as ações dos diversos usuários da linguagem, essas habilidades são adquiridas quando do aprendizado. Portanto, o emprego da linguagem, ainda que numa forma simples, implica o domínio de algumas habilidades tanto de quem a emprega, quanto de quem a compreende. Porque essas habilidades são localizadas num contexto de práticas em que a atividade linguística ocorre, contexto que possibilita, por exemplo, as ações entre o feirante e quem foi à feira comprar algo, podemos saber se essa determinada ação foi bem sucedida, se o emprego da linguagem resultou em determinadas práticas, se houve um uso possível das expressões linguísticas empregadas.

Poderíamos insistir, entretanto, que segundo a imagem agostiniana da linguagem, a ação de quem fala e de quem ouve é determinada pela compreensão do significado determinado de cada uma das palavras empregadas. No entanto, se insistíssemos nessa consideração, deveríamos ser capazes de, além de indicar as diferenças entre os diversos tipos de palavras para designar os mais variados tipos de objetos e características dos mesmos, explicar quais são as habilidades que são pressupostas para que os falantes, em um determinado contexto de prática linguística, sejam bem sucedidos. Deveríamos explicar como ocorre a associação entre a palavra e o significado específico da mesma, seja um adjetivo, ou um substantivo. No entanto, como vimos, palavras podem ser consideradas como usos possíveis da linguagem porque aqueles que as utilizam compartilham determinadas práticas estabelecidas que

possibilitam os diversos usos com uma determinada finalidade. Por isso, o resultado dessa consideração de Wittgenstein, ao final do primeiro parágrafo, é a certeza de que não precisamos compreender o uso das expressões linguísticas como uma associação de uma palavra com um objeto, pois o uso da linguagem ocorre num contexto de práticas estabelecidas com uma determinada finalidade.

Assim, podemos acompanhar a observação final de Wittgenstein que resultará em outras questões, mas principalmente, deixará uma sensação embaraçosa com a imagem agostiniana da linguagem. Essa observação apresenta algumas ideias que estarão presentes na forma como ele compreende a linguagem que será desenvolvida na sequência das *Investigações*. Dessa forma, no final desse primeiro parágrafo podemos ler,

– Mas qual é o significado da palavra “cinco”? – De tal significado nada foi falado aqui; apenas, de como a palavra “cinco” é usada.

Com essa observação ao final desse parágrafo chave para a compreensão das *Investigações*, Wittgenstein se coloca além das orientações da imagem agostiniana da linguagem, pois não pensa que o uso da linguagem é determinado por um significado que seria associado ao mesmo. Por isso, ele extrai uma consequência principal desse diálogo inicial que ele estabelece com a imagem agostiniana que orientará os próximos passos que ele desenvolverá no decorrer de sua obra.

A consequência desse questionamento que o austríaco faz com a imagem agostiniana é enfatizar uma ideia central na nova forma de compreensão da linguagem: mais importante que perguntar-se pelo significado de uma palavra qualquer, querer saber o que denomina uma palavra, é perguntar como as palavras são usadas, com que finalidade. Mais importante que querer saber 'o que' significa uma determinada palavra, ou querer saber 'o que' significa uma determinada frase, é saber 'como' uma determinada palavra é usada, 'como' se usa uma frase qualquer. O uso das diversas expressões linguísticas prescinde da ideia de um significado que seja associado a essas expressões.

Quando se considera a perspectiva de Wittgenstein no primeiro parágrafo das *Investigações*, desde um primeiro momento, percebemos que o austríaco não

desenvolve uma nova concepção do significado para contrapor à concepção de Agostinho. Pelo contrário, Wittgenstein não pensa a linguagem preso à imagem agostiniana, pois não pergunta pelo que significa uma palavra qualquer para que seja possível seu uso. A principal consequência desse início das *Investigações* pode ser compreendida no abandono da ideia de esperar um 'isto' como o significado que determina as diversas expressões linguísticas.

Abandonar a pergunta pelo significado é a principal consequência a que Wittgenstein chega no primeiro parágrafo das *Investigações*. Somos intimados a livrar-nos da pergunta pelo que significa uma determinada expressão linguística num determinado contexto. Essa pergunta que norteou boa parte da filosofia só pode ser feita no interior da imagem agostiniana da linguagem. Esta pergunta, porém, é a principal responsável pelo surgimento dos mais variados problemas que foram construídos ao longo da história da filosofia.

Assim, algumas leituras das *Investigações* que sugerem o significado como o uso podem cair no equívoco de pretender responde à pergunta pelo significado com um 'isto' pensado como um uso determinado por um algo. Essa ideia situaria Wittgenstein, ainda, no interior da imagem agostiniana. É certo que o austríaco afirma que muitas das vezes pode-se responder que o significado de uma palavra é o seu uso (IF 43). No entanto, como iremos ver mais adiante, o uso que se faz de uma palavra em um contexto específico não pode ser pensado como um 'isto' que seria o significado da palavra. Pelo contrário, o uso que se faz de uma palavra pode ser pensado a partir da ideia de 'como' é usada essa palavra, indicando uma forma de uso da palavra num determinado contexto de práticas.

Assim, apresentado o primeiro parágrafo das *Investigações*, apresentada a chamada imagem agostiniana da linguagem, após alguns questionamentos de seus pressupostos, extraídas algumas consequências de se pensar a linguagem segundo essa perspectiva, não podemos dizer que a imagem agostiniana da linguagem é refutada por Wittgenstein porque considera a mesma como uma imagem errada da linguagem que necessitaria ser substituída por outra, que seria a correta. Na sequência do percurso das *Investigações*, Wittgenstein segue explorando as ideias compreendidas pela imagem agostiniana através de algumas considerações e, nesse

diálogo que ele estabelece com a mesma, uma outra forma de compreensão da linguagem se apresenta.

### **1.3 Uma outra forma de compreensão da linguagem**

Na sequência do diálogo (IF 2) estabelecido com a imagem agostiniana, Wittgenstein considera que o conceito filosófico de significado compreendido pela imagem agostiniana poderia ser pensado, possivelmente, em uma representação primitiva da maneira como a linguagem funcionaria. Para tanto, ele apresenta um jogo de linguagem bem específico que poderia estar de acordo com as ideias centrais da imagem agostiniana.

Imaginemos uma linguagem para a qual a descrição dada por Agostinho esteja correta: a linguagem deve servir para o entendimento de um construtor A com um ajudante B. A executa a construção de um edifício com pedras apropriadas; estão à mão cubos, colunas, lajotas e vigas. B passa-lhe as pedras, e na sequência em que A precisa delas. Para esta finalidade, servem-se de uma linguagem constituída das palavras “cubos”, “colunas”, “lajotas”, “vigas”. A grita essas palavras; – B traz as pedras que aprendeu a trazer ao ouvir esse chamado. – Conceba isso como uma linguagem primitiva completa.

Nesse exemplo sugerido por Wittgenstein, encontramos uma aplicação da imagem agostiniana da linguagem a um caso completo, mais primitivo que o uso da linguagem numa forma desenvolvida. Pode-se dizer que esse exemplo apresenta um caso específico de aplicação da linguagem segundo a imagem que tem como fundamento a ideia de significado como uma associação entre a linguagem e um algo específico, pois há palavras que podem ser relacionadas com determinados objetos, que significam as mesmas, e podemos imaginar alguns movimentos corporais como tonalidade de voz e expressões faciais que possibilitariam a ação entre o construtor e seu ajudante. Wittgenstein afirma que esse exemplo pode ser pensado como uma linguagem primitiva completa, pois é bem simples e não apresenta problemas que impediriam o desenvolvimento das ações pretendidas através do uso da linguagem pelo construtor e seu ajudante.

Esse exemplo de uma linguagem primitiva completa lembra, em alguns aspectos, o exemplo do negociante, do final do primeiro parágrafo e, aqui, é importante ressaltar que o construtor necessita que seu ajudante compreenda o que ele está pedindo e que tenha a capacidade de agir conforme o que pode ser esperado para que a construção do edifício, por exemplo, aconteça de modo adequado. No entanto, como já destacamos no caso anterior, não se trata de um processo de aprendizagem da linguagem como no caso da citação das *Confissões*, pois tanto no contexto da feira, quanto no contexto da construção, as pessoas envolvidas nessas práticas linguísticas já dominariam algumas competências que tornariam possíveis as ações empreendidas nesses contextos específicos.

No entanto, Wittgenstein (IF 3) ressalta que, embora essa linguagem primitiva completa possa ser considerada uma aplicação bem sucedida da forma como podemos compreender a linguagem segundo a imagem agostiniana, nem tudo aquilo que podemos chamar de linguagem seria esse sistema, pois esse sistema de comunicação está circunscrito a um caso determinado, por exemplo, o caso em que damos ordem para que alguém traga alguma coisa e este alguém, se houver compreendido o que dissemos, agirá da forma como foi pedido. Não podemos dizer, porém, que esse exemplo está fundamentado numa relação entre o nome e um objeto que seria o significado, ainda que possamos utilizar a linguagem na forma denominativa para falar dos objetos localizados nessa situação.

Esse contexto de uso da linguagem pressupõe outras habilidades que não eram compreendidas no contexto de aprendizagem da linguagem. Por exemplo, o ajudante precisa saber que ao ouvir o grito 'lajota' deve ser capaz de uma determinada ação como levar uma lajota para o construtor, e não uma viga. Por isso, essa linguagem primitiva completa é pensada como circunscrita a um caso bem específico de uso. Porém, tudo aquilo que compreende a linguagem não pode ser resumido nesse caso bem específico, pois a linguagem é muito mais que o modelo apresentado no exemplo do parágrafo 2.

Stern (2004, p.p. 10-11) considera esse exemplo como uma explicação do que seria o método do parágrafo 2. Segundo Stern, o modo de proceder de Wittgenstein nas *Investigações*, primeiro, seria introduzir uma breve exposição de uma determinada

posição filosófica para, em segundo lugar, descrever um conjunto específico de circunstâncias em que a posição descrita no primeiro passo seja apropriada e, por fim, realizar algumas observações que mostram o limite das circunstâncias descritas no primeiro passo. Assim que realizássemos um movimento para além dessas circunstâncias, a posição se revelaria inapropriada, ou melhor, mostraria que é limitada a um caso específico.

Acreditamos que essas observações de Stern parecem apropriadas para uma boa leitura das *Investigações* e iremos adotá-la no desenvolvimento de nosso trabalho. Assim, pensamos que Wittgenstein, primeiro, apresenta o que pode ser considerada a forma como a imagem agostiniana sustenta ser a essência da linguagem, porém, o austríaco recusa-se a seguir as orientações compreendidas por essa imagem ao sugerir que devêssemos buscar saber como uma palavra é usada e não tanto querer saber o que uma palavra significa (IF 1). Depois, ele (IF 2) desenvolve um exemplo apropriado em que a imagem agostiniana da linguagem parece funcionar, pois além de saber que uma determinada palavra, por exemplo, 'coluna', significa um determinado objeto, o ajudante reage a possíveis gestos empregados pelo construtor como, por exemplo, uma indicação através dos olhos de qual coluna o construtor quer que o ajudante traga. Por fim (IF 3), Wittgenstein apresenta algumas limitações que esse exemplo mostra como sendo características da imagem agostiniana, pois apesar de ser aplicável a um determinado sistema de comunicação, uma linguagem primitiva completa, a imagem agostiniana pode ser pensada como limitada em sua explicação do que pode ser considerado linguagem.

Por isso, ao final do parágrafo 3, quando já tinha mostrado as limitações da imagem agostiniana, Wittgenstein, através de uma analogia com os jogos, mostra que a linguagem não pode ser pensada somente dessa forma, pois ela não se reduz a um caso específico como o caso da denominação, pois compreende muito mais que esse único exemplo.

É como se alguém explicasse: “Jogar consiste em empurrar coisas, segundo certas regras, numa superfície...” – e nós lhe respondêssemos: “Você parece pensar nos jogos de tabuleiro, mas nem todos os jogos são assim. Você pode retificar sua explicação, limitando-a expressamente a esses jogos”.

A imagem agostiniana, portanto, ao pensar a linguagem como fundamentada na ideia de significado como uma relação que seria estabelecida entre uma palavra e um objeto concebe um caso específico, o de denominação, como sendo a única forma possível de uso da linguagem, aquilo que fundamentaria toda linguagem significativa, que revelaria a essência da linguagem. Segundo a analogia, é como se explicássemos tudo aquilo que poderia ser compreendido como jogo através de um único exemplo e pretendêssemos que esse único exemplo explicasse tudo aquilo que pode ser considerado jogo. Por isso, como os jogos admitem várias possibilidades, não uma única, a linguagem compreende mais que uma única forma, a forma denominativa e sua ideia central de que o significado seria determinado por uma relação entre uma palavra e um objeto.

Wittgenstein, assim, utiliza uma analogia com a ação de 'jogar' (spielen) para mostrar as limitações da imagem agostiniana da linguagem. Se considerarmos que as observações de Stern (2004) sobre o método das *Investigações* são apropriadas, nesse momento, após apresentar a imagem agostiniana que é uma maneira comum de se aproximar da linguagem, após mostrar um exemplo que justificaria a imagem agostiniana através da comparação do uso da linguagem com a ação de jogar, o austríaco introduz um novo elemento que ajudará no desenvolvimento do diálogo com a imagem agostiniana e será fundamental para se compreender a nova forma de uso da linguagem que ele apresenta no decorrer de sua obra. A linguagem é bem compreendida quando comparada a uma atividade, a atividade de jogar, a linguagem pode ser pensada como atividade. Dessa forma, ao introduzir a analogia da linguagem com a ação de jogar, será possível perceber outro movimento em direção a uma nova forma de compreensão do que seja a linguagem que se coloca para além das limitações da imagem agostiniana, que é resultado da generalização de uma forma possível de uso para todos os casos possíveis.

McGinn (1997, p. 39) afirma que nosso sentimento geral de uma necessidade de penetrar os fenômenos nos predispõe a negligenciar o vasto horizonte em que ocorre a atividade linguística humana e coloca nosso foco em elementos linguísticos particulares isolados para estudá-los a fim de discernir sua essência (a essência do nomear, a

essência da linguagem). A tendência de ter uma visão estreita e bem simplificada dos fenômenos da linguagem é combinada com uma tendência de idealizá-la que surge em conexão com nosso desejo de fornecer um modelo claro que explique como toda linguagem funciona.

Por isso, pensamos que se faz necessário ressaltar a limitação da ideia de querer pensar que todo uso possível da linguagem pode ser descrito essencialmente através de uma única forma, o uso denominativo para designar uma coisa do mundo, como tinha pensado a linguagem a imagem agostiniana. Ainda que possível o uso da linguagem no caso denominativo, ele é apenas uma das possibilidades dentre diversas outras possíveis. A imagem agostiniana, no entanto, sugere que um único caso de uso da linguagem seria o fundamento que revelaria a essência de toda linguagem significativa.

Luntley (2015, p. p. 26-27) sugere que nas primeiras seções das *Investigações* tudo o que está sendo testado é a concepção filosófica que tem sua origem na imagem agostiniana e sua certeza fundamental de que palavras nomeiam objetos. Por isso, quando lemos as palavras de Agostinho podemos inferir que ele pensa que palavras nomeiam objetos. No entanto, não podemos dizer que o mesmo defenda uma tese filosófica de que o significado de um nome é o objeto que é denominado. Segundo Luntley, porém, encontramos nas palavras do filósofo cristão uma rica consideração de como a relação entre o nome e o objeto é estabelecida.

A imagem agostiniana, portanto, seria um exemplo que conduz o pensamento numa determinada direção, está na origem do ideal que postula a necessidade de revelar a forma como toda linguagem funcionaria. Os exemplos das duas primeiras seções, no entanto, devem ser lidos como objetos a ser explorados para compreender a imagem agostiniana da linguagem. Nesses exemplos, Wittgenstein mostra que o filósofo cristão aponta para um modo costumeiro de se considerar a linguagem. No entanto, se pensarmos a imagem agostiniana como uma concepção que revelaria a essência da linguagem, a investigação dos exemplos mostra que os mesmos são limitados e com muitos pressupostos que dificultam pensar que toda linguagem seria orientada por essa perspectiva agostiniana.

Dessa forma, o principal problema com a ideia de uma concepção que revelaria a essência de toda linguagem significativa é que tomamos um exemplo ordinário que podemos observar em nossas práticas cotidianas, que teve sua origem num contexto bem determinado, fazemos algumas abstrações ao utilizar esses exemplos específicos e o utilizamos fora do contexto inicial em que ele tinha sido introduzido na linguagem como uma forma simples e corriqueira e, por fim, nos colocamos a falar de essência da linguagem.

Dessa forma, Agostinho não poderia ser invocado como um exemplo que forneceria uma concepção filosófica precisa que revelaria a essência de toda linguagem significativa. Nas palavras do filósofo cristão encontramos, apenas, uma forma comum de aproximação da linguagem e percebemos que a tese de que toda linguagem está fundamentada na ideia de significação como uma relação determinada entre uma palavra e um objeto apresenta-se como uma concepção equivocada do que pode ser considerado o uso da linguagem. Essa ideia é o resultado de um processo de pensamento que fora direcionado pelas ideias que são encontradas na imagem agostiniana da linguagem.

A imagem agostiniana com seus problemas e consequências não pode ser pensada como uma concepção equivocada do que seria a essência de toda linguagem. No entanto, ela pode ser pensada como uma instância que possibilita as investigações de Wittgenstein no decorrer de sua obra. Pela observação das ideias encontradas na imagem agostiniana, o austríaco considera que é importante observar o fenômeno da linguagem numa prática de uso, pois a linguagem não pode ser adaptada a uma teoria que é anterior à observação das práticas linguísticas ordinárias. A partir dessa observação do uso da linguagem nos mais variados contextos, nós encontramos uma nova forma de percepção de usos possíveis das diversas expressões linguísticas e, então, podemos falar de linguagem como uma atividade simples e corriqueira como é a atividade de jogar. Descartamos a tese de que um uso específico revelaria a essência de toda linguagem.

Ao pensarmos a linguagem como uma atividade semelhante aos jogos, somos capazes de perceber que diferentes formas de usos são possíveis e legítimas. No entanto, assim como os jogos possuem algumas características, a linguagem também

possui algumas características que proporcionam uma compreensão de sua especificidade. Dentre as várias características dos jogos que auxiliam na aproximação da forma como podemos compreender a linguagem segundo as *Investigações*, destacamos que os jogos acontecem em alguns contextos específicos e por causa de algumas orientações que facilitariam na prática dos mesmos. Essas orientações são contextualizadas e facilitam a compreensão e a prática dessa atividade.

A analogia da linguagem com a atividade de jogar apresenta, então, uma das características principais da forma como podemos compreender a linguagem que será orientadora do processo de desenvolvimento das *Investigações*. Queremos ressaltar, porém, que essa característica não pode ser considerada como a marca essencial que tudo o que seja linguagem deva possuir. Nesse momento, basta apenas dizermos que essa característica principal é uma marca da forma como Wittgenstein compreende a linguagem em sua obra tardia. Como os jogos ocorrem em contextos de práticas estabelecidas que orientam as possibilidades desses jogos, a atividade linguística só é possível porque a mesma ocorre em um contexto orientador que é compartilhado pelos usuários da linguagem.

Por isso, ainda no exemplo da construção (IF 2), Wittgenstein avança no desenvolvimento de uma nova forma de compreensão da linguagem, ainda que ele forneça um exemplo que poderia ser adequado para a compreensão da imagem agostiniana. Nesse exemplo, o austríaco apresenta a principal característica que possibilita a atividade linguística segundo a nova forma de se pensar a linguagem: a linguagem pode ser pensada como uma atividade que pressupõe um contexto de práticas compartilhadas que indicam algumas orientações que possibilitam o acontecimento dessa atividade. A linguagem não pode ser pensada como fundamentada no modelo de significação entre uma palavra por um objeto. Na sequência da obra (IF 3), Wittgenstein mostra que Agostinho é limitado em sua descrição da linguagem. Segundo o austríaco, assim como não podemos dizer o que é a essência dos jogos através de um único exemplo, não podemos dizer que um único exemplo de uso da linguagem, o uso denominativo, revelaria a essência de toda linguagem, pois esse caso é limitado e problemático, como iremos ver na sequência de nosso trabalho. Como temos diversas possibilidades de jogos, temos diversas

possibilidades de uso da linguagem. Como o contexto em que o jogo ocorre é determinante para que se possa compreender a prática específica de um jogo, da mesma forma, pelo contexto é indicada a forma de uso da linguagem pensada como atividade. Como o contexto fornecerá o critério para saber se um jogo está sendo jogado conforme o esperado, da mesma forma, somente num contexto é possível saber como se usa a linguagem.

Assim, nesses três primeiros parágrafos acompanhamos o surgimento de uma nova forma de compreensão da linguagem, que mostra a mesma como uma atividade prática que ocorre nos mais variados contextos, com as mais diversas finalidades. Para que seja possível a atividade linguística, os usuários precisam compartilhar práticas estabelecidas que orientam essa atividade. A ideia de práticas compartilhadas como o que possibilita a atividade de uso da linguagem orientará as considerações de Wittgenstein ao analisar as principais ideias compreendidas pela imagem agostiniana, principalmente, a ideia de que o significado é determinado por alguma coisa, um objeto específico que seria relacionado às expressões linguísticas.

## 2 SIGNIFICADO E OBJETO

Wittgenstein, como vimos na seção anterior, apresenta uma nova forma de compreensão da linguagem como consequência de um diálogo que ele estabelece com a imagem agostiniana ao questionar a característica principal dessa imagem que é a certeza de que a linguagem seria determinada significativamente por alguma coisa que seria relacionada à mesma, o objeto. Segundo o austríaco, para sermos capazes de usar a linguagem, não precisamos saber o que significa, por exemplo, uma palavra, pensando essa significação como uma relação entre a mesma e um objeto. Por isso, a forma como o austríaco compreende a linguagem, nas *Investigações*, nos faz perceber que mais importante que perguntar-se pelo significado de uma palavra, ou de uma frase, e postular que algo seja associado a essas expressões, é esquecer essa pergunta e procurar saber como se usa uma determinada expressão linguística localizando a mesma num contexto de práticas estabelecidas que são compartilhadas pelos usuários da linguagem.

Nesses primeiros parágrafos das *Investigações*, Wittgenstein já desenvolve um caminho argumentativo que irá percorrer em sua obra. Por isso, nessa parte de nosso trabalho, pretendemos desenvolver algumas das ideias que podem ser pensadas como consequências de se pensar a linguagem segundo a imagem agostiniana. Essas ideias derivam da ideia principal que afirma que toda palavra possui um significado que é o objeto que seria relacionado à mesma. Assim, iremos observar as noções de significado das frases, das palavras e, por fim, a ideia de que uma análise da linguagem revelaria uma forma mais profunda que a ordinária, ao chegarmos aos nomes genuínos que seriam relacionados aos objetos simples, a substância do mundo. Questionaremos, principalmente, a ideia de que o significado é determinado, necessariamente, por uma associação entre um objeto e cada uma dessas expressões.

Esperamos que ao final desse percurso argumentativo, que iremos apresentar nesta seção, as principais ideias da nova forma de compreensão da linguagem sejam

esclarecidas e possamos perceber como muitos dos conhecidos problemas filosóficos resultam de uma má compreensão da linguagem. Quando ampliamos nosso horizonte de compreensão somos capazes de esclarecer alguns desses equívocos que não se mostrariam como possíveis se a linguagem fosse compreendida em toda sua complexidade.

## **2.1 Linguagem e significado**

O núcleo central da imagem agostiniana da linguagem descrito por Wittgenstein no primeiro parágrafo das *Investigações* sugere que a linguagem é composta fundamentalmente de palavras e que frases são constituídas dessas palavras que teriam como significado os objetos relacionados às mesmas. Por isso, a imagem agostiniana pensa que as palavras denominariam os objetos do mundo e as frases representariam os fatos que ocorrem no mundo. Esses fatos que são compostos de objetos seriam relacionados às frases. Portanto, para a imagem agostiniana da linguagem, como é da essência das palavras denominar objetos, é da essência das frases representar fatos do mundo.

A partir desses pressupostos compreendidos pela imagem agostiniana, podemos afirmar que a principal característica dessa imagem da linguagem é pensar que as frases que compõem a linguagem possuem somente uma única forma, a forma representativa. Por isso, essa imagem da linguagem encontra na proposição, um tipo de frase que tem por objetivo representar algo que acontece no mundo, o elemento que estaria relacionado aos componentes fatuais do mundo. Assim, na proposição, a imagem agostiniana encontra um dos elementos fundamentais da linguagem, pois a proposição tem como função representar um fato determinado.

No entanto, a proposição teria seu sentido determinado por causa de suas partes constituintes, ou seja, por causa das palavras que denominariam os objetos que constituem os fatos que ocorrem no mundo. Porque palavras denominariam objetos, que constituem os fatos do mundo, as proposições da linguagem teriam seu sentido determinado e o significado das mesmas seriam os fatos que podem ocorrer no mundo.

Dessa forma, outra vez, pode-se perceber que a principal característica da imagem agostiniana conduz ao pensamento de que a linguagem seria determinada por uma relação estabelecida entre a mesma e o mundo, a linguagem teria como única função representar o que acontece no mundo.

Para ilustrar essas ideias centrais encontradas na imagem agostiniana, nesse momento de nosso trabalho, que pretendemos investigar essas noções de significado das frases, das proposições, das palavras, tomamos a liberdade de utilizar o trabalho de Schlick (1959, p.p. 82-107) *Positivism and Realism* para o esclarecimento dessas ideias e para apresentar, de modo sucinto, uma forma de se pensar a linguagem segundo a imagem agostiniana.

Acreditamos que, nesse trabalho de Schlick, há uma maneira de compreender a linguagem a partir de uma relação que ela estabelece com o mundo conforme pensa a imagem agostiniana. Nesse texto, Schlick explora algumas ideias compartilhadas pela concepção de linguagem do positivismo lógico, bem como fornece algumas explicações do que seja uma concepção positivista de realidade, que pensa a linguagem fundamentada numa relação entre a mesma e aquilo que ocorre no mundo. Por isso, pensamos que esse trabalho é bastante útil em nossa reflexão, não para sustentar que Schlick possa ser considerado um agostiniano linguístico, mas para apresentar de maneira sucinta uma concepção de linguagem que compartilha dos mesmos pressupostos compreendidos pela imagem agostiniana.

Nosso objetivo, portanto, é analisar a concepção de linguagem do conterrâneo de Wittgenstein para apresentar alguns dos principais problemas que poderiam surgir se a linguagem fosse pensada numa perspectiva que pretende estabelecer o significado como determinado pelo que acontece no mundo. Schlick, então, pode ser tomado como um exemplo para mostrar a forma de pensar a linguagem segundo a imagem agostiniana, pois ele nos fornece considerações importantes sobre como poderia ser considerada uma relação entre a linguagem e o mundo. Para ele, o significado, tanto da proposição, quanto da palavra, é associado a um elemento fora da linguagem, a um elemento que compõe o mundo, ou seja, um fato ou objeto que determinaria esse significado.

Schlick (1959, p.p. 86-87) afirma que o significado de qualquer proposição, uma afirmação, ou uma declaração, está no fato de que essa proposição descreve um fato que deve existir para que essa afirmação seja verdadeira. Se o fato não existir, entretanto, a proposição poderá ser considerada falsa. Por isso, o significado de uma proposição qualquer está no fato de que a mesma expresse um estado de coisas determinado e esse estado de coisas deve ser indicado no momento em que se faz o uso de uma proposição para que possa ser possível compreender o que se quer dizer com a mesma, usar a proposição com significado.

Schlick (1959, p. 87) ainda afirma que entendemos uma proposição quando entendemos o significado das palavras que ocorrem nas mesmas. O significado dessas palavras pode ser explicado através de definições. Na definição do significado das palavras, novas palavras podem surgir que necessitarão de novas definições. A análise, porém, não pode seguir *Ad Infinitum*. Portanto, no final da explicação do significado de uma proposição, após uma análise dos termos que ocorrem nela, o significado de algumas palavras deve ser indicado ao apontar para o mesmo diretamente. Este significado, portanto, seria conectado a um dado da experiência. O critério de verdade ou de falsidade de uma proposição está no fato de que, sob determinadas condições apresentadas na definição, certos dados estão ou não estão presentes. Assim, o significado de toda proposição é determinado pelo dado, e somente pelo dado que pode ser verificado.

Não iremos aprofundar nossa reflexão no princípio de verificabilidade apresentado por Schlick na sequência do texto, embora esse tema seja importante para compreender a noção de proposição apresentada por ele, que é fundamental na concepção linguística do positivismo lógico. Nesse momento de nosso trabalho, queremos apenas destacar a ideia de proposição como uma descrição, ou uma representação de fatos que ocorrem no mundo. Também ressaltamos que proposições são constituídas de palavras que denominam objetos do mundo.

A linguagem, portanto, é pensada numa perspectiva de relação com o mundo. Schlick, podemos afirmar, pensa a linguagem aceitando alguns dos pressupostos compreendidos pela imagem agostiniana. Ele reduz a linguagem à proposição que pode ser pensada como uma frase usada significativamente para representar um fato

do mundo. Portanto, é essencial para a linguagem a possibilidade de representar o que acontece no mundo. A determinação do significado linguístico se fundamentaria na proposição que tem seu significado determinado por causa do significado das palavras que nela ocorrem, este significado estaria associado aos objetos que compõem esses fatos.

Assim, se seguirmos as indicações de Schlick, podemos considerar um exemplo qualquer através de uma proposição que descreveria um determinado fato que ocorre no mundo segundo suas considerações sobre a linguagem. Por exemplo, o já indicado caso das maçãs pode ser explorado com uma proposição do tipo 'A maçã está vermelha'. Essa proposição poderia ser considerada como significativa e cumpriria sua função de representar algo se, realmente, descrevesse um fato que ocorre no mundo. Ela seria verdadeira se, de fato, a maçã estivesse vermelha no momento em que ela fosse proferida, e seria falsa, caso a maçã estivesse verde. 'A maçã está vermelha' seria, então, um exemplo de uma proposição, uma sentença declarativa usada para representar um fato que ocorre no mundo, o significado da mesma.

No entanto, quando seguimos essas orientações de Schlick e consideramos a proposição 'a maçã está vermelha' como uma autêntica proposição da linguagem, alguns pressupostos estão implícitos na compreensão dessa proposição, algumas dúvidas que poderiam surgir precisariam de respostas para que pudéssemos compreender o significado dessa proposição. Perguntas que se assemelham a algumas das perguntas que fizemos anteriormente, quando consideramos a imagem agostiniana da linguagem.

Para responder a uma provável pergunta, por exemplo, 'qual o significado determinado dessa proposição?', algumas alternativas poderiam se apresentar como possíveis. Por exemplo, essa proposição 'A maçã está vermelha', que pretende representar um fato, não esclarece de imediato o que ela representa. Dentre várias possibilidades, essa proposição poderia querer indicar uma tonalidade de cor da maçã, ou indicar por 'vermelho' o fato de que a maçã está madura, e não verde, por isso, 'a maçã está vermelha'.

Essas prováveis dúvidas iniciais tornam-se possíveis porque a linguagem, segundo essa perspectiva agostiniana compartilhada por Schlick, é pensada em sua

função representativa, de maneira que a linguagem seria constituída de proposições que pretenderiam denominar fatos que ocorrem no mundo. No entanto, podemos sugerir que dependendo do contexto de emprego dessa frase, torna-se uma tarefa complicada, ou mesmo improvável, indicar o que a mesma pretende representar no momento em que foi proferida.

Schlick também afirma que as proposições são compostas de palavras que, em último caso, expressariam diretamente um dado preciso da experiência. Por isso, a proposição teria um significado determinado. Dessa forma, a proposição 'A maçã está vermelha' teria significado por causa de suas partes constituintes. Poderíamos afirmar que é determinada pelas palavras que ocorrem na proposição, dentre as quais destacamos 'maçã' e 'vermelha'.

Se tomarmos o exemplo da palavra 'vermelho' e imaginarmos que ao final de uma possível análise um dado dos sentidos deveria estar ligado a essa palavra, que designaria o significado da mesma, poderíamos sugerir que 'vermelho' pretende designar a cor do objeto maçã, por exemplo. No entanto, não poderíamos falar que 'vermelho' se conectaria com a cor vermelha pelo fato de sabermos que a palavra representa uma cor. Como sugerimos, 'vermelho' poderia, também, designar um fato a respeito da maçã, o fato de que ela está madura, não está verde. Assim, se quiséssemos compreender o significado de 'vermelho' simplesmente observando essa palavra numa frase, poderíamos deparar como uma dúvida e não sabermos o que se quer dizer com essa palavra: seria uma cor, ou um fato a respeito da maçã, que a mesma está madura<sup>3</sup>? O usuário da linguagem, pelo uso de uma expressão simples como 'vermelho', precisa possuir uma habilidade específica que o torna capaz de diferenciar uma palavra para indicar uma cor do objeto maçã, de uma palavra que indica o fato de que essa fruta está madura.

A ideia de relacionar o significado de uma palavra ou de uma frase com um elemento do mundo, além de pressupor algumas habilidades específicas nos usuários da linguagem, parece não considerar algumas diferenças entre tipos de palavras, ou

---

<sup>3</sup> Ainda que a palavra 'vermelho', nesse exemplo, possa ser considerada ambígua, não queremos nos ater à ambiguidade dessa palavra. Apenas queremos mostrar que, pensada numa perspectiva de relação com o mundo, essa palavra pode ter como significado ou uma cor do objeto maçã, ou o estado de madurez dessa fruta.

diferenças entre tipos de frases. Isso acontece porque a linguagem é pensada magicamente como uma representação do que acontece, as frases representariam todos os fatos determinados que ocorrem no mundo, as palavras que são usadas nessas frases deveriam ser associadas aos objetos precisos que as mesmas denominariam.

No entanto, Wittgenstein ressalta que o modo de designar de uma palavra é determinado pelo uso que se faz da mesma. Para tanto, ele (IF 11) compara a linguagem a uma caixa de ferramentas e compara as ferramentas da caixa às palavras. Assim, por exemplo, um martelo pode ser usado para pregar um prego em uma madeira, ou para despregar o mesmo daquela madeira. A função do martelo dependerá do modo como ele será usado. Da mesma forma, as palavras podem ter funções diferentes dependendo do uso que se faz delas num certo contexto. As palavras não podem ser pensadas apenas com a função de denominar objetos. Por isso, em nossa proposição, 'vermelho' poderia ser usado para expressar coisas diferentes. A palavra 'vermelho' teria, então, diferentes funções que não aparecem de imediato por causa da semelhança da forma da palavra, pois 'vermelho' tanto poderia indicar uma cor ou um estado da fruta no exemplo que estamos considerando. Assim, poderíamos reafirmar, como já o fizemos, que o uso que é feito das palavras sempre pressupõe um determinado contexto de práticas que indicará a forma como a palavra é usada pelos usuários da linguagem.

Por isso, ressaltamos que 'vermelho' pode ter um uso específico em um determinado contexto estabelecido, mas poderá ter outro uso diferente em outro contexto. O uso dessa palavra não é determinado necessariamente por um objeto, ou uma característica desse objeto, que seria associada ao mesmo. Por isso, mais uma vez, insistimos que não devemos buscar um 'quê', um 'isto', para designar o significado determinado de uma palavra qualquer usada em uma frase, pois mesmo que usemos as palavras em diferentes contextos, em diferentes frases, esse uso não pode ser pensado como determinado necessariamente por alguma coisa que seria associada à mesma naquele contexto específico.

Segundo Wittgenstein, usar uma palavra no sentido de designar algo é uma atividade que parece possível, apenas, quando um signo está intimamente associado

com um objeto que é designado por ele (IF 15). No entanto, mesmo nesse caso bastante específico, através de uma palavra como 'vermelho' ainda não podemos dizer, fora de um contexto estabelecido de uso, o que se pretende designar com essa palavra. Por isso, mais uma vez, insistimos que é necessário ressaltar que ao usar uma palavra qualquer nós buscamos saber 'como' essa determinada palavra é usada naquele contexto específico, e não o que significaria essa palavra naquele contexto ao associar a mesma a um algo.

Destacamos, também, que Wittgenstein (IF 13) sugere que ao afirmar que 'cada palavra da linguagem designa algo' não fazemos grande coisa para especificar o uso que fazemos com essa palavra. Segundo ele, essa afirmação poderia auxiliar numa diferenciação entre palavras com significado de palavras que não tenham significado. No entanto, saber que uma palavra qualquer designaria alguma coisa não indicaria algo substancial para nossa compreensão do que seja a linguagem, para a compreensão do uso possível das frases e das palavras. O máximo que poderia ser de utilidade, segundo o austríaco, ao insistir nessa ideia de que 'cada palavra da linguagem designa algo', é considerar que o ato de denominação das palavras pode ser pensado como 'semelhante a colocar uma etiqueta numa coisa' (IF 15). No entanto, essa consideração nada revelaria acerca da natureza das palavras, muito menos das frases, pois esse modo de pensar a linguagem como determinada por uma relação de denominação nos conduz à busca de um 'isto' que seria o significado associado a uma palavra qualquer, nos colocaria diante de problemas que só são possíveis porque a linguagem não é pensada em sua diversidade.

Quando pensamos a linguagem segundo o modelo oferecido pela imagem agostiniana, chegamos à ideia de que a essência da palavra seria significar um algo, seja ele um objeto ou uma propriedade desse objeto. Por isso, dependendo de alguns pressupostos que são compreendidos no uso que é feito de 'vermelho', quando indicativo de madurez, essa expressão não pode ser pensada simplesmente como uma palavra que designaria alguma coisa determinada, por exemplo, uma cor de um objeto do mundo que seria relacionado à mesma, que seria o significado da palavra. 'Vermelho', num determinado contexto pode ser usado para descrever o estado de que

a fruta está madura, ou seja, para representar um fato, para descrever algo que acontece no mundo.

Portanto, uma expressão que parecia se apresentar como uma palavra que denominaria precisamente uma cor do objeto nesse referido contexto, também poderia ser usada para descrever um estado do objeto, o fato de que a maçã está madura. Essa expressão não poderia ser considerada, simplesmente, como uma palavra que denominaria uma cor desse objeto. Poderia, talvez, ser pensada como uma expressão, uma frase, usada para representar um fato que acontece no mundo, o fato de que a maçã está madura, por isso está vermelha.

Com essas observações, queremos insistir que Wittgenstein nos apresenta uma nova forma de compreensão da linguagem diferente da agostiniana. Essa nova forma só poder ser pensada como uma consequência desse diálogo entre Wittgenstein e a imagem agostiniana. Nesse diálogo, é possível perceber que a diferença delimitada que se faz entre o uso de palavras e de proposição, sendo a palavra considerada como uma denominação de um objeto, ou de uma propriedade do objeto, e a proposição como uma descrição de um fato que ocorre no mundo, não se apresenta como delimitada, pois quando queremos especificar o significado de uma proposição, ou o significado de uma palavra, no interior da imagem agostiniana da linguagem, uma expressão linguística que pensávamos ser denominação de um objeto, ou de uma propriedade deste, se apresenta como uma representação de um fato do mundo. A própria ideia de representação de fatos do mundo através de frases resulta em dificuldades que questionam esse ideal, pois não há uma associação determinística entre fatos e frases. O uso das frases não supõe uma delimitação precisa que indicaria o que se pretende representar com as mesmas.

Não iremos averiguar, nesse momento, a discussão sobre a possibilidade de uma análise da linguagem. Queremos, apenas, insistir que tanto palavras, como frases, são expressões usadas com finalidades específicas que são sempre dependentes dos contextos em que as mesmas foram empregadas. Queremos, outra vez, frisar que devemos buscar saber como uma palavra é usada em um determinado contexto, não tanto saber qual seria o significado preciso dessa palavra. Da mesma forma, devemos buscar saber como uma frase é usada em um determinado contexto. Somente dessa

forma podemos dizer que estamos dando um passo para além da imagem agostiniana da linguagem, podemos nos colocar no contexto dessa outra forma de compreensão da linguagem que descarta a ideia de que toda linguagem seria determinada por alguma coisa do mundo associada à mesma, podemos dizer que estabelecemos um uso possível para palavras e frases .

Wittgenstein (IF 19), na sequência do percurso argumentativo das *Investigações*, sugere que uma linguagem completa poderia ser composta de frases para comando, ou para informações, e não apenas para descrição. O austríaco considera essa possibilidade no desenvolvimento de um jogo de linguagem entre o construtor e seu ajudante com a utilização dos termos 'bloco', 'lajota', etc. Nesse jogo de linguagem, é bastante complicado, se não for impossível, distinguir uma frase complexa do tipo 'traga-me uma lajota' de uma frase na forma simples como 'lajota', ao empregar apenas o termo 'lajota'.

No contexto da construção, o ajudante e o construtor podem estar cientes do modo como usam o termo 'lajota'. No entanto, externamente ao contexto da construção, podemos afirmar que não é muito clara a maneira em que se usa 'lajota' para indicar uma frase complexa ou uma frase simples, inclusive para indicar uma palavra que poderia ser associada a um objeto. Portanto, uma frase na forma simples, como 'lajota', pode ser empregada para indicar uma frase composta do tipo 'traga-me uma lajota'. Mais ainda, a ideia de distinção precisa entre o uso que é feito de frases e de palavras não se apresenta como possuindo um limite exato, pois 'lajota' também poderia ser usada para indicar um objeto determinado, por isso, somente num contexto de práticas de uso estabelecidas será possível realizar uma diferenciação entre essas distintas possibilidades.

Baker & Hacker, ao comentar esse parágrafo, afirmam que,

(...) the point of investigating the objection is to show that a question about what an expression means and whether it means the same as another expression is not determined by the state of mind of the speaker, i.e. by his meaning, (mis)conceived as a state of mind, or by what 'is present in his mind' when he utters the sign. To be sure, this too links up with one strand in Augustine's description and conception (see Exg. §1) — according to which what a name means is what the speaker means by it. So, if 'Slab!' is uttered as a call for a slab, then, according to the

Augustinian conception, what makes it into the order that the hearer bring the speaker a slab is that the speaker means this by his utterance, i.e. that by 'Slab!' he means 'Bring me a slab!' (Baker & Hacker, 2005, II, p.p. 73-74).

Por isso, Baker & Hacker descartam qualquer ideal que poderia supor que a intencionalidade justificaria uma forma possível de uso de uma expressão qualquer. Segundo eles, esse ideal não encontra sustentação em qualquer leitura possível das *Investigações*, e não determina o uso da linguagem. Dessa forma, ressaltamos outra vez, que apenas num contexto de práticas compartilhadas, que indica uma forma de uso explícita, podemos dizer que seja possível alguém usar uma determinada expressão com a finalidade de dizer alguma coisa com sentido, ou inclusive, indicar um uso específico.

Podemos, então, concluir das palavras de Wittgenstein que não existe a possibilidade de uma determinação do sentido ocorrer por causa de um ato mental ou de uma ideia mental que se apresenta à mente do usuário da linguagem num momento preciso. Ressaltamos, porém, que a leitura de Baker & Hacker (2005) conduz à ideia de que o uso da linguagem deve ser pensado como determinado, pois haveria um significado preciso que seria responsável pela prática da linguagem num determinado contexto. Como observamos, entretanto, não podemos dizer que há um uso, seja das palavras ou das frases, que tenha uma fronteira completamente delimitada que é responsável pela ação daqueles que compartilham um determinado contexto de uso. As ações dos usuários da linguagem, daqueles que estão habilitados a usar as palavras e frases, são orientadas por um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas. Essas práticas podem ser pensadas como um horizonte a partir do qual o uso da linguagem se torna possível, mas não delimitado precisamente.

Segundo Goldfarb (1983, p. 280), nesse momento das *Investigações*, Wittgenstein está exortando que a resposta para uma questão de saber como uma frase é significada depende não de uma coisa em particular como, por exemplo, um ato mental, mas de uma variedade de características do enunciado e das circunstâncias em que essas questões são feitas. Para ele, Wittgenstein nega que a noção de significado suporta certas concepções de linguagem e, de maneira particular, que haja alguma

coisa que seria o significado preciso, o conteúdo ou relato do ato de uso das frases, ou das palavras.

Por isso, o contexto em que ocorre o emprego das frases, contexto este que se localiza num horizonte de práticas compartilhadas pelos usuários da linguagem, é o que possibilita a compreensão das frases, é o que torna possível as práticas orientadoras do uso da linguagem, uso este que não é determinado por qualquer coisa que seria o significado, que não é completamente delimitado por normas que orientariam o emprego das frases e das palavras nas mais diversas circunstâncias. Não há qualquer justificativa para a linguagem que não se encontre num contexto de práticas estabelecidas que possibilitam as diversas formas de uso das mais variadas expressões linguísticas.

Assim, no exemplo de uso da linguagem num contexto de construção encontramos a ideia de que várias formas de linguagem são possíveis e completas, não apenas uma única forma. Por exemplo, é completa uma linguagem composta de ordens, ou uma linguagem composta de perguntas, ou uma composta de informações. Wittgenstein defende que a linguagem não pode ser pensada somente como representação, as frases não podem ser pensadas exclusivamente como representação de fatos que ocorrem no mundo que seria o significado das mesmas. Portanto, essa ideia comum encontrada na história da filosofia de que é da essência da proposição representar um fato que ocorre no mundo é delimitada a um tipo específico de uso de uma frase. Essa ideia está na origem de alguns problemas que não seriam possíveis se a linguagem fosse compreendida em suas diversas possibilidades. Essa ideia não atenta para o contexto de uso estabelecido que indica uma forma possível para uma expressão qualquer. Em outro contexto, essas expressões não teriam o mesmo uso estabelecido. A linguagem, então, não pode ser pensada apenas de uma única forma, como representação do que acontece no mundo, nem delimitada, necessariamente, pelos fatos do mundo, ou por um ato mental de significação.

Por isso, ressaltamos que o ideal que supõe ser possível a indicação do significado que se quer dar a uma expressão qualquer, seja usada como palavra, seja usada como frase, por exemplo, através de um ato intencional do pensamento não encontra respaldo nas *Investigações*, pois como sugere Wittgenstein (IF 20), ao se

pretender usar uma expressão intencionalmente, ao se usar uma frase ou uma palavra independente de um contexto de práticas estabelecidas, não é muito provável ser capaz de diferenciar que fato preciso seria representado por uma frase, ou que objeto seria denominado por uma palavra. Sem pensar o uso da linguagem num contexto determinado, não podemos sequer dizer o que se quer significar, precisamente, com uma expressão qualquer.

Por isso, não podemos falar de intencionalidade como aquilo que fundamenta o significado linguístico, pois a ideia de intencionalidade não solucionaria esses problemas com os quais deparamos e contribui para o surgimento de outros. Um desses problemas é o caso da definição ostensiva com a pretensão de associar através de um ato intencional de significação uma palavra com um objeto<sup>4</sup>. A própria ideia de representação de fatos através de uma frase resulta em algumas dificuldades que já ressaltamos e outras que iremos analisar na sequência. Portanto, insistimos que somente por causa de um uso possível que se localiza no horizonte de um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas pelos usuários da linguagem podemos saber como ocorre o uso de uma expressão. Um ato intencional como aquilo que poderia conferir um significado delimitado para qualquer expressão linguística não se mostra como uma solução viável segundo as *Investigações*.

Outra consideração feita por Wittgenstein (IF 21) ainda nesse diálogo com a imagem agostiniana é a sugestão de que algumas frases podem ser usadas apenas para informar e não para representar ou descrever alguma coisa determinada, ou também podem ser usadas para ordenar. Por exemplo, ele sugere um uso da linguagem em que o construtor afirma 'cinco lajotas' ao responder a uma pergunta sobre o número de lajotas, esse uso, porém, poderia ser compreendido como uma ordem para que o ajudante trouxesse aquelas cinco lajotas. Então, 'cinco lajotas' pode ser usado para informar a quantidade de lajotas no local e, também, para descrever a quantidade de lajotas que se encontra ali. Mais ainda, 'cinco lajotas' pode ser usado para ordenar que o ajudante traga as cinco lajotas.

Assim, quando adentramos a investigação da imagem agostiniana da linguagem, quando buscamos ver como uma determinada frase é usada mesmo que

---

<sup>4</sup> A definição ostensiva é assunto da próxima seção.

afirmativamente, outra dúvida que poderia surgir é saber diferenciar uma descrição de uma informação. Nesse exemplo, também poderia surgir a dúvida de saber quando se está diante de uma ordem. Quando observamos este fato e utilizamos a expressão 'cinco lajotas' afirmativamente, não há uma diferença nítida entre o que poderia ser considerado uma informação, ou uma descrição, ou uma ordem. Somente num contexto de práticas estabelecidas compartilhadas pelos usuários da linguagem é possível indicar como 'cinco lajotas' foi usado.

Dessa forma, chegamos à certeza de que mesmo no caso de frases afirmativas empregadas em um contexto específico de uso, três possibilidades de interpretação das mesmas poderiam surgir: elas poderiam ser usadas ou para representar algo, ou para informar, ou para colocar uma pessoa em ação através de uma ordem. A diferença precisa entre uma representação, uma informação e uma ordem, observada nesse caso simples, mostra que não há uma fronteira determinada entre os vários empregos possíveis da linguagem e confirma, outra vez, a ideia de que a linguagem possui várias possibilidades de uso que dependem de um contexto compartilhado de práticas estabelecidas.

Dessa forma é possível compreender a afirmação de Wittgenstein,

Qual é pois a diferença entre a informação ou a afirmação “cinco lajotas”, e o comando “cinco lajotas”? Ora, o papel que o pronunciar dessas palavras desempenham no jogo de linguagem. Mas também o tom com que forem pronunciadas será outro, e a expressão facial, e ainda muitas outras coisas (IF 21).

Portanto, a linguagem implica muito mais que a forma de representação e não podemos afirmar que há uma fronteira nítida entre as diversas formas de uso da linguagem, seja como ordem, como descrição ou como informação. Apenas no interior de um contexto de uso da linguagem que ocorre num horizonte de práticas estabelecidas que são compartilhadas é possível indicar uma forma para o uso de uma expressão qualquer. Como vimos, no contexto da construção, prescindindo da ideia de práticas linguísticas localizadas num contexto, não é possível saber diferenciar uma representação de uma informação ou de uma ordem. Nesse exemplo, poderíamos ainda afirmar que a tonalidade com que a expressão 'cinco lajotas' é empregada é a

mesma, mas o uso dessas expressões pode ser pensado de formas completamente diferentes.

Wittgenstein (IF 21), além de pensar a linguagem fora das ideias associadas à imagem agostiniana, mostra que além da forma de representação, ou de afirmação, podemos empregar a linguagem na forma interrogativa, por exemplo, 'Não está maravilhoso o tempo hoje?', e esse uso quer indicar uma afirmação sobre o tempo que está maravilhoso. Mesmo que fosse empregada com a tonalidade de uma pergunta, essa frase pode ser pensada como uma informação sobre o tempo e quem a ouve pode compreender que a pessoa que a profere não está fazendo uma pergunta sobre o tempo, mas está afirmando algo a respeito do tempo. Assim, nos encontramos com algo inusitado: uma frase usada na forma interrogativa pode querer representar ou informar um fato do mundo.

Na problematização da imagem agostiniana da linguagem, outras questões também são possíveis. Por exemplo, no ato de proferir uma frase como 'não está maravilhoso o tempo hoje?' não é claro, fora de um contexto de práticas estabelecidas, o que se pretende representar com a mesma. Está ensolarado? Está chovendo? Está nublado? Está quente ou frio, seco ou úmido? Dependendo do momento do dia em que a frase foi empregada, se de dia ou à noite, a frase 'não está maravilhoso o tempo hoje' poderá ter um uso diferente que é dependente da forma como os usuários da linguagem utilizam essa expressão e entendem por maravilhoso.

Todas as possíveis respostas a essas dúvidas, provavelmente, poderiam descrever uma forma ou outra sobre o tempo que foi afirmado como estando maravilhoso na forma interrogativa. É claro que o termo 'maravilhoso' é um termo ambíguo, assim como o termo 'vermelho', ainda mais quando empregado numa frase representativa. Porém, através desses exemplos não queremos destacar a ambiguidade desses termos. Pelo contrário, queremos chamar a atenção para o fato de que o uso de qualquer frase, ou de qualquer palavra, sempre ocorre por causa de um contexto de práticas estabelecidas que é tomado como certo pelos usuários da linguagem. No uso que fazemos das diversas expressões linguísticas a ideia de um significado associado às mesmas não desempenha uma função determinante numa prática de uso da linguagem.

Por isso, ao prescindir de um contexto de práticas de uso estabelecido, a imagem agostiniana conduz à errônea ideia de que a linguagem significativa é representação do que acontece no mundo e concentra sua atenção no significado das frases e das palavras. Porém, como observamos, prescindindo de um contexto de práticas estabelecidas, não é possível dizer como se usa uma expressão linguística qualquer. Frases, assim como palavras, são formas de uso da linguagem que não são determinadas por um significado associado a essas expressões.

Dessa forma, acompanhamos, nesta seção, alguns dos problemas que podem surgir quando as frases são pensadas segundo a imagem agostiniana que limita toda linguagem possível a apenas um caso, a representação do que acontece no mundo. Na próxima seção, iremos considerar outros problemas que se apresentam porque a linguagem é pensada apenas numa única forma ao considerar o caso do uso das palavras na forma clássica da definição ostensiva.

## **2.2 Palavras e objetos**

A imagem agostiniana tem com característica a certeza de que a linguagem está fundamentada numa relação de denominação que ocorre entre as palavras e os objetos, pois ‘as palavras da linguagem denominam objetos’ (IF 1). Por isso, o fundamento básico sobre o qual se assentaria toda linguagem significativa, em última instância, é encontrado na ideia de uma relação entre a linguagem e o mundo, especialmente, entre uma palavra e seu significado que é pensado como um objeto que seria denominado pela palavra, seria relacionado à mesma. Um ato de denominação, então, pode ser pensado como a instância através da qual estabelecemos uma conexão necessária entre uma palavra e um objeto.

Essa ideia que afirma que as palavras da linguagem denominam objetos é uma constante na filosofia e, como vimos, é pensada por Schlick como o término de um processo de análise que indicaria a determinação precisa do significado de uma palavra usada em uma proposição. Assim, por causa de uma relação estabelecida com um conteúdo extralinguístico, um objeto do mundo, a proposição teria seu sentido

determinado. Para a imagem agostiniana, portanto, a linguagem possui um conteúdo no mundo. Esse conteúdo seria responsável por determinar o sentido de todas as proposições da linguagem.

A definição ostensiva apresenta-se como um exemplo ideal que poderia ser levantado para considerar esse aspecto da imagem agostiniana da linguagem segundo o qual palavras denominam objetos. Por causa da definição ostensiva, significativa parte da filosofia empreendeu um tipo de análise que pretendia apresentar uma conexão entre linguagem e mundo. Para boa parte da filosofia, então, a definição ostensiva poderia ser pensada como uma instância que confere determinação do significado para toda linguagem.

A definição ostensiva, ressaltamos, só pode ser pensada como fundamento do significado linguístico porque a linguagem é pensada como determinada por uma relação que é estabelecida entre a mesma e o mundo, modelo este condizente com a imagem agostiniana. Segundo essa imagem, o objeto que a palavra denominaria seria um conteúdo extralinguístico para o qual os adultos chamavam a atenção com seus gestos e movimentos corporais. Esse objeto seria o significado de uma palavra empregada pelos adultos.

Podemos, inicialmente, considerar a definição ostensiva como uma maneira cotidiana e corriqueira de considerar a linguagem, pois no cotidiano podemos pensar que palavras são semelhantes a etiquetas que identificam determinadas coisas, determinados objetos. Wittgenstein (IF 6, 26) sugere que uma maneira possível de conceber como ocorre o aprendizado da linguagem é pensar que este inicia com um processo de denominação, ou seja, dar nomes aos objetos: seres humanos, formas, cores. Por isso, o denominar pode ser pensado como uma atividade que consiste em colocar uma etiqueta em uma coisa, estabelecer uma marca no objeto, ou seja, dar um nome para que seja possível falar do objeto. A partir dessa ideia podemos pensar o uso das palavras nas mais diferentes proposições que compõem a linguagem, visto que toda palavra pode ser pensada como tendo um significado relacionado a ela. O objeto denominado pela palavra seria o significado.

Schlick (1959, p. 87), por exemplo, pode ser considerado um exemplo de alguém que pensa a função das palavras segundo essa característica da imagem agostiniana.

Para ele, como vimos, em qualquer análise das proposições da linguagem deve-se chegar a palavras cujo significado não pode ser descrito através de outra proposição. Este significado deve aparecer de imediato, deve ser mostrado através de um ato indicativo ou demonstrativo que conectaria a palavra a um dado dos sentidos, a um dado da experiência.

Por exemplo, na definição da palavra 'vermelho' poderíamos partir de uma sentença como 'Há objetos que têm cores' e 'Essa maçã tem uma determinada cor'. Poderíamos, também, chamar a atenção através de alguns gestos ao apontar para a cor da maçã e afirmar 'Isto é vermelho'. É claro que, antes dessa definição, é necessário ter esclarecido que, seguindo as orientações de Schlick, pretendemos chamar a atenção para a cor da maçã, não para a forma ou qualquer outra qualidade dessa fruta específica.

Através desse exemplo, pode-se afirmar que a definição ostensiva estabelece a conexão de uma palavra com um objeto. Com a afirmação 'Isto é vermelho', o falante da linguagem acompanharia através do pensamento a conexão entre a palavra 'vermelho' e o objeto vermelho. A linguagem, dessa forma, seria conectada com o mundo, pois a palavra pronunciada intencionalmente é direcionada a um objeto, a palavra recebe seu significado preciso que é o objeto denominado. Dessa maneira, o ouvinte é capaz de perceber que 'Isto é vermelho' é verdadeira quando diante de um objeto vermelho, falsa quando diante de um objeto de outra cor. A etiqueta foi fixada naquele objeto determinado. Não há mais como esse ouvinte não perceber o que significa a palavra 'vermelho', pois ele acompanhou o processo de definição ostensiva da palavra 'vermelho', portanto, ele é capaz de indicar qual o significado preciso da palavra definida.

No entanto, para que uma definição ostensiva seja bem sucedida e constitua o fundamento da linguagem, pelo menos dessa forma que estamos considerando no exemplo, uma série de situações são necessárias e pressupostas para que possa ser possível a definição da palavra 'vermelho' nessa forma. Por exemplo, alguém que não saiba o significado da palavra 'vermelho' poderia muito bem compreender por 'vermelho' a forma do objeto, ou a quantidade do objeto indicado. No entanto, para seguir analisando esse exemplo, aceitemos que o ouvinte já possui algumas habilidades que o

conscientizam de certas situações necessárias para o funcionamento da linguagem segundo a imagem agostiniana. O ouvinte, então, sabe distinguir uma palavra que serve para definir uma cor de uma palavra para definir uma quantidade ou uma qualidade do objeto definido.

A definição ostensiva pode se apresentar, então, como um caso bem sucedido de indicação do significado preciso de uma palavra que ocorre em uma frase. A definição ostensiva pode ser considerada a maneira através da qual a linguagem se conecta com o mundo, pois ao definirmos a palavra 'vermelho' e ao apontarmos para um objeto vermelho que seria o significado dessa palavra, nós estabelecemos que aquela palavra, e somente aquela palavra, representa aquele objeto, e apenas aquele objeto. Através de uma definição ostensiva, portanto, parece ser possível acompanhar um processo de saída da linguagem em direção ao mundo, pois as palavras que ocorrem nas proposições estão relacionadas com o mundo através do ato indicativo que associa uma palavra com um objeto, que é o significado dessa palavra definida, que confere o sentido determinado a todas as proposições da linguagem.

Para Baker & Hacker (2005, I, p. 81), trata-se de uma extensão natural da imagem agostiniana da linguagem conceber a definição ostensiva como o meio através do qual a linguagem poderia se conectar com a realidade, o mecanismo através do qual os nomes poderiam ser associados aos seus significados, a forma pela qual saímos da linguagem em direção ao mundo, pois ao definir ostensivamente uma palavra qualquer, nós conectamos aquela palavra com uma entidade precisa do mundo, entidade esta, por sua vez, que é aquilo que a palavra definida significa. É, então, em virtude de uma palavra que a linguagem poderia ser pensada como possuindo um conteúdo extralinguístico, que a linguagem poderia se referir a algo no mundo.

No entanto, Wittgenstein (IF 30) realiza uma observação que redireciona nossa reflexão sobre a definição ostensiva e nos leva a perceber alguns prováveis problemas surgidos com a ideia de definição ostensiva como um caso de conexão entre a linguagem e o mundo. O austríaco ressalta que a definição ostensiva pode ser pensada como um possível uso de uma palavra somente porque já temos a habilidade de usar a linguagem, sabemos usar as palavras. A definição ostensiva não pode ser pensada como um caso de relacionar uma palavra com um objeto que seria o significado da

palavra definida. Portanto, uma definição ostensiva pode ser pensada, apenas, como um caso possível de uso de uma palavra. Nós não podemos, porém, afirmar que a definição ostensiva seja um caso que conectaria uma palavra com um objeto, que conectaria a linguagem com o mundo.

Ao comentar o caso da definição ostensiva Stern diz que,

The first point the narrator makes here is sceptical: that, by itself, the act of naming settles nothing, for much depends on what happens afterwards (and before). The second point is that we have many ways of talking about things, and many ways of talking that are not a matter of talking about things at all. But Wittgenstein's principal point at this stage in his discussion of naming is neither the multiplicity of ways we talk about objects, nor the many ways in which we do things with words, but how these various uses of words depend on a taken-for-granted context (STERN, 2004, p. 92).

Assim, percebemos que a denominação de uma palavra depende de algumas situações que não nos permitem falar que a mesma instauraria uma conexão necessária entre uma palavra e um objeto, pois 'muita coisa depende do que acontece antes e depois desse ato específico'. Ao observar o caso da definição ostensiva podemos dizer que Wittgenstein pretende ressaltar, outra vez, que qualquer uso da linguagem, das palavras, depende de um contexto de práticas que é tomado como certo pelos usuários da linguagem. Somente num contexto de práticas estabelecidas podemos falar que é possível definir ostensivamente uma palavra.

Segundo Medina (2000, p. 171), a relação entre as palavras e os objetos é estabelecida porque estamos habilitados numa prática de uso da linguagem, pois fomos treinados para adquirir algumas competências linguísticas. Essa prática é completamente dependente do entorno em que a mesma é exercida, não pode ser considerada uma disposição arbitrária. Dessa forma, a linguagem é dependente das contingências do mundo, da existência de certas uniformidades no ambiente de uso da linguagem, da existência de falantes que usam a linguagem de forma regular em suas interações com seu meio ambiente, da capacidade de ser treinado e treinar os outros nessas atividades regulares.

Por isso, não podemos afirmar que uma definição ostensiva, sozinha, seja um ato que signifique uma palavra relacionando a mesma com um objeto preciso do mundo

porque, para que seja possível, uma definição ostensiva pressupõe um contexto regular de uso estabelecido, pressupõe que a linguagem já esteja em funcionamento. Nós não fundamentamos as práticas linguísticas a partir de uma definição ostensiva, pois esta apenas estabelece uma forma possível de uso da linguagem, ela pressupõe habilidades regulares naqueles que usam a linguagem nessa forma. Ressaltamos, porém, que uma definição ostensiva pode ser considerada como uma preparação para o uso de uma palavra: uma palavra definida ostensivamente tem, como consequência, o estabelecimento de um uso possível para essa palavra que poderá ser usada em um determinado contexto de prática linguística.

Portanto, mais que determinar o significado, primeiro ou último, de uma palavra qualquer, a definição ostensiva é uma maneira de estabelecer como se pretende usar essa determinada palavra naquele contexto específico. Por exemplo, ao utilizar a palavra 'vermelho', num contexto específico, pretende-se usar a mesma como uma expressão linguística para indicar uma cor determinada do objeto maçã, não outra característica daquele objeto. Tanto a palavra 'vermelho' quanto o exemplo de vermelho são meios linguísticos que inauguram uma forma possível de uso dessa palavra determinada. A definição ostensiva não estabeleceria um contato mágico entre a linguagem e o mundo, entre a palavra e o objeto que seria denominado pela mesma. Por isso, insistimos que não é possível afirmar que através de uma definição ostensiva seja possível relacionar uma determinada palavra com um determinado objeto que seria o significado dessa palavra, pois através de uma definição ostensiva apenas estabelecemos uma maneira possível de usar uma palavra qualquer em um contexto específico, que é tomado como certo para que essa definição ocorra: o objeto e a palavra são meios de que dispomos, são exemplos de uso da linguagem numa determinada forma.

Mesmo que pretendêssemos pela definição ostensiva mostrar que através dela há uma conexão entre uma palavra definida e um objeto determinado, por exemplo, ao sugerir que numa definição ostensiva da palavra 'vermelho' através de um ato intencional estaríamos conectando o termo definido 'vermelho' com o objeto vermelho que seria seu significado, essa ação não conectaria, necessariamente, a palavra definida com o objeto determinado, pois o objeto também deve ser pensado como um

meio que propiciaria o uso da palavra denominada, algumas situações são pressupostas para que essa definição seja possível e, como vimos, não há uma suposta conexão necessária entre uma palavra e um objeto.

Outra observação feita por Wittgenstein (IF 27) ao refletir sobre o caso de uma denominação qualquer sugere, por exemplo, que o uso específico de uma palavra, por exemplo, 'água', não pode ser pensado apenas como denominação de uma palavra que relacionaria a mesma com um objeto que seria o significado preciso da palavra. Semelhante ao caso da maçã, podemos afirmar que em relação à palavra 'água' diversas situações podem ser imaginadas quando de seu uso. Num determinado contexto, por exemplo, por 'água' pode-se indicar que chuvas se aproximam. Ainda nesse mesmo contexto, essa palavra poderia indicar que alguém está com sede, ainda que fosse possível dizer que chuvas se aproximam.

Por isso, nessas considerações sobre a definição ostensiva, Wittgenstein não pretende destacar os possíveis erros compreendidos por esse processo de uso das palavras, mas chamar a atenção para o fato de que o uso de uma palavra implica diversas possibilidades, que é sempre dependente de um contexto de práticas linguísticas estabelecidas, que mostra como se usa uma palavra numa determinada forma. A definição ostensiva de uma palavra é somente um caso possível de uso de uma palavra, outras formas também são possíveis.

Wittgenstein (IF 28), no entanto, ressalta que 'a definição ostensiva pode ser interpretada em cada caso como tal e diferentemente'. Assim, para que uma palavra qualquer possa ser compreendida, ainda que tenha sido definida ostensivamente, algumas situações devem ser previstas para que essa ação ocorra. Por exemplo, devemos ser capazes de saber diferenciar o uso dessa palavra para denominar um determinado objeto do uso para denominar uma característica desse objeto. Somente quando somos capazes de saber diferenciar um uso específico de outro, ainda que no mesmo contexto, compreendemos como determinada palavra é usada. Nada impede, porém, que na definição ostensiva de uma palavra certas possibilidades de uso, não previstas inicialmente, não possam ocorrer e, também, é preciso ressaltar que a definição ostensiva pode ser interpretada de diversas maneiras possíveis, mesmo que a

interpretação da definição não tivesse sido prevista no início do uso dessa palavra naquele contexto.

Stern (2004, p. p. 90-98) afirma que a reflexão de Wittgenstein sobre a definição ostensiva não pode servir como base para fundamentação de toda linguagem significativa, pois ela pressupõe a linguagem em pleno funcionamento. A reflexão sobre a definição ostensiva, segundo ele, conduz a um tipo de paradoxo. Nas palavras dele, como 'a definição ostensiva pode ser interpretada em cada caso como tal e diferentemente', podemos concluir que não é possível encontrar qualquer justificativa plausível para esse ato, segundo as *Investigações* de Wittgenstein. A definição ostensiva não seria a instância inaugural da linguagem.

É certo que a definição ostensiva não pode ser usada como fundamento de toda linguagem, pois ela pressupõe que a linguagem já esteja funcionando. A definição ostensiva, como observamos, pressupõe certas práticas compartilhadas pelos usuários da linguagem em um determinado contexto. Essas práticas justificam o uso da linguagem, inclusive o uso numa definição ostensiva. No entanto, por buscar uma fundamentação última, ou uma justificativa que encerraria qualquer possibilidade de dúvidas no uso das palavras, Stern exagera na ideia de paradoxo e na impossibilidade de uso da linguagem através de uma definição ostensiva. Como vimos, a definição ostensiva é uma forma possível de uso das palavras, mesmo que pressuponha uma interpretação equivocada, ela ainda pode ser justificada numa prática regular, não determinística, de uso da linguagem.

Segundo Carvalho,

Em lugar de descrever a linguagem como uma estrutura aposta ao mundo com o qual constitui uma relação de significação, cada palavra ligada com aquilo que por meio dela se nomeia, a linguagem se apresenta para nós, nas *Investigações*, como prática: fazemos coisas com palavras, palavras são como ferramentas, a linguagem é uma prática, de tal modo que não se coloca como problema relacionar nomes e objetos, mas compreender como esta prática se instaura, como aprendemos certos usos, como somos treinados para fazer coisas com palavras (CARVALHO, 2014, p. 172).

A definição ostensiva, então, pode ser compreendida no contexto de práticas estabelecidas que possibilitam o uso da linguagem, pois algumas situações são

pressupostas e, também, há a possibilidade de interpretação da definição ostensiva de diversas maneiras, sem cairmos necessariamente num paradoxo acerca do uso de uma palavra em uma definição ostensiva. Ressaltamos, então, que a definição ostensiva pode ser pensada como a instauração de uma possibilidade de uso das palavras, como uma habilitação que torna os usuários da linguagem capazes de realizar ações específicas através das palavras. No entanto, para que seja possível, a definição ostensiva pressupõe algumas situações e deve ser pensada como um ação que acontece num contexto de práticas estabelecidas que são compartilhadas pelos usuários da linguagem.

Dentre as várias possibilidades compreendidas por uma definição ostensiva destacamos alguns pressupostos que podem facilitar o uso da linguagem nessa forma:

- (i) É preciso que se saiba usar as palavras na definição das mesmas.
- (ii) Para tanto, precisa-se possuir habilidades para usar as palavras.
- (iii) É preciso compartilhar um contexto de práticas de uso das palavras.

Essas características não podem ser pensadas como aquilo que determinaria todas as possibilidades do uso de uma palavra através de uma definição ostensiva. Ainda que seja necessário saber usar as palavras, o que só é possível por causa do domínio de uma habilidade prática apreendida no aprendizado da linguagem, a definição ostensiva pode ser interpretada de diversas maneiras. No entanto, mais que conduzir a um paradoxo, essa última afirmação sugere que ao compartilhar um contexto de práticas de uso das palavras não pensamos que esse uso seja determinado por algum tipo de entidade significativa que estabeleceria todas as formas possíveis de usos das palavras que são definidas ostensivamente. Num contexto de uso estabelecido, novas possibilidades podem surgir, possibilidades não previstas no momento inicial da definição ostensiva.

Queremos chamar a atenção para um último aspecto ressaltado por Wittgenstein (IF 33) no contexto da definição ostensiva. Segundo ele, parece ser uma situação bastante improvável, senão impossível, saber distinguir, precisamente, o que se quer chamar a atenção ao se definir ostensivamente um determinado termo. Por exemplo, poderia ser suposto que um ato mental conectaria uma palavra com um objeto denominado ao apresentar no momento da definição a forma precisa para se usar essa

palavra. No entanto, a ideia de ato mental, longe de ajudar na compreensão do termo definido, resultaria em mais confusões e não esclareceria a compreensão do papel desempenhado pela definição ostensiva.

Por exemplo, ao definir 'vermelho' poderíamos seguir afirmando que estivéssemos indicando a cor, por isso, a forma ou a quantidade seriam desnecessárias. Assim, se imaginássemos um ato mental que seria responsável pela conexão entre a palavra e o objeto denominado, como seria possível saber diferenciar, digamos, tonalidades de vermelho, vermelho claro de vermelho escuro? E o céu avermelhado ao final do dia, que em Minas Gerais poderia ser usado no sentido de 'hoje, à noite, irá fazer muito frio, pois o vermelho no céu quer dizer isso'? A palavra 'vermelho', portanto, tem muitos usos distintos que depende da forma como se usa essa palavra num contexto de práticas estabelecidas. Independente da ambiguidade dessa palavra, o uso que é feito da mesma pode ser interpretado de diversas formas. Entretanto, não chegamos a um paradoxo com essa certeza, apenas percebemos que o uso das palavras não pode ser pensado como completamente determinado por uma definição, pois novas formas de uso são sempre possíveis. Por isso, o uso de uma palavra definida, mesmo que ostensivamente, é sempre dependente de um contexto de práticas. Nesse contexto, a definição ostensiva de uma palavra pode ser interpretada das mais variadas formas.

Assim, uma das conclusões a que se pode chegar nessas considerações sobre a definição ostensiva é que a maneira como compreendemos a linguagem, nas *Investigações*, sugere que mais que perguntar pelo significado de uma palavra, como por exemplo 'Isto é x', ou 'Isto significa x', em um contexto específico, deveríamos perguntar-nos 'como' a palavra é usada nesse contexto. A resposta a essa última pergunta não seria uma definição ostensiva da forma 'Isto é x', definição com a intenção de conectar a palavra com um objeto do mundo que seria o significado da mesma. Pensamos que uma resposta possível para a pergunta 'Como se usa essa palavra?' poderia ser, por exemplo, 'usa-se x nesse contexto dessa forma'. Esse modo de proceder indicaria apenas um papel que essa palavra desempenha naquele contexto, uma forma possível de uso, não teria qualquer pretensão de estabelecer o significado

último da palavra ao indicar o objeto preciso que a mesma denominaria, muito menos pretenderia estabelecer a conexão entre a palavra e o objeto denominado.

Ressaltamos ainda que a ideia de uma análise da linguagem, que ao final de um processo mostraria palavras que estariam conectadas com os objetos do mundo, o significado determinado dessas palavras, não se apresenta como uma solução viável a partir da observação detalhada do que poderia ocorrer num possível processo de definição ostensiva. Na próxima seção, iremos analisar detalhadamente essa ideia de análise da linguagem.

Portanto, a definição ostensiva não determina o significado preciso de uma palavra. O significado de uma palavra não é determinado pelo objeto que a mesma denominaria, ainda que numa frase. Uma definição ostensiva apenas indica o papel desempenhado pela palavra num certo contexto de uso. Por isso, ela pressupõe um contexto de práticas compartilhadas e, como destacamos, o uso de uma palavra em um contexto específico ocorre porque os usuários da linguagem dominam certas habilidades que possibilitam o uso da linguagem numa forma específica.

A definição ostensiva, então, pressupõe que a linguagem esteja em funcionamento, que se saiba o papel desempenhado pelas palavras num contexto de práticas. Uma definição ostensiva indica somente uma possibilidade de uso para uma palavra. Ao definir ostensivamente uma palavra não nos lançamos para fora da linguagem, pois permanecemos no interior da linguagem quando usamos essa palavra. Então, a ideia de saída da linguagem, de conexão entre linguagem e mundo, não se apresenta como possível mesmo no caso de uma definição ostensiva.

### **2.3 Nomes e simplicidade**

Nos momentos finais de sua consideração sobre a definição ostensiva, Wittgenstein realiza algumas observações sobre as relações que seriam possíveis entre o nome e o denominado (IF 37). Essas observações podem ser consideradas uma transição nas *Investigações*, pois o austríaco concentra sua atenção na análise da possível referência do nome. Esta referência também pode ser pensada como um

objeto determinado do mundo, por isso, esse parágrafo ainda pode ser considerado no contexto da reflexão sobre a ideia de significado como uma relação entre a linguagem e um algo do mundo.

Ressaltamos, porém, que não é objetivo desse nosso trabalho estabelecer uma divisão precisa que indicaria qual temática determinada deveria ser encontrada nos parágrafos exatos da obra de Wittgenstein, ou seja, que assuntos específicos seriam desenvolvidos nesses mesmos parágrafos. O desenvolvimento das *Investigações* não pode ser pensado como um esgotamento de alguns assuntos, de maneira que pensemos que a partir de um determinado parágrafo não se trata mais do assunto discutido. Pelo contrário, essa obra de Wittgenstein só pode ser pensada como o desenvolvimento de um diálogo contínuo com algumas ideias que podem ser encontradas na imagem agostiniana. Por isso, certos assuntos estão presentes em todos os parágrafos da obra, não podem ser pensados como delimitados a alguns parágrafos específicos.

Assim, diz Wittgenstein (IF 37):

Qual a relação entre o nome e o nomeado? – Ora, o que ela é? Veja o jogo de linguagem (2), ou outro: aí você poderá ver em que consiste essa relação. Essa relação pode consistir, dentre várias coisas, no fato de que ao ouvir um nome a imagem do que é nomeado vem a nossa mente e, entre outras coisas, pode consistir no fato de que o nome está escrito sobre o nomeado, ou que ele é pronunciado quando se aponta para o nomeado.

Um primeiro aspecto dessas observações de Wittgenstein é que ele usa o termo “nome” (Namen) para expressar um dos objetivos desse ideal que supõe a linguagem significativa como o resultado de uma análise que almeja eliminar qualquer imprecisão que possa acontecer no uso das expressões linguísticas. Por isso, “nome” é mais sugestivo que “palavra”. O nome, portanto, pode ser pensado como uma entidade linguística com poderes extraordinários de nomear o que seria o elemento simples da realidade que encontramos após um processo de análise da linguagem. Esse elemento seria o significado do nome.

No entanto, é preciso frisar que Wittgenstein reforça a ideia de que a relação entre um nome e um nomeado pode ser compreendida no interior de um determinado

jogo de linguagem. Para tanto, ele sugere o exemplo do parágrafo 2 dos termos 'cubos', 'colunas', 'lajotas', 'vigas'. Por isso, está claro que a maneira de compreender a relação de nomeação deve ocorrer tomando por base um contexto de práticas linguísticas estabelecidas, caso contrário, não será possível a compreensão dessa relação entre o nome e o nomeado.

Por fim, destacamos que Wittgenstein afirma que a relação de denominação, que ocorre num contexto de práticas compartilhadas, pode evocar em um ouvinte a imagem do denominado na alma, ou o fato de que o nome é indicado para o denominado. No entanto, como observamos quando da consideração sobre a definição ostensiva, essa relação de denominação, ou melhor, o uso de um nome num determinado jogo de linguagem pressupõe algumas situações antes e depois desse uso. Somente dessa forma será possível compreender qual seria a relação possível entre um nome e um denominado.

Qualquer maneira que prescindia de um contexto de práticas linguísticas compartilhadas por aqueles que dominam a técnica de uso de um nome em um jogo de linguagem pode ser considerada uma forma de pensar esse uso como determinado pela ideia de relação entre um nome e um elemento do mundo, o significado do mesmo. Essa maneira de pensar os nomes terá que lidar com alguns problemas que só são possíveis porque a linguagem é pensada de uma maneira limitadora. Esses supostos problemas, no entanto, não se revelam quando a linguagem é pensada para além dessa limitação.

Wittgenstein considera que o uso ilegítimo de um nome, uso que prescinde de um contexto de práticas linguísticas estabelecidas, só é possível por causa de uma visão estranha que depara com uma entidade rara, por exemplo, os nomes pensados como uma instância que denominariam um algo específico. Ironicamente, ele afirma que essa forma de expressar resultou em algumas confusões, dentre as quais ele destaca a concepção que sugere que 'Isto', na forma 'Isto é x', por exemplo, num esclarecimento ostensivo, seria um nome real, genuíno. Todas as outras possibilidades seriam nomes apenas quando se aproximassem da forma do nome real 'isto'. Essa visão estranha não atenta para o uso ordinário que fazemos das mais diversas

expressões linguísticas, inclusive dos nomes, nos mais variados contextos. Por isso, segundo Wittgenstein (IF 38),

(...) Essa estranha concepção provém de uma tendência para sublimar a lógica de nossa linguagem – poder-se-ia dizer. A verdadeira resposta a isto é: chamamos de “nome” coisas muito diferentes; a palavra “nome” caracteriza muitas espécies diferentes de uso de uma palavra, aparentada umas com as outras de modos diferentes (...).

Portanto, o uso da linguagem quando pensado como independente de um contexto de práticas de uso estabelecidas, pensado como ocorrendo num espaço esquisito que possibilitaria a mágica da linguagem, revelaria que o uso cotidiano da linguagem é imperfeito. Assim, através de uma análise da linguagem, que purificaria a mesma das imperfeições que podem ser encontradas no cotidiano, seria possível perceber que aquilo que consideramos um nome, numa análise sublimada da linguagem, não se mostraria como tendo significado, pois é uma maneira imprecisa de uso da linguagem. Uma purificação linguística através de uma análise lógica possibilitaria a expressão de algo com sentido determinado, possibilitaria a compreensão do que são os nomes genuínos.

Um exemplo que expressa essa tendência de querer sublimar a linguagem pode ser encontrado no *Tractatus*. Nessa obra, Wittgenstein (3.2-3.263) pensa o nome como uma entidade linguística que ocorreria na proposição e significaria os objetos constituintes dos fatos elementares que compõem o mundo. Por causa dessa ligação de um nome com um objeto, a linguagem teria seu sentido determinado e a proposição poderia representar um fato elementar do mundo. Portanto, segundo essa concepção, a unidade mínima de sentido da linguagem resultaria na capacidade de significar os objetos no contexto de uma proposição. Esse significado é pensado como uma relação entre os nomes e os elementos simples (2.02), a substância do mundo (2.021). Só teríamos acesso a esses objetos que significam os nomes depois de uma análise lógica da linguagem.

No entanto, após um longo processo que tem início quando das reconsiderações de ideias contidas no *Tractatus* e que culmina na elaboração das *Investigações*, Wittgenstein percebe que essa tendência que também foi compartilhada por ele, de

pretender purificar a linguagem por pensar que o uso cotidiano da mesma seria impreciso, é uma demanda que se apresenta antes da observação da atividade linguística na prática ordinária. Essa tendência não atenta para o fato de que a linguagem é uma atividade que ocorre em um contexto normal de práticas estabelecidas. Quando a linguagem é compreendida segundo as ideias encontradas nas *Investigações*, percebemos que aquilo que podemos usar como nome possui diferentes formas de uso, nós utilizamos os nomes segundo o cotidiano de nossas práticas linguísticas.

Por exemplo, no contexto da construção (IF 2) nomes como “colunas”, “lajotas”, que poderiam ser pensados como nomes que denominariam determinados objetos, são usados a partir de um contexto de práticas linguísticas estabelecidas. O significado que se atribui aos mesmos não é conferido por um “isto”, pensado como aquilo que o nome pretenderia denominar, a referência do mesmo. Pelo contrário, como nomes são usados num contexto de práticas, eles devem ser pensados a partir da ideia de um “como” esse nome é usado nesse contexto específico. Somente dessa forma seria possível indicar a maneira como o nome é utilizado. Essa forma de uso do nome poderia ser considerada como legítima e perfeita, pois estabeleceria uma possibilidade de uso para os nomes. Essa forma não é determinada por uma suposta relação que é estabelecida entre um nome e um objeto, ela mostraria que qualquer suposta análise da linguagem que revelaria um nível mais profundo é apenas uma demanda desnecessária responsável pela elaboração de algumas fantasias linguísticas desprovidas de sentido.

Por isso, ao usarmos um nome como “lajota”, por exemplo, sem pensarmos esse uso num contexto de práticas estabelecidas, não seríamos capazes de indicar precisamente qual o significado que pretendemos atribuir ao mesmo. Como observamos no contexto da definição ostensiva, pelo significado de um nome poderíamos querer indicar a forma do objeto, ou a quantidade, ou o tamanho do mesmo. Não é possível, como vimos, estabelecer o significado preciso de um nome através de uma instância que relacionaria o mesmo com um objeto. Por exemplo, quando escutamos “lajota” independente de um contexto de práticas estabelecidas, poderíamos compreender que alguém está mostrando uma lajota, o ajudante do

construtor poderia compreender que ele deve levar a lajota que está sendo pedida. Também, poderíamos supor que o construtor estaria ensinando ao ajudante o que é indicado pelo termo “lajota”. Os nomes, portanto, só podem ser compreendidos num contexto de práticas linguísticas estabelecidas.

O uso de um nome, então, ocorre das mais diversas formas, não é determinado pela referência a um objeto ou pela indicação do mesmo através de um gesto indicativo e uma expressão, por exemplo, na forma ‘Isto é uma lajota’, que indicaria precisamente o significado do nome, o objeto que o mesmo denomina, pois este uso específico, que é contextualizado em práticas estabelecidas, pode ser interpretado de diversas maneiras. Nomes são formas possíveis de uso da linguagem que é dependente de um contexto de uso estabelecido. Não podemos pensar o uso dos nomes segundo uma concepção que idealiza uma atividade de sublimação com a finalidade de fazer dos mesmos uma entidade estranha.

Segundo Mulhall,

As Wittgenstein goes on to spell out later in the same section, this queer conception evinces all the hallmarks of our subliming tendency: naming, understood as one aspect of the logic of our language, 'appears as a *queer* connexion of a word with an object', because the philosopher is trying 'to bring out *the* relation between name and thing by staring at an object in front of him and repeating a name or even the word 'this' innumerable times. For philosophical problems arise when language *idles*'. The philosopher has extracted naming from its contexts in our everyday life with words, and hence arrived at the idea that naming is a single, unique, and superlatively definite kind of relation between word and thing—a hidden connection of crystalline purity against which our ordinary practices of naming appear as impure, cloudy, and inexact (MULHALL, 2001, pp.93-94).

Assim, podemos pensar que essa concepção de “nomes”, como uma entidade linguística capaz de realizar proezas estranhas ao cotidiano, resulta de uma tendência rara de retirar a linguagem de seu lugar de origem, das práticas cotidianas em que usamos os nomes das mais variadas formas, inclusive para nomear alguma coisa. Através de um processo de “purificação” poderíamos querer mostrar que a linguagem deve ser pensada fora de um contexto de práticas ordinárias, de um contexto de uso estabelecido. Isso torna a linguagem uma coisa estranha, pois as diversas expressões linguísticas seriam consideradas como possuidoras de uma estranha natureza. Por

isso, o ideal de uma análise da linguagem nos conduziria a uma busca ideal por um nível mais profundo de uso da linguagem, que apresentaria entidades linguísticas esquisitas e, precisamente por isso, seriam consideradas mais exatas que a linguagem cotidiana. O resultado final desse processo seria essa estranha concepção que postula que há algumas entidades linguísticas mais profundas que a linguagem cotidiana, por isso, esse ideal estabelece que “proposições”, “nomes” são elementos linguísticos com uma natureza especial.

Querer abstrair o uso dos nomes de uma prática linguística estabelecida que ocorre por causa de um contexto compartilhado por aqueles que dominam a técnica de uso da linguagem numa determinada forma levou a filosofia a buscar quimeras de diversos tipos, a concepções estranhas sobre o que seria a real natureza da linguagem e, por conseguinte, sobre a realidade do mundo. Essas supostas questões filosóficas só podem ser pensadas segundo uma perspectiva limitadora do que seja a linguagem. Um exemplo dessa estranha ideia oferecida por Wittgenstein, nas *Investigações*, é a pergunta de Agostinho sobre a natureza do tempo (IF 89) que leva o filósofo cristão a um impasse: “Se ninguém me pergunta, eu sei; se quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”.

Por que a linguagem é pensada como flutuando num espaço mágico desconectado de práticas cotidianas estabelecidas, num espaço sublime, o filósofo pode retirar uma expressão do cotidiano das pessoas, por exemplo, ‘Tudo tem o seu tempo determinado’, e pensar que o termo ‘tempo’ seria um nome genuíno usado para expressar uma substância sublime de natureza especial. Mais ainda, pode pensar que é tarefa primordial da filosofia, dentre outras coisas, desvendar a natureza dessa substância misteriosa.

Quando pensado numa perspectiva limitante, segundo a qual toda palavra tem um significado que é relacionado à mesma, o termo ‘tempo’ pode ser usado com a pretensão de querer expressar algo sublime, algo de uma natureza especial, por exemplo, o tempo pensado como um objeto sublime. A palavra ‘tempo’, que tem sua origem num uso estabelecido em práticas linguísticas ordinárias, poderia ser retirada desse contexto de uso estabelecido e ser considerada pelo filósofo um elemento linguístico raro, um nome que teria um significado nobre determinado. Essa ideia

poderia conduzir esse filósofo na busca daquilo que seria a essência do tempo. No entanto, quando observamos o uso de 'tempo', percebemos que esta palavra quer dizer muitas coisas distintas nos mais variados contextos em que ocorre o uso da mesma. Por exemplo: "Já é 'tempo', vamos" poder ser usado para indicar um momento presente em que é preciso fazer alguma coisa; "Como passa rápido o 'tempo'!" pode ser usado para indicar uma sucessão de momentos instantâneos, ou uma descrição do quanto se perde tempo com coisas desnecessárias; "Qual o 'tempo' certo?" pode ser usado para indicar o momento em que um ônibus passa por um determinado local, ou inclusive, que horas são no relógio; "O tempo está quente" pode ser usado para indicar fenômenos da natureza.

Quando expandido o horizonte de compreensão das várias formas possíveis de uso da linguagem, um termo como 'tempo' em um contexto pode ser usado como constituinte de uma descrição de um fenômeno da natureza, em outro contexto pode ser usado para indicar as horas do relógio. Por isso, uma palavra como 'tempo' pode ser usada das mais variadas formas nos diversos contextos. Retirar essa palavra de um contexto de práticas estabelecidas por meio de um ato mágico não confere à mesma uma natureza estranha às práticas cotidianas, não faz dessa palavra um 'nome' com poderes sobrenaturais.

Baker & Hacker (2005, I, p. 126) afirmam que para saber se um nome é genuíno, devemos saber como nós usamos esses nomes e como explicamos seu uso nos diversos contextos nos quais ele ocorre, pois nenhum tipo de pesquisa científica ou filosófica sobre o que é referido com o uso de um nome justificaria o saber se uma determinada expressão pode ser considerada um nome genuíno. Por isso, não podemos pensar que há algo como uma revelação descoberta após uma análise que indicaria que determinado nome não é de fato um nome genuíno, pois nenhum mistério encobre a noção de nome, não há nenhum problema para solucionar ao decidir que expressões são nomes.

Nas *Investigações*, Wittgenstein afirma que essa tendência de sublimação do uso das palavras tem como resultado a ideia de que um nome é um elemento linguístico possuidor de uma natureza especial que seria revelada ao se depurar todas as imprecisões da linguagem cotidiana, que seria imperfeita, imprecisa. Esse ideal é

exemplificado na tese de que um nome só teria seu significado se designar um elemento simples (IF 39) que sempre permanece o mesmo, pois não pode sofrer qualquer tipo de modificação, inclusive, este elemento simples não poderia ser passível de destruição (IF 55, 59).

Essa ideia de nome como um elemento linguístico que designaria um elemento simples da realidade é outra constante encontrada na história filosofia. O nome foi pensado, na maioria das vezes, como sendo uma classe de palavra com poderes especiais que conferiam ao mesmo a capacidade de denominar o que se considera um elemento simples da realidade. Por isso, Wittgenstein (IF 39) observa que, a partir dessa ideia, pode-se cair numa tentação de uso do termo 'nome' fora do contexto em que normalmente chamamos um termo linguístico de nome. Essa ideia, segundo o austríaco, pode ser formulada da seguinte maneira: “O nome deve designar o propriamente simples”.

Ao analisar o nome da espada usada por Siegfried, Wittgenstein (IF 39) sugere que o nome não pode ser pensado segundo essa forma estranha que postula que o mesmo “deve designar o propriamente simples”, pois o nome poderia ser pensado a partir do uso que fazemos dele. O austríaco mostra que 'Nothung' pode ser usado para nomear a espada de Siegfried. No entanto, esse uso pode acontecer, quer a espada esteja inteira, quer a espada esteja despedaçada. Todos aqueles que têm conhecimento de mitologia alemã compreende que 'Nothung' é o nome de um objeto, quer ele tenha existido ou não. Esse nome tem um uso estabelecido num contexto determinado porque os usuários da linguagem compartilham certas práticas que possibilitam o uso desse nome nessa forma.

Stern afirma que,

Section 39 sets out this Tractarian line of reasoning: if the object a name refers to doesn't exist, then the name would have no meaning. But the proposition does have meaning, and so the object in question must exist. However, §40 replies that this confuses the meaning of the name with the bearer: when Mr N. N. dies, his name is still meaningful. In other words, this account manifestly fails to fit the way we use names of everyday people and equipment, which still have a meaning when their object ceases to exist (STERN, 2004, p. 100).

Por isso, é possível perceber outro movimento feito por Wittgenstein (IF 40) ao observar que o significado de um nome não pode ser confundido com o portador desse nome, ou a referência desse nome. O austríaco exemplifica mostrando que se uma pessoa que tiver um determinado nome morrer seu nome continua tendo significado para aqueles que o usam, quer o portador do nome esteja vivo, quer esteja morto. Portanto, não se pode confundir o significado de um nome com aquilo que ele pretende denominar, pois nomes que não possuem referência podem ter um uso estabelecido num determinado contexto.

A confusão do significado de um nome com o portador daquele nome, ou com o objeto que se pretende designar pelo mesmo, é responsável por alguns dos problemas na filosofia que são possíveis porque a linguagem é pensada como determinada por uma relação entre a mesma e o mundo. Porque não compreendem o que pode ser considerado um nome, ou como se usa um nome qualquer nos mais variados contextos, porque confundem o significado de um nome com um objeto determinado que seria a referência do mesmo, muitos filósofos erigiram quimeras metafísicas a partir desse equívoco. Uma dessas quimeras pode ser exemplificada na afirmação “o nome deve designar o elemento simples, indestrutível, da realidade”. Essa estranha afirmação, no entanto, não considera que nomes são formas variadas de uso da linguagem, o uso dos nomes têm as mais diversas funções. O uso dos nomes recebe um 'como' e não um 'isto' ao se indicar a forma como ele é usado. Portanto, não é possível confundir o uso de um nome, que é contextualizado, com o portador desse nome. Um objeto, mesmo que seja considerado um elemento simples da realidade, não determina o que seria o significado de um nome.

O nome, portanto, não possui poderes especiais que capacitam os mesmos para designar os supostos elementos simples que constituem a realidade. Se insistíssemos em saber o significado de um nome que tem a pretensão de designar um elemento simples da realidade, nos encontraríamos com os problemas de uma suposta análise da linguagem que desencadearia um processo eterno de busca daquilo que é denominado pelo dado nome. Por isso, ressaltamos que nomes são formas estabelecidas de uso da linguagem que ocorre num certo contexto de práticas. A pergunta pelo significado de um nome não pode receber como resposta um 'isto'. Essa

pergunta deve desaparecer e em seu lugar poderíamos encontrar uma explicação do uso de um nome a partir da ideia de 'como' ocorre esse uso ao indicar uma possibilidade de uso com uma finalidade.

Wittgenstein, na sequência das *Investigações*, se pergunta pelo motivo que poderia levar um filósofo a conceber a linguagem a partir dessa perspectiva estranha, pensar um nome como uma entidade linguística de natureza especial que denominaria uma entidade especial do mundo chamada de elemento simples, que determinaria todo significado linguístico. Ele encontra uma possível origem dessa ideia nas palavras de Sócrates no *Teeteto*.

Numa passagem citada do *Teeteto*, Wittgenstein (IF 46) considera a ideia socrática de que o nome designaria os elementos primitivos (simples) da realidade. Para o austríaco, os elementos primitivos que constituem a realidade foram pensados por ele, no *Tractatus*, como 'objetos' que constituem os fatos elementares. Nessa passagem Sócrates afirma:

Se não me engano, assim ouvi de alguns: para os elementos primitivos – para assim me expressar – dos quais nós e tudo o mais somos compostos, não há qualquer explicação; pois tudo o que é em si e por si, pode ser apenas designado com nomes; uma outra determinação não é possível, nem que é nem que não é... Mas o que é em si e por si deve ser... denominado sem todas as outras determinações. Mas, com isso é impossível falar explicativamente de qualquer elemento primitivo; pois para este nada existe a não ser a mera denominação; tem, na verdade, apenas seu nome. Mas assim, como aquilo que se compõe desses elementos primitivos é ele próprio um conjunto emaranhado, assim também suas denominações tornam-se discurso explicativo neste emaranhado; pois sua essência é o emaranhado de nomes”.

Wittgenstein ao citar essa passagem do *Teeteto*, da mesma forma quando cita a passagem das *Confissões*, não pretende desenvolver uma suposta teoria platônica sobre o que seria a realidade dos elementos primitivos que constituem o mundo, ou a ideia de simplicidade desenvolvida por Platão. Com esse trecho do *Teeteto*, Wittgenstein pretende esclarecer a reflexão sobre o ideal que concebe a existência de elementos simples como uma significativa concepção que pode ser encontrada na história da filosofia. Nessa passagem, portanto, encontramos um exemplo desse ideal

que pensa a linguagem a partir de uma concepção idealizadora, da mesma forma que a imagem agostiniana.

Ao final dessa citação do *Teeteto*, Wittgenstein confessa que havia pensado, no *Tractatus*, o mundo como constituído desses elementos primitivos, que seriam elementos simples, objetos postulados como o significado dos nomes, a substância do mundo (TLP 2.02-2.0272). Portanto, a consideração de Sócrates, nessa passagem, ilustra uma maneira que é comumente encontrada na filosofia, ela apresenta uma concepção de realidade que ao final seria constituída, essencialmente, de elementos simples “que são em si e por si”.

Assim, segundo essa passagem do *Teeteto*, o mundo pode ser apresentado como constituído, em última instância, de elementos primitivos, simples. Tudo aquilo que percebemos no mundo são, por assim dizer, realidades compostas desses elementos simples. Os elementos simples que compõem a realidade são designados através dos nomes. Não é possível a descrição desses elementos simples, pois os mesmos só podem ser nomeados, indicados. Um elemento simples da realidade seria o significado de um nome. Por outra parte, podemos pensar que uma reunião desses elementos primitivos, simples, formaria a composição dos elementos compostos que constituem o mundo. Por isso, o mundo pode ser compreendido como um composto de elementos simples.

Portanto, aquilo que compreendemos por mundo deve ser concebido a partir das ideias de simples e de composto, segundo os ideais de simplicidade e de complexidade. Assim, seguindo essas orientações, podemos dizer que quando alguém se aproximar de qualquer porção do mundo e pretender compreender a realidade daquilo que está diante de si, esta pessoa deveria observar, primeiramente, se ela se encontra diante de algo simples ou de algo composto. Possivelmente, essa pessoa poderia perceber um elemento composto do mundo e somente através de uma análise desse composto seria possível perceber quais seriam os elementos simples que constituiriam esse composto.

Para Savigny (2004, 46-48), essa ideal de simplicidade pretende expressar um postulado socrático que parece ser um reflexo do erro natural e insignificante de supor que para um complexo ser composto deve haver um processo finito de composição,

postulado este que ele chama de “Isto-não-pode-seguir-para-sempre”<sup>5</sup>. Segundo ele, esse postulado implica conceber que só há um modelo de análise e o nome perderia seu significado se todas as coisas fossem constantemente recompostas. Ele sugere que há uma conexão entre o medo e o combate à recomposição, pois recomposição significa mudança, mudança significa alteração, alteração significa perda de identidade e aquilo que perdeu sua identidade não pode manter seu nome. Portanto, o nome e o portador não devem possuir partes elementares porque são inalteráveis, por isso, devem ser simples.

Assim, ao considerar essa passagem do *Teeteto*, é possível perceber que Sócrates estabelece um postulado que estranhamente revela que o nome deve designar aquilo que é em si, e por si: um elemento simples que é considerado como um objeto necessariamente existente, ele não pode ser pensado como não-existente. Por isso, esse postulado socrático estabelece que o referente de um nome, um objeto simples, não pode ser desmembrado e muito menos destruído para que esse nome tenha um significado determinado. Esse objeto deve ser concebido como simples, e não pode ser pensado como possuidor de algum tipo de propriedade, seja lá o que possa ser considerado na natureza um objeto com essas estranhas características definidas pela passagem do *Teeteto*.

Segundo Stern,

The *Tractatus*, like Socrates at this point in the *Theaetetus*, aims at a systematic explanation of what must be the case in order for true and false statements to be possible. The Tractarian ‘solution’ is that we can’t really talk or think about nonexistent objects: when we say something doesn’t exist, or imagine something unreal, closer analysis must show we are talking or thinking about certain simpler objects which do exist, and denying that they are arranged in a specific way. In order to avoid a regress, one is forced to conclude that there must be some primary elements, which cannot be further analysed, that refer to things that must exist. The meanings of these directly referring terms just are the objects they refer to. For Russell, these terms were demonstratives, which picked out the contents of immediate experience; for the early Wittgenstein, they were the names that referred to simple objects. These simples

---

<sup>5</sup> Given the speculative boldness manifested by the whole enterprise, the additional postulate may seem to reflect the natural and insignificant mistake of supposing that for a complex to be composite, there must have been a finite process of composing it. It is, however, also an instance of a more general idea which I call the ‘this-cannot-go-on-forever’ postulate. (SAVIGNY, E. *Diagnosis and Therapy*: Christening simple objects, PI 38-64, p.p. 46-47).

cannot come into existence or cease to be, for they are the unchanging ground that makes change possible (STERN, 2004, p.p 101-102).

Portanto, esse ideal socrático postula uma misteriosa forma de compreensão do que seria a realidade, pois sempre que estivermos considerando um aspecto qualquer do mundo, deparamos com a questão de saber diferenciar se estamos diante de algo simples ou de algo composto. Mais ainda, toda a realidade deve ser pensada como o resultado de uma reunião de elementos simples, ou seja, o mundo deve possuir elementos simples que existem necessariamente para que o nome tenha significado e a linguagem tenha um sentido determinado.

No entanto, ao investigarmos essas ideias compreendidas pela passagem do *Teeteto*, percebemos que as ideias de simples e de composto, que tem a finalidade de mostrar o que seja o mundo, de revelar o que seria a essência daquilo que existe, sugere outras dificuldades que questionam essa maneira de aproximação do mundo e da tentativa de compreendê-lo. Por exemplo, como saber se estamos diante de algum elemento simples que compõe a realidade? o que podemos compreender por composto, nesse caso? por que não podemos analisar aquilo que se apresenta diante de nós, que seria classificado como composto, como sendo simples?

Uma série de questões que se apresentariam se considerássemos a realidade a partir das ideias de simples e de composto, independente de um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas, é apresentada por Wittgenstein (IF 47) ao mostrar que qualquer suposta análise da realidade deveria ser considerada num contexto bem determinado, pois o que poderíamos considerar como simples num contexto, não pode ser considerado necessariamente como simples em outro contexto. Queremos ressaltar que a própria ideia de análise da realidade, ou de análise da linguagem, apresentaria algumas outras dificuldades que necessitarão ser reconsideradas para não cairmos num processo infinito de busca dos supostos elementos simples, ou compostos, que constituem a realidade.

Segundo Wittgenstein (IF 47),

(...) Se digo a alguém, sem qualquer elucidação: O que vejo diante de mim é composto”, então esse alguém perguntar-me-á com

razão: “Que quer você dizer com 'composto'? Isso pode significar todas as coisas possíveis!” A pergunta “O que você vê é composto?” certamente tem sentido, se já está estabelecido de que espécie de ser composto - isto é, de que uso especial dessa palavra – se trata (...).

Assim, aquilo que compreendemos como composto num determinado contexto pode ser compreendido como simples em outro contexto, ou mesmo nesse contexto, se não está estabelecido o que se pretende dizer com ‘simples’. Apenas quando está estabelecida a forma como iremos utilizar as ideias de simples e de composto, será possível identificar o que se pode entender por simples, ou por composto. Por exemplo, num contexto em que ocorre uma colheita de maçãs, cada fruta poderia ser considerada um elemento simples que compõe a realidade da colheita. A colheita poderia ser considerada um complexo. No entanto, nesse mesmo contexto, se uma determinada maçã fosse analisada, ela poderia ser pensada como um elemento complexo constituído de partes simples. A própria análise da maçã poderia desencadear um processo de busca de um elemento simples que seria constitutivo da mesma. Essa análise, possivelmente, resultaria numa busca incessante de algo que poderia ser considerado um elemento simples.

Fogelin (1987, p. 126) afirma que ao construirmos contextos de vários tipos para considerar os diversos exemplos se torna uma tarefa fácil imaginar respostas para cada questão que tem a pretensão de estabelecer, definitivamente, se alguma coisa pode ser considerada como um elemento simples da realidade, ou como composto. Ele sugere, também, que num contexto em que uma questão sobre a simplicidade ou complexidade de alguma coisa seja apropriada pode revelar-se como totalmente inapropriado para uma outra questão.

Portanto, uma das consequências a que chegamos com nossas considerações sobre os elementos simples ou composto da realidade é a certeza de que aquilo que o ideal de simplicidade e de complexidade pretende afirmar só pode ser pensado num contexto de práticas estabelecidas. Quando consideramos essas mesmas ideias, ainda que num contexto específico, a própria ideia de simplicidade, e a conseqüente ideia de complexidade, carece de uma melhor explicação, pois pode resultar em algumas

dificuldades que não se apresentariam se considerássemos esses ideais num contexto de práticas estabelecidas.

Segundo Stern (2004, p.p. 103-105), a noção de simplicidade é sempre relativa a um contexto: o que conta como simples depende daquilo que nós identificamos como os constituintes ou componentes de um determinado complexo em questão. Para ele, se queremos significar alguma coisa como 'simples', no final, seguramente isso significa 'não-composto', não feito de partes menores. O filósofo em sua busca pelo simples está procurando algo absolutamente descontextualizado. No entanto, para Stern, Wittgenstein mostra que aquilo que podemos perceber como 'composto' é sempre dependente de um contexto de uso.

Portanto, assim como abandonamos a busca de um 'isto' como aquilo que fundamentaria toda linguagem, que estabeleceria o significado preciso das diversas expressões linguísticas, também precisamos abandonar esse ideal que nos coloca em uma busca constante daquilo que pode ser considerado simples, o elemento que é pensado como a substância do mundo, a referência de um nome, pois o que consideramos como simples é dependente de um contexto de práticas de uso estabelecidas. Essa certeza de que simplicidade e complexidade necessariamente dependem de um contexto de práticas estabelecidas nos coloca além da imagem agostiniana, que tem como centro de suas ideias a pergunta pelo significado pensado como a referência dos elementos linguísticos.

No entanto, outra ideia associada a esse aspecto da imagem agostiniana e que necessita de uma explicitação é uma suposta existência necessária daquilo que se considera como um elemento simples da realidade. Segundo esse ideal, esse elemento não poderia ser descrito, pois aquilo que é descrito só pode ser considerado como um elemento complexo que compõe a realidade. Segundo Wittgenstein, essa ideia pode ser formulada nos seguintes termos: "Denominar e descrever não se encontram na verdade num único nível: o denominar é uma preparação para a descrição" (IF 49). Portanto, o nome denominaria aquilo que existe necessariamente e não pode ser pensado como não-existente. O nome careceria de significado caso esse objeto não existisse e não poderia ocorrer qualquer tipo de descrição da realidade, não poderia haver uso significativo da linguagem.

## Para Stern

Wittgenstein's narrator goes on to offer a diagnostic explanation for the Socratic (and Tractarian) desire to say that simples must exist, that they can only be named, and that their existence is a condition of significant discourse. He suggests that this conviction arises out of a misunderstanding of the role of paradigmatic examples (such as colour samples) or rules (such as a table correlating colours and their names) in our use of language (STERN, 2004, p.p. 106-107).

Portanto, a ideia de existência necessária de elementos simples que seriam relacionados aos nomes através de um ato de denominação, que estabeleceria o significado desses nomes, só pode ser pensada a partir de uma imagem limitadora da linguagem que prescinde de um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas pelos usuários da linguagem. Essa imagem não atenta para os diversos usos estabelecidos das palavras, dos nomes, pois retira o uso dos nomes das práticas linguísticas ordinárias em que ocorre, em que tiveram sua origem, e se instala num reino mágico, se põe a falar de nomes ligados a objetos extraordinários. Essa imagem, por exemplo, não percebe o papel exercido pelos exemplos paradigmáticos em suas divagações sobre a linguagem e, por isso, fala de existência necessária de objetos, de elementos simples.

Os exemplos paradigmáticos, as amostras, que são afirmados como possuindo um tipo de natureza especial e classificados como objetos que existem necessariamente são formas possíveis de uso da linguagem com uma determinada finalidade, entretanto, esses exemplos paradigmáticos devem ser considerados como meios linguísticos estabelecidos com uma determinada finalidade. Um exemplo oferecido por Wittgenstein (IF 50) é o caso do metro padrão que poderia ser classificado como sendo algo necessariamente existente. Esse algo necessariamente existente receberia a denominação de um nome para, por exemplo, ser parte constituinte de uma descrição de algo que acontece necessariamente no mundo. Por exemplo, o fato de que há um objeto no mundo, que existe necessariamente e possui um metro, esse objeto se encontra em Paris.

Baker & Hacker (2005, I, p.p. 155-156) afirmam que Wittgenstein não pretende atribuir ao exemplo do metro padrão algum tipo de propriedade que possa estabelecer

que o mesmo tenha, ou não tenha um metro. O austríaco quer simplesmente marcar seu papel num determinado jogo de linguagem como uma regra do que pode ser considerado metro. Por isso, a sentença “um metro é a medida do metro padrão” não pode ser pensada como o resultado de uma medição, ou de uma descrição. Ela, no entanto, pode ser pensada como uma definição que estabeleceria uma regra, uma norma de uso de medida, pois usamos o metro padrão como um critério para dizer que algo tem um metro.

Os supostos elementos que seriam necessariamente existentes, portanto, só são pensados quando se abandona o contexto de uso em que os mesmos foram introduzidos numa prática linguística determinada. A partir dessa abstração, que é descontextualizada, o filósofo pensa que é possível falar de existência necessária dos elementos simples, de substância do mundo. No entanto, esses supostos elementos necessariamente existente são apenas meios de que dispomos para expressar uma determinada situação.

Por isso, certos objetos que são expressos através de seus nomes, palavras que têm sua origem numa prática cotidiana, são usados abandonando o contexto de práticas em que tiveram sua origem e passam a ser empregados, pelo filósofo, de uma maneira que não havia sido pensada na origem dos mesmos, extrapolando um uso que fora estabelecido para os mesmos num contexto. Isso tem como resultado concepções estranhas do que seja a natureza desses objetos, do que seja a linguagem, tem como resultado uma concepção absurda de objetos necessariamente existentes, em si e por si, que significariam os nomes.

Segundo Stern (2004, p. 107), se levarmos em conta as circunstâncias em que usamos as palavras, vemos que aquilo que estamos tentando fazer no uso de amostras (paradigmas) é dar um passo fora das circunstâncias habituais de uso. Por exemplo, localizamos e medimos coisas com um determinado objetivo, não pretendemos que esse uso queira afirmar algo mais fundamental que essa prática habitual. Stern sugere que podemos imaginar circunstâncias em que a expressão “o metro padrão tem um metro de comprimento” possa fazer sentido – talvez ao falar com alguém que não tem ideia do que seja “um metro padrão” – talvez ao apontar um padrão familiar que tinha até então passado despercebido. No entanto, o ponto de tais “verdades” filosóficas é

que elas são supostas pelos filósofos como estabelecendo algo que deve ser verdadeiro, real. Por isso, estamos inclinados a interpretar mal o papel atribuído ao objeto no jogo de linguagem, como se o mesmo possuísse uma característica misteriosa. A doutrina do simples pode ser considerada uma cristalização ontológica desse papel metodológico.

Portanto, essa ideia que pretende associar a linguagem ao que acontece no mundo através de um ato de denominação, que sugere sermos capazes de descrever o mundo como constituído de elementos simples necessariamente existentes, é resultado de uma concepção parcial e, por isso, equivocada do que seja a linguagem. Porque não compreende o papel dos diversos usos estabelecidos que são contextualizados em nossas práticas linguísticas, esse ideal conduz a diversos absurdos, dentre os quais destacamos a ideia de existência necessária de elementos simples que constituem a realidade e seriam responsáveis pela determinação do significado.

Quando compreendemos o papel desempenhado pelos diversos elementos linguísticos nos usos contextualizados que fazemos dos mesmos, percebemos que as ideias de complexidade e de simplicidade não podem ser pensadas prescindindo de um contexto de práticas estabelecidas. O postulado de análise da linguagem que revelaria uma forma perfeita, mais profunda, que mostraria o significado dos elementos linguísticos, objetos necessariamente existentes, carece de sentido.

Quando compreendemos a linguagem em toda sua diversidade, quando compreendemos que aquilo que chamamos de frases que descrevem algo, ou palavras que denominam algo, depende de um contexto em que esses diversos usos tiveram sua origem, percebemos que não faz sentido falar de elementos simples necessariamente existentes que seriam a referência dos nomes, pensados como um ser linguístico de uma natureza especial. Há diferentes formas de uso da linguagem, há diferentes formas de uso das expressões linguísticas. Esses diversos usos, porém, não são determinados por causa de uma suposta relação entre a linguagem e o mundo. Por isso, não é linguisticamente possível falar de existência necessária de objetos que determinaria o significado dos nomes. Não faz sentido aventurar-se numa contínua análise da linguagem com o objetivo de mostrar uma forma mais profunda, perfeita, que estaria oculta na linguagem cotidiana. Não faz sentido especular sobre qualquer outro

tipo de superstição filosófica que tem sua origem em uma compreensão limitadora das possibilidades de uso da linguagem.

Na sequência de nosso trabalho, iremos observar alguns parágrafos que consideramos ser fundamentais para a compreensão das ideias que estamos analisando com o objetivo de perceber melhor por que o uso da linguagem não é determinado por qualquer referência que seria associada às expressões linguísticas. Como ressaltamos na introdução, não iremos desenvolver o tema dos conceitos, a noção de semelhanças de família e o ideal que postula a existência de essências que seriam as referências dos conceitos porque temos como objetivo principal esclarecer as principais ideias de Wittgenstein sobre a linguagem que podem ser percebidas no desenvolvimento do diálogo que ele estabelece com a imagem agostiniana nos parágrafos que consideramos. No entanto, nosso trabalho ainda tem por objetivo apresentar algumas das ideias que estiveram presentes desde o início, mas que careceriam de um melhor esclarecimento num capítulo final.

### 3 SIGNIFICADO E CONTEXTO

No diálogo desenvolvido entre Wittgenstein e a imagem agostiniana acompanhamos o desenvolvimento de uma nova imagem da linguagem através da comparação da atividade linguística com a atividade de jogar. O resultado desse processo é a ideia de que a linguagem é bem compreendida quando comparada aos jogos, pois como temos diferentes tipos de jogos, também temos diferentes possibilidades de uso da linguagem. A linguagem, portanto, é justificada na prática cotidiana de uso que, embora orientada por regras, não é completamente determinada pelas mesmas. Essa prática só se torna possível porque os usuários da linguagem possuem algumas habilidades adquiridas num processo de iniciação à prática linguística que ocorre num contexto de práticas estabelecidas.

Dessa forma, nesta seção final, pretendemos esclarecer algumas ideias fundamentais que estiveram presentes na observação desse diálogo entre Wittgenstein e a imagem agostiniana através da consideração de alguns parágrafos fundamentais com o objetivo de perceber a forma de linguagem que o austríaco apresenta em sua obra tardia. Para tanto, iremos caracterizar a ideia de jogos de linguagem, que podem ser pensados como o contexto que torna possível a prática linguística, e uma das noções centrais para a forma de linguagem apresentada nas *Investigações*, que é a certeza de que o significado é mais bem compreendido quando observamos o uso da linguagem na prática, por isso, faz-se necessário esclarecer as noções de significado e de uso. Também iremos ver como podemos pensar a normatividade no uso da linguagem a partir de regras que orientam a prática. Por fim, desenvolveremos algumas reflexões que nos auxiliarão na compreensão da forma como podemos ver a ideia de contexto de práticas estabelecidas como aquilo que possibilita qualquer atividade de uso da linguagem.

Esperamos que ao final desta parte algumas dúvidas que estiveram presente no decorrer desse nosso trabalho possam ser esclarecidas e a maneira como Wittgenstein compreende a linguagem, nas *Investigações*, possa ser percebida como uma atividade prática de uso contínuo das diversas expressões linguísticas que ocorre por causa de um contexto de práticas estabelecidas que são compartilhadas por aqueles que

dominam uma técnica que possibilita o uso da linguagem nos mais variados tipos de uso.

### 3.1 Significado e Jogos de linguagem

A maneira como Wittgenstein compreende a linguagem em sua fase madura tem como característica principal a ideia de que a linguagem é uma atividade que ocorre das mais variadas formas, nos mais diversos contextos de práticas estabelecidas. Por isso, as práticas linguísticas, como vimos, são contextualizadas e são bem compreendidas quando comparadas a uma atividade como o jogar, por exemplo. O austríaco apresenta a linguagem comparando-a com os jogos, fala de jogos de linguagem, afirma que como são diversos os tipos de jogos, da mesma forma são diferentes os tipos de jogos de linguagem.

Por isso, é fundamental o esclarecimento dessa ideia de jogos de linguagem que é uma consequência que surge da comparação entre a atividade de uso da linguagem com a atividade de jogar. O esclarecimento dessa ideia é fundamental para a compreensão das relações que podem ser estabelecidas entre uso e significado. Somente assim será possível compreender o parágrafo 43 e a afirmação contida nele de que em muitos dos casos de uso da palavra significado, o significado de uma expressão qualquer pode ser indicado pelo uso que é feito dessa expressão num jogo de linguagem.

Iniciemos, então, nossas considerações sobre os jogos de linguagem retomando o caso do primeiro parágrafo das *Investigações*. Como vimos, Wittgenstein apresenta um exemplo frutífero que é o caso de uso da expressão 'cinco maçãs vermelhas'. Como ressaltamos, desde o primeiro parágrafo mostra-se como insustentável essa ideia da imagem agostiniana que pretende fundamentar toda linguagem significativa através da associação entre uma palavra e um objeto. Por isso, percebemos que no caso de uma palavra como 'cinco' não é possível indicar, independente de um contexto de uso estabelecido de palavras para números, qual seria o uso dessa palavra que parece não possuir uma referência explícita. Também, observamos no parágrafo 2 que é impossível

indicar a maneira como são usadas palavras como 'bloco', ou 'lajota', independente de um contexto de uso estabelecido dessas palavras.

Assim, nesses dois casos, percebemos que Wittgenstein nos sugere um avanço para além da ideia de significado atribuído a uma palavra qualquer como um algo que seria relacionado à mesma, pois os dois exemplos nos chamam a atenção para o fato de que o uso das palavras é possível porque se localiza num contexto de práticas estabelecidas, somente nesse contexto é possível perceber como é possível usar uma palavra qualquer. Uma suposta referência que seria associada à palavra é irrelevante para explicar a forma como se usa a mesma.

Queremos avançar em nossa consideração e afirmamos que o exemplo do primeiro parágrafo, 'cinco maçãs vermelhas', pode ser considerado um jogo de linguagem que é pressuposto, que é dado como certo, para que seja possível usar essas palavras para expressar uma determinada situação. Assim, num contexto de feira poderíamos ter vários jogos de linguagem, por exemplo, poderíamos querer usar as palavras para descrever a quantidade de maçãs num balcão, por isso, 'cinco maçãs vermelhas' pode ser tomado como uma descrição desse fato. No entanto, essa mesma expressão, 'cinco maçãs vermelhas', pode ser usada para indicar um pedido ao feirante, e não poderia mais ser considerada uma descrição de um fato, mas poderia ser considerada uma ordem. Por isso, através de 'cinco maçãs vermelhas', independente do contexto em que a expressão foi usada, não é possível indicar qual seria o significado que seria relacionado à mesma. No entanto, se tomamos o uso dessa expressão num certo contexto de práticas estabelecidas, poderíamos indicar qual seria o papel desempenhado por essa expressão, por exemplo, ao mostrar uma forma de 'como' usamos a mesma com uma finalidade.

Da mesma forma, o exemplo do segundo parágrafo pode ser considerado um jogo de linguagem que ressalta o papel do uso da linguagem que é feito sempre pressupondo um contexto de práticas estabelecidas, pois para que palavras como 'colunas' ou 'lajotas' possam ter um uso num determinado contexto, é importante percebermos a forma como essas expressões são usadas e não há a necessidade de prender-nos à ideia de que esse uso deve receber um 'isto' como a atribuição de um significado que seria associado às mesmas.

Por isso, esses dois exemplos podem ser considerado jogos de linguagem que são analisados desde os primeiros parágrafos das *Investigações*. Esses exemplos mostram que a atividade linguística só é possível porque algumas situações são tomadas como certas no uso que é feito das diversas expressões linguísticas. Somente dominando certas habilidades, os usuários de um jogo de linguagem podem ser capazes de realizar as mais variadas atividades de uso linguístico que é sempre contextualizado, é orientado por regras, ainda que não seja completamente determinado pelas mesmas. A ideia de jogos de linguagem, portanto, é uma das ideias centrais que mostra a maneira como Wittgenstein compreende a linguagem, reafirma a certeza de que o uso das expressões linguísticas é uma atividade prática que encontra sua justificação num contexto de práticas estabelecidas.

No parágrafo 6, Wittgenstein afirma que o exemplo do construtor e de seu ajudante (IF 2) pode ser considerado uma linguagem completa, uma linguagem que serve para que os envolvidos nessa prática determinada sejam capazes de fazer aquilo que deles é esperado naquele contexto. Por isso, sugerimos que esse exemplo também pode ser considerado como a expressão de uma linguagem simples, pode servir como um exemplo introdutório para que seja possível a compreensão da ideia de jogo de linguagem, pode auxiliar no início das considerações sobre a forma como o austríaco pensa a linguagem nas *Investigações*.

Nesse mesmo parágrafo (IF 6), Wittgenstein sugere que no ensino da linguagem, “As crianças são educadas para executar essas atividades, para usar essas palavras ao executá-las, e para reagir assim às palavras dos outros”. Portanto, esse jogo de linguagem que ocorre no contexto de uma construção apresenta algumas características da forma como se pode pensar a linguagem, a partir das ideias desenvolvidas na obra tardia de Wittgenstein.

Como esse jogo de linguagem primitivo pode ser considerado toda a linguagem de um povo, algumas características do mesmo auxiliam na compreensão da ideia de jogos de linguagem. Por isso, através da leitura do sexto parágrafo das *Investigações*, podemos perceber que Wittgenstein mostra algumas condições que possibilitam a atividade de um jogo de linguagem.

- (i) as crianças são educadas para *executar essas atividades*;

- (ii) as crianças são educadas para *usar essas palavras* ao executá-las;
- (iii) as crianças são educadas para *reagir às palavras dos outros*.

Essas três ações, portanto, apresentam algumas características que auxiliam na compreensão do que pode ser considerado um jogo de linguagem. Os jogos de linguagem só são possíveis porque é pressuposto que as crianças sejam educadas, treinadas, introduzidas numa forma de uso da linguagem para praticar uma determinada ação, usar a linguagem com uma finalidade num certo contexto. Somente assim será possível a atividade de uso da linguagem que ocorre por causa do ensino, ou melhor, por causa de um treinamento que modela nas crianças um comportamento que capacita as mesmas para usar as diversas expressões linguísticas nos mais variados contextos.

Portanto, para que seja possível o uso da linguagem é necessário que haja um treinamento (educação) que molda uma habilidade que torna o indivíduo capaz de executar uma determinada atividade, ou seja, torna o mesmo capaz de agir num contexto. A linguagem como atividade é pensada, então, como uma ação. A própria analogia da linguagem com um jogo já pressupõe a ideia de ação. No entanto, para que a ação seja executada, é importante destacar as outras duas características do treinamento: as crianças são educadas para *usar* uma palavra para executar uma determinada ação e para *reagir* às palavras dos outros num contexto determinado. Portanto, a atividade linguística só ocorre porque os usuários da linguagem possuem algumas habilidades adquiridas num treinamento de iniciação às diversas formas de uso da linguagem.

Baker & Hacker (2005, I, p. 52) afirmam que os fundamentos da habilidade de jogar um jogo, assim como os fundamentos de nossa competência linguística, são adquiridos a partir de um treinamento. A habilidade de jogar um jogo, como a habilidade de usar uma palavra, é o domínio de uma técnica específica. Jogar um jogo, como falar, andar, correr, é uma atividade humana e a existência de jogos compartilhados pelos usuários, como linguagens compartilhadas, pressupõe reações comuns às ações dos outros, habilidades comuns.

Por isso, somente através de um treinamento que molda nas crianças uma técnica para uso das palavras, das frases, enfim, para o uso da linguagem num

determinado contexto, a atividade linguística se torna possível. Através de um treinamento, o usuário da linguagem se torna capacitado, habilitado, no domínio de uma técnica que é responsável pelo uso que ele faz da linguagem, responsável pelas ações e pelas reações que fazem da linguagem uma atividade possível. O domínio de uma habilidade adquirida na aprendizagem é aquilo que torna possível a atividade de uso da linguagem, pois pela iniciação em uma técnica específica os usuários são capacitados para agir e reagir nos diversos usos da linguagem, nos mais variados contextos de jogos de linguagem.

Assim, podemos caracterizar a linguagem, a partir dessas ideias das *Investigações*, como uma atividade que consiste no uso de expressões linguísticas segundo uma prática específica que é adquirida quando do treinamento de um indivíduo que está aprendendo a linguagem. No exemplo do jogo de linguagem primitivo, como vimos, Wittgenstein insiste em destacar gestos e ações que são fundamentais para que o jogo de linguagem, mesmo que seja um jogo de linguagem simples, funcione corretamente. No entanto, o jogo de linguagem primitivo, ainda que possível, é apenas uma maneira de uso da linguagem, de compreensão da linguagem, não pode ser pensado como aquilo que apresentaria a essência que tudo aquilo que seja considerado linguagem deva possuir. Mais ainda, esse jogo de linguagem só é possível porque algumas situações são pressupostas antes e depois do desenvolvimento dele, situações essas que serão responsáveis pelo sucesso do mesmo, naquele contexto.

O exemplo do jogo de linguagem da construção, embora esteja localizado no contexto da imagem agostiniana da linguagem, pressupõe algumas situações que o colocam para além da imagem agostiniana, situações que são semelhantes às pressupostas no contexto da feira e das cinco maçãs vermelhas. Ambos, feirante e comprador, construtor e ajudante, possuem algumas habilidades que tornam possíveis os usos das palavras, das frases, num contexto específico, possuem algum nível de compreensão da forma como a linguagem funciona nesse contexto de práticas estabelecidas.

A obra de Wittgenstein, portanto, nos faz perceber que há uma necessidade de possuir algum tipo de habilidade para realizar uma determinada ação, para usar a

linguagem num determinado contexto. Por exemplo, no caso da construção, o construtor poderia esperar que seu ajudante fosse capaz de trazer o pedido que foi feito, no contexto da feira, o comprador poderia esperar que o feirante fosse capaz de agir conforme se espera de um vendedor, que é trazer aquilo que foi pedido. No entanto, nesses mesmos contextos, poderíamos considerar que os usuários da linguagem, ou melhor, aqueles que proferissem as expressões 'cinco maçãs vermelhas', ou 'colunas', 'lajotas', estivessem realizando uma descrição de alguma coisa determinada ao utilizar essas palavras. Por isso, Wittgenstein insiste na ideia de que é necessário desfazer-se da pergunta pelo significado de uma palavra e procurar saber como se usa a mesma num certo contexto.

A linguagem, portanto, pode ser pensada como uma atividade praticada de diversas maneiras com as mais variadas finalidades. Por isso, Wittgenstein afirma que há diversos jogos de linguagem, ou diferentes formas possíveis de uso da linguagem (IF 7, 23). Cada uso que se faz de uma expressão linguística é feito em um contexto específico, é um jogo de linguagem possível porque os participantes do mesmo possuem uma habilidade que possibilita o uso da linguagem naquele contexto, compartilham certas orientações. Por isso, a linguagem pode ser pensada como uma atividade constante.

A linguagem comparada a um jogo, portanto, nos conduz à ideia de jogos de linguagem. Através dessa analogia entre a linguagem e os jogos, a compreensão da linguagem segundo as *Investigações* revela as limitações da imagem agostiniana que pode ser pensada como um caso específico, que é delimitado a um contexto possível de uso da linguagem, pode ser pensada, apenas, como um jogo de linguagem possível. A imagem agostiniana da linguagem é circunscrita a um caso bem específico de possível uso da linguagem, mas a linguagem é muito maior que o sugerido pela imagem agostiniana. A linguagem compreende inúmeras atividades que até então não tinham sido consideradas pela imagem agostiniana, que pensa a mesma apenas de uma única forma e, por isso, tem que lidar com algumas situações que têm sua origem porque a linguagem é pensada a partir das ideias contidas nessa forma limitada.

A partir dessas ideias, é possível compreender as afirmações de Wittgenstein ao final do parágrafo 7, das *Investigações*:

(...) Chamarei esses jogos de “jogos de linguagem”, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem. E poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição das palavras pronunciadas. Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda. Chamarei também de “jogos de linguagem” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada.

Wittgenstein caracteriza a linguagem como um jogo. A ideia de jogos de linguagem apresenta diversas possibilidades de uso da linguagem e não apenas a forma representativa em que palavras denominariam objetos, frases descreveriam fatos que ocorrem no mundo. A linguagem é uma atividade que compreende muito mais que essa forma delimitada. O uso que é feito das palavras provoca uma ação e uma reação nos falantes, naqueles que possuem uma habilidade de uso das expressões linguísticas num determinado contexto. Esse uso contextualizado só é possível porque algumas orientações possibilitam uma forma específica de prática linguística. No entanto, essas orientações ocorrem porque os usuários da linguagem compartilham a mesma, compartilham algumas práticas estabelecidas.

Kenny (2006, p.p.129-130) destaca que, embora nem todos os jogos tenham regras, a função de algumas regras em muitos dos jogos tem semelhança com a função das regras na linguagem. Os jogos de linguagem, assim como os jogos, não precisam de metas externas, pois eles podem ser considerados atividades autônomas. A comparação da linguagem com jogos não pretende sugerir que a linguagem seja um passatempo ou alguma coisa trivial. Pelo contrário, essa comparação mostra a conexão que há entre o falar a linguagem e as atividades não linguísticas. O falar a linguagem é parte de uma atividade comum, um modo de viver em sociedade que Wittgenstein chama de ‘forma de vida’.

Por isso, para que seja uma atividade possível, um jogo de linguagem pressupõe que os participantes do mesmo dominem uma técnica específica de uso da linguagem numa certa forma, isso é possível porque os mesmos compartilham de um contexto de práticas estabelecidas. Esse contexto compartilhado pelos participantes de certo jogo de linguagem pode ser chamado de forma de vida, ou seja, aquilo que é tomado como

certo, que é compartilhado pelos usuários da linguagem numa atividade específica de prática linguística.

Por forma de vida podemos pensar tudo aquilo que possibilita o uso contextualizado da linguagem. Para que esse uso seja possível, mesmo no contexto da imagem agostiniana, vimos que certas situações são pressupostas, são consideradas como comuns para todos aqueles que usam a linguagem numa determinada forma. Por exemplo, é necessário que se saiba o papel desempenhado pelas palavras para que seja possível o uso da linguagem numa forma representativa. Somente se compartilharem uma determinada forma de vida que indica o papel desempenhado pelas palavras, os usuários poderão participar dessa atividade, serão capazes de agir e reagir às ações dos outros, poderão compreender como se usa uma palavra com uma determinada finalidade, poderão compreender qual o papel de um objeto que é pensado como o significado.

Por isso, Wittgenstein insiste que a atividade linguística só é possível porque os usuários da linguagem compartilham certas noções, certas atitudes (IF 241), compartilham uma forma de vida que indica o modo como a linguagem é usada, indica se as orientações para o uso da linguagem estão de acordo com o que é compartilhado, que é tomado como certo ou errado num contexto de uso estabelecido. Dessa forma, é possível compreender a afirmação,

O termo “jogo de linguagem” deve salientar aqui que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida (IF 23).

A ideia de jogos de linguagem, portanto, pressupõe uma forma de vida estabelecida que torna possível a atividade da prática linguística. Essa forma de vida é o que possibilita os diversos tipos de uso da linguagem, mostra por que não podemos falar de uma relação necessária que é estabelecida entre a linguagem e o mundo, entre palavras e objetos, entre frases e fatos, mostra que a linguagem é muito mais que aquilo que pensa da mesma a imagem agostiniana. Pela ideia dos jogos de linguagem, Wittgenstein (IF 23) mostra que a linguagem não pode ser pensada apenas de uma única forma, como representação do que acontece no mundo, pois segundo ele, há

incontáveis tipos diferentes de uso daquilo que nós conhecemos, por 'símbolos', por 'palavras' e 'frases'.

Ao falar de jogos de linguagem, Wittgenstein mostra que frases, bem como palavras, são usos possíveis da linguagem que ocorre num contexto específico de práticas estabelecidas dentro de uma forma de vida. Querer saber o que significa uma frase, ou uma palavra, ainda que nos mais variados contextos, não é querer saber 'o que' poderia ser considerado o significado preciso desses termos que teria como resposta um 'isto' para indicar um objeto que seria associado aos mesmos, mas saber 'como' essa palavra, ou essa frase, pode ser usada num certo contexto. A resposta ao 'como' poderia ser feita através de algumas indicações que mostrariam a maneira como se usam essas expressões em um determinado contexto de práticas estabelecidas e isso ocorre porque aqueles que usam esses termos, nesse contexto, compartilham uma forma de vida.

Por isso, Wittgenstein afirma que a linguagem é uma atividade que acontece todos os dias. A linguagem não pode ser considerada uma atividade completa, terminada de uma vez por todas. As frases da linguagem não podem ter a pretensão de transmitir uma informação, ou ser uma representação, e não correr o risco de ser mal compreendidas, ou de não ser delimitada, precisamente, a fronteira do que ela pretende significar. A linguagem está sempre acontecendo. O uso que se faz de uma determinada expressão pode ser passível de equívocos, pois outras possibilidades de uso podem surgir quando da prática, alguns usos podem desaparecer, pois a linguagem acontece continuamente, sem cessar.

Por ser pensada com uma atividade, a linguagem é uma tarefa que está em constante fazer-se, refazer-se. Ainda que ocorra em um determinado contexto, ela não pode ser pensada como delimitada, como terminada para sempre, mesmo nesse contexto, pois novas possibilidades de uso das expressões linguísticas podem aparecer, outras, sumir. Por isso, a linguagem é uma atividade que acontece todos os dias, está sempre sendo realizada, pois faz parte da história humana, das diversas atividades humanas.

Portanto, com a ideia de jogos de linguagem ocorre uma expansão de nossa compreensão da linguagem, das frases e das palavras. Uma frase, ou uma palavra, são

usos estabelecidos a partir de um contexto de práticas, por isso, esses usos ocorrem em um jogo de linguagem específico. Frases, como palavras, são expressões que empregamos no uso contínuo da nossa linguagem. Fora de um jogo de linguagem, uma mesma frase, ou palavra, poderá ter um uso diferente, ser usada de outra forma, com outras finalidades, que não foram previstas em sua origem. Inclusive, como vimos, em um determinado jogo de linguagem, uma frase empregada pode ser interpretada de diversas formas, pode ter diferentes usos.

Ainda que apresente as várias possibilidades de uso de uma determinada expressão, a ideia de jogos de linguagem não restringe esse uso, não delimita o que se quer dizer com um termo qualquer, pois enfatiza que a linguagem é uma atividade constante. Como novos jogos de linguagem surgem, outros envelhecem, um termo, seja usado como frase, ou como palavra, pode reinventar-se sempre, outras possibilidades de uso desse termo podem surgir, ainda que essas possibilidades não tivessem sido previstas no início do uso do mesmo em um determinado jogo de linguagem. Por isso, diz Wittgenstein,

É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do *Tractatus Logico-Philosophicus*.) (IF 23)

Portanto, a maneira como Wittgenstein compreende a linguagem, nas *Investigações*, mostra que a mesma não pode ser pensada apenas de uma única forma. Por ter pensado a linguagem com apenas uma função, para significar algo, a imagem agostiniana conduziu a uma compreensão limitadora da linguagem que encontrou-se com diversos problemas que, ao final, mostraram ser absurdos. Wittgenstein, com a ideia de jogos de linguagem, expande nossa compreensão do que seja essa atividade humana, pois mostra a diversidade no uso das expressões linguísticas, nos mais variados contextos, com as mais distintas finalidades. A linguagem, portanto, só pode ser pensada como uma atividade constante que acontece numa prática específica conhecida por jogos de linguagem.

### 3.2 Significado e uso

Uma das mais conhecidas ideias apresentadas nas *Investigações* afirma que o significado das palavras, bem como das frases, se encontra no uso que é feito desses elementos linguísticos. A linguagem, portanto, poderia ser pensada como fundamentada na noção de uso que é reconhecido nas mais variadas formas linguísticas. No entanto, essa ideia que é apreendida no parágrafo 43 pode resultar em outra falsa compreensão da linguagem que é apresentada nas *Investigações*. Mais ainda, pode sugerir que Wittgenstein defende que a linguagem possui uma essência que seria revelada ao se usar os mais variados elementos linguísticos. Essa ideia pode levar à falsa noção de que Wittgenstein defende uma possível teoria da linguagem fundamentada em noções com características pragmáticas.

Por isso, pensamos ser importante esclarecer essa ideia central que afirma que o uso da linguagem nos mais variados contextos seria o que justifica a prática linguística. Esse esclarecimento é fundamental para sermos capazes de compreender outra característica da linguagem apresentada por Wittgenstein nas *Investigações*, que mostra o uso possível de uma palavra, ou de uma frase, não como um 'isto' que seria associado a esses elementos. Pelo contrário, segundo as *Investigações*, nós precisamos renunciar à busca por um significado último, preciso, dessas diversas expressões e adotar uma atitude comedida diante da linguagem, pois sempre que quisermos utilizar qualquer expressão linguística nós precisamos estar orientados pela ideia de 'como' essa expressão é usada em um contexto determinado de práticas linguísticas estabelecidas.

Assim, no parágrafo 43, Wittgenstein afirma:

Para uma grande classe de casos de emprego da palavra "significado", embora não para todos – esta palavra pode ser explicada desse modo: o significado de uma palavra é seu uso na linguagem.  
E o significado de um nome é às vezes explicado apontando para seu portador.

Duas características da linguagem podem ser destacadas nessas observações de Wittgenstein. Primeiro, ele afirma que 'para uma grande classe de casos de emprego

da palavra “significado” pode-se explicar o significado de uma palavra qualquer com a indicação do uso que se faz da mesma numa determinada atividade de uso da linguagem. Segundo, o significado de um nome, às vezes, é esclarecido apontando para algo que este nomeia.

Wittgenstein afirma, então, que é possível algumas vezes apontar para aquilo que é referido por uma palavra qualquer para elucidar como se pretende utilizar a mesma. No entanto, como já observamos, não é possível dizer que haja uma determinação do significado a partir de uma relação que é estabelecida entre uma palavra e um objeto, que seria o significado da mesma. O que podemos dizer que é estabelecido ao se usar uma palavra qualquer por meio de uma definição ostensiva, por exemplo, é apenas uma forma de uso da palavra definida. Não podemos afirmar que há uma conexão necessária entre a linguagem e o mundo a partir de uma relação entre uma palavra e um objeto. Por isso, a indicação daquilo que é apresentado por um nome, por uma palavra, apenas estabelece uma forma de uso dessa expressão linguística, que pressupõe um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas por aqueles que dominam uma técnica de uso da linguagem nessa forma, mais ainda, o objeto indicado, como vimos, pode ser considerado uma amostra, um meio que pertence à linguagem.

Dessa forma, podemos concentrar nossa atenção na primeira característica que é encontrada na leitura do parágrafo 43. Queremos, então, observar o fato de que é possível afirmar que é possível estabelecer uma associação entre significado e uso. Essa associação necessita de algumas explicitações, embora o austríaco ressalte que isso pode ser feito em grande parte dos casos, ainda que não seja possível afirmar que aconteça em todos os casos.

Segundo Baker & Hacker (2005, II, p.p. 118-119), esta seção não pode ser pensada como uma declaração de adesão à teoria do significado como uso, como muito se fala, mas deve ser pensada como uma aplicação a um caso em que pode ser observada a existência de um nexos gramatical entre ‘o uso de uma palavra’ e ‘o significado da palavra’. Para esses autores, portanto, não é errado equalizar a expressão ‘o uso de uma palavra’ e o ‘significado de uma palavra’ para uma longa classe de casos. No entanto, eles destacam que uma explicação gramatical do uso de

uma palavra qualquer não pode ser pensada como uma teoria sobre esse uso, pode ser pensada mais bem como uma norma para o uso. Essa explicação gramatical não se mostra falsa por causa de algumas exceções que podem ser encontradas, pois o que as exceções mostram é que o escopo da norma é bastante restrito.

Ainda que possamos associar o ‘significado de uma palavra’ com o ‘uso da palavra’, não podemos afirmar que Wittgenstein pretende estabelecer uma associação necessária entre essas duas expressões. Apenas podemos dizer que uma explicação de como se usa uma palavra pode servir para indicar um uso possível para a mesma. Não podemos afirmar, portanto, que essa explicação do uso de uma palavra estabeleceria uma conexão determinística entre uso e significado. Por isso, não podemos dizer que uma explicação do uso de uma palavra estabelece uma norma que determina o uso da mesma. Baker & Hacker insistem na ideia de normatividade na leitura que fazem das *Investigações*, por isso, defendem que o uso prescreve uma determinada norma. No entanto, como observamos, a linguagem é uma atividade contínua, algumas expressões surgem, outra desaparecem, por isso, preferimos falar que o uso de uma palavra qualquer esclarece algumas dificuldades quanto ao emprego dessa palavra em um determinado jogo de linguagem. O uso estabelecido é anterior ao emprego de qualquer palavra. Portanto, o uso possibilita, mas não determina, necessariamente, uma forma específica de emprego de uma palavra num contexto de práticas linguísticas estabelecidas.

Por isso, no lugar desse ideal de normatividade de Baker & Hacker, preferimos compartilhar de algumas das afirmações de Goldfarb (1983, p.p. 279-280), pois ele sustenta que para Wittgenstein uma suposta “definição” de significado como uso não poderia ser pensada nem mesmo como uma definição, muito menos como uma explicação ou como uma sugestão de uma teoria do significado baseado na ideia de uso. Essas observações de Wittgenstein, segundo Goldfarb, podem ser lidas como uma negação dessa possibilidade, inclusive como uma negação de certa conveniência de uma teoria do significado.

Ressaltamos, então, que Wittgenstein não pode ser invocado para defender uma teoria do significado, inclusive do significado pensado como o uso. Caso pensássemos assim, poderíamos cair em semelhantes equívocos e problemas encontrados em nossa

consideração da imagem agostiniana da linguagem. Como observamos, a obra *Investigações* pode ser lida como um constante diálogo estabelecido com os pressupostos e problemas compreendidos pela imagem agostiniana. Uma das conclusões a que chegamos, no início de nosso trabalho, foi a certeza de que precisamos renunciar esse ideal de busca última do significado preciso que poderia nos levar à falsa convicção de que encontramos o fundamento sob o qual estaria assentado toda linguagem significativa.

Insistimos, então, que pela leitura das *Investigações*, somos chamados a observar a linguagem na prática ordinária que só ocorre por causa de um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas. Essas práticas são orientadas por algumas regras, mas não são completamente determinadas pelas mesmas. A partir dessa ideia de prática contextualizada, aprendemos que mais que perguntar por ‘o que’ esta palavra significa, pergunta esta que nos colocaria em busca de uma relação necessária entre uma palavra e um significado, poderíamos perguntar ‘como’ se usa essa palavra nesse contexto de práticas estabelecidas. Com essas indicações nos colocamos para além do ideal que pensa a linguagem como determinada por uma relação entre a mesma e um algo que seria o significado.

A ideia de uso da linguagem que ocorre num contexto de práticas estabelecidas pode ser pensada como uma justificação da prática linguística. No entanto, não pode ser pensada como uma justificação que estabeleceria o fundamento último sob o qual se assentaria toda linguagem significativa, mas uma justificação como aquilo que possibilita a prática linguística das mais variadas formas, nos mais variados contextos. Por isso, a obra de Wittgenstein pode ser evocada em defesa de uma ideia de linguagem que encontra sua justificação numa prática regular. Qualquer tentativa que prescindia desse contexto de práticas regulares estabelecidas que são compartilhadas pelos usuários da linguagem nos colocaria diante de uma “nobre” atividade com o objetivo de revelar uma essência oculta da linguagem e, como observamos, além de ser uma fantasia resultante de uma má compreensão da linguagem, não encontra respaldo nas *Investigações*.

Por isso, qualquer leitura das *Investigações* que afirme haver um significado determinado das palavras, e das frases, que afirme ser tarefa da filosofia revelar um

‘isto’ que seria esse significado determinado, aquilo sob o qual a linguagem estaria fundamentada, mesmo que seja orientada pela ideia de uso, não percebe o detalhe da ideia de Wittgenstein ao dizer que ‘para uma grande classe de casos de emprego da palavra “significado”, o significado de uma palavra é seu uso na linguagem’. Essas leituras colocam as *Investigações* nessa tradição que pode ser associada à imagem agostiniana da linguagem e podem ter como resultado os mesmos problemas que observamos surgir apenas no contexto de uma concepção limitadora do que seja a atividade linguística.

A ideia de práticas estabelecidas que orientam o uso de uma palavra é anterior à ideia de significado da mesma. Podemos dizer, também, que significado e uso podem ser diferenciados, ou colocados um ao lado do outro, pois para uma grande classe de casos o significado de uma expressão linguística pode ser pensado como o uso que é feito da mesma, mas não para todos os casos. Somente porque há um uso estabelecido numa prática que é compartilhado por aqueles que dominam uma habilidade de uso da linguagem numa determinada forma, podemos utilizar as palavras, ou as frases, nos mais variados contextos. Esse uso serve de orientação da prática linguística, mas nunca de aprisionamento, de delimitação. Por isso, uma justificação da linguagem pode ser encontrada nas diversas práticas de usos estabelecidas que são compartilhadas. Essas práticas são orientadas por regras, mas não determinadas completamente pelas mesmas.

Essa noção de uso, de uso das expressões linguísticas, pode ser observada desde os primeiros parágrafos das *Investigações*. Por exemplo, após considerar a atividade que ocorre no contexto da construção e introduzir a primeira noção de jogos de linguagem, Wittgenstein observa que no uso que podemos fazer das palavras, mesmo no uso ostensivo, mais que indicar o que denominaria uma palavra qualquer, poderia ser ensinado o uso dessa palavra no jogo de linguagem em que ela ocorre (IF 9). No entanto, para que seja uma atividade possível, esse ensino deve ocorrer a partir de práticas regulares estabelecidas que devem ser compartilhadas pelos aprendizes de uma forma linguística específica. Somente porque há um uso compartilhado para uma palavra, podemos falar que essa palavra poderia denominar alguma coisa, podemos ensinar o uso dessa palavra. Dessa forma, é possível compreender por que

Wittgenstein compara o uso da linguagem, o uso das palavras, com o uso que é feito de algumas ferramentas.

Assim, quando refletimos sobre o papel desempenhado por uma expressão linguística qualquer, por exemplo, uma palavra quando usada como um nome com o objetivo de desempenhar a função de nomear um objeto, nós só compreendemos o papel desempenhado por essa palavra porque esse uso ocorre num contexto compartilhado de práticas linguísticas estabelecidas que apresentam usos regulares para essa palavra, que possibilitam esse determinado jogo de linguagem. Nesse contexto específico, pode ser indicado um tipo de relação que poderá existir entre a palavra e aquilo que é denominado pela mesma. No entanto, essa relação possível não ocorre por causa de uma associação determinística entre a palavra e o objeto. Ela apenas indica uma forma de uso possível para a palavra. Esse uso ocorre porque o papel dessa palavra é conhecido pelos praticantes que compartilham dessa atividade linguística nessa forma. Como observamos, aquilo que seria denominado pela palavra só pode ser compreendido como um meio que possibilita o uso da linguagem numa forma específica.

Por isso, uma palavra, ou uma frase, não possui uma propriedade especial que indicaria de que maneira essa palavra denominaria necessariamente um objeto qualquer. Uma palavra é apenas uma expressão linguística que é usada num contexto de práticas estabelecidas, que indicam os usos regulares que são compartilhados. Qualquer outro tipo de consideração que confere às palavras, ou às frases, poderes extraordinários que tornam as mesmas capazes de fenômenos estranhos ao uso cotidiano da linguagem é uma forma de pensamento supersticioso do que seja a linguagem, responsável por diversos absurdos que são possíveis, apenas, quando pensamos usar a linguagem significativamente independente de um contexto de práticas regulares, ou seja, quando não estabelecemos um uso possível para a linguagem num contexto específico.

A ideia de uso, mesmo num caso específico de uma palavra, só pode ocorrer por causa de um contexto de práticas estabelecidas, que é anterior ao uso dessa palavra. Uma palavra qualquer, por exemplo 'lajota', quando não pensada num contexto de práticas regulares estabelecidas, pode ser usada com a intenção de significar qualquer

coisa. Como vimos, o significado de 'lajota' poderia ser compreendido como a forma da lajota, ou uma quantidade dela, ou inclusive seu tamanho. Independente de um contexto de práticas estabelecidas, alguém que escutasse 'lajota' poderia compreender que é mostrada uma quantidade, um número. É razoável pensar que esse mesmo grito poderia indicar, por exemplo, uma ordem, a ordem de que se deve levar a lajota que está sendo pedida.

Portanto, fora de um contexto específico de práticas estabelecidas, de uso regular da linguagem, uma palavra qualquer pode ser interpretada de diversas maneiras. Somente porque há um contexto regular que é compartilhado por aqueles que dominam uma técnica linguística, podemos pensar em uso das palavras, em uso das frases, com o objetivo de expressar uma forma possível nos mais variados jogos de linguagem. O uso de uma palavra, então, só é possível porque é pressuposto uma forma específica num contexto de práticas estabelecidas. O uso é anterior ao significado. Por isso, uso e significado podem ser diferenciados, ainda que para uma grande classe de casos o significado de uma palavra pode ser pensado, por exemplo, como o uso dessa palavra num determinado contexto.

Segundo Fogelin,

There is no articulated theory of meaning as use in the *Investigations*. Here we might try to make up for this lack by doing what Wittgenstein chose not to do: produce a careful taxonomy of the uses of language. Alternatively, we can simply rely upon context to settle what uses are relevant to a discussion. I shall adopt the second course, for the first is difficult and, anyway, would unavoidably saddle Wittgenstein with paraphernalia he chose not to develop (FOGELIN, 1987, p.122).

Dessa forma, percebemos, outra vez, porque a linguagem é uma atividade contextualizada em práticas estabelecidas. Todo uso das palavras, bem como das frases, ocorre num contexto regular de práticas. Não pode haver determinação da linguagem por causa de uma relação que seria estabelecida entre a mesma e um significado, o objeto. No entanto, como vimos, esse tipo de ideal, de supor uma relação necessária entre linguagem e mundo só pode ser pensado a partir de uma noção de uso da linguagem descontextualizado, ou seja, quando não conferimos um uso possível às diversas expressões linguísticas empregadas. Para que haja uso da linguagem, é

necessário compreender como se usa uma palavra, por exemplo, num contexto de práticas estabelecidas.

Essas ideias encontradas nas *Investigações* que estamos ressaltando não podem ser associadas a uma outra forma de se pensar a linguagem que é encontrada na história da filosofia exemplificada na tese de que a linguagem estaria fundamentada, necessariamente, a partir de algumas práticas comunitárias de certos agentes racionais. Essa ideia de uma pragmática da linguagem é uma ideia absurda que pretende aprisionar a linguagem em algumas regras que seriam necessárias na constituição do sentido. Esse ideal, também, pensa a linguagem numa ilusória perspectiva mágica mais profunda que a linguagem cotidiana. Essa ideia, porém, não pode ser pensada como fundamentada nas ideias desenvolvidas por Wittgenstein em sua obra tardia.

Ressaltamos, outra vez, que uma expressão linguística qualquer, seja uma palavra, ou uma frase, não pode ser pensada como uma entidade linguística possuidora de uma natureza especial com características poderosas que vinculariam a mesma a especiais entidades, seja de natureza mental, seja de natureza material. Pelo contrário, as expressões linguísticas são usos possíveis que ocorrem por causa de um contexto de práticas linguísticas estabelecidas que são compartilhadas pelos usuários da linguagem. Por isso, qualquer expressão da linguagem recebe como resposta um 'como', e não um 'isto', para indicar a forma em que a mesma tem seu uso estabelecido num certo contexto de práticas. Não se pode confundir o significado de uma palavra com o objeto que é designado pela mesma, o significado de uma frase com um suposto fato que ela representa.

Dessa forma, percebemos porque a linguagem pode ser pensada como uma atividade dinâmica que está sempre acontecendo. Uma dada palavra ora tem um uso estabelecido, mas em outro momento pode adquirir outro, da mesma maneira as frases. A linguagem não pode ser pensada como dada de uma vez por todas. Ainda que algumas regras possam ser evocadas para indicar o modo como se usa uma determinada expressão linguística, novas possibilidades de uso dessa expressão podem surgir quando se desenvolve esse uso num determinado jogo de linguagem. O uso da linguagem significativamente não é determinado por um tipo de relação que é

estabelecida entre a mesma e o mundo, não é determinada por algum tipo de acordo feito entre supostos agentes linguísticos livres e racionais, muito menos em termos de regras que estabelecem, necessariamente, todas as possibilidades de uso das diversas expressões nos mais variados contextos. No entanto, a análise desse ideal de normatividade através de regras será esclarecida na próxima seção de nosso trabalho.

### 3.3 Significado e regras

A linguagem, segundo as ideias apresentadas por Wittgenstein nas *Investigações*, pode ser pensada como uma atividade contextualizada em práticas estabelecidas. Essa atividade só acontece porque os usuários da linguagem possuem habilidade que possibilitam o uso da linguagem nas mais variadas formas. A prática linguística contextualizada pode ser pensada como orientada por regras, mas não pode ser pensada como completamente determinada pelas mesmas. Por isso, o papel da normatividade em nosso uso contínuo da linguagem só pode ser compreendido a partir de um horizonte de práticas estabelecidas que possibilita o uso da linguagem de diferentes formas.

A reflexão de Wittgenstein sobre o papel das regras pode ser observada, por exemplo, no desenvolvimento de um caso específico do uso de um nome, quando o austríaco sugere o uso do termo 'Moisés' numa frase como 'Moisés não existiu' (IF 79). Diversas possibilidades de compreensão dessa frase podem surgir que são dependentes da forma como se usa 'Moisés' na mesma. Por isso, se pensarmos a linguagem segundo um ideal de exatidão que seria adquirido através de uma associação entre a mesma e um algo que seria o significado determinado, nós encontramos um primeiro problema que é saber o que se quer dizer com a frase 'Moisés não existiu', pois a mesma poderá dizer coisas muito diferentes, ainda que a possível referência do nome 'Moisés' seja a mesma pessoa.

O ideal de exatidão postula um pré-requisito no uso da linguagem. Por exemplo, ao pensar o uso do nome 'Moisés' segundo esse ideal de exatidão podemos estabelecer este uso através de uma definição que forneceria uma regra para saber

precisamente o que se deve compreender por 'Moisés'. Uma regra, portanto, seria pensada como aquilo que delimitaria o uso da linguagem. Essa regra seria uma instância normativa que estabeleceria, principalmente, uma maneira exata de usar uma expressão linguística qualquer. Essa regra é pensada como aquilo que deveria ser consultado todas as vezes que surgissem algumas dúvidas acerca do uso de um termo. Por exemplo, por 'Moisés', poderíamos compreender "o homem que em criança foi retirado do Nilo pela filha do faraó". Dessa forma, o significado de 'Moisés' na frase 'Moisés não existiu', pode ser uma pessoa que sofreu essa ação que é descrita no episódio bíblico.

No entanto, Wittgenstein ressalta que dependendo da forma como usamos 'Moisés' numa frase como 'Moisés não existiu', podemos expressar diferentes sentidos com esse uso, ainda que pensemos numa regra para o uso de 'Moisés' nessa frase. Por isso, ainda que o ideal de exatidão pretenda estabelecer uma norma que possa ser consultada como um árbitro todas as vezes que houvesse dúvidas sobre o uso de 'Moisés', esse ideal nunca é satisfeito, pois sempre haverá dúvidas que poderiam surgir quando do uso do nome 'Moisés' na frase 'Moisés não existiu'. Por exemplo, poderíamos pensar que a pessoa de Moisés é uma ficção bíblica e, por isso, não existiu. Ainda que alguns personagens bíblicos fossem registrados na história poderíamos pensar que toda a bíblia é uma ficção. Portanto, ainda que tenhamos estabelecido uma norma para o uso de 'Moisés', como 'Moisés' é o nome de Moisés, sempre haverá dúvidas que mostrarão a possibilidade de não exatidão no uso de 'Moisés' em uma frase como 'Moisés não existiu'. Por isso, nenhuma definição poderia ser evocada para estabelecer uma norma necessária no uso de 'Moisés', pois esse uso pode ser pensado de distintas formas nos mais variados contextos em que ocorre, ainda que a suposta referência desse nome possa ser considerada uma pessoa que sofreu as ações que são descritas pela bíblia. Quando pensamos esse uso como delimitado por regras, deparamos com diversas dúvidas acerca de uma provável referência normativa que determinaria o uso do nome 'Moisés'.

Esse ideal de normatividade pode ser considerado o último suspiro dessa imagem que pensa a linguagem a partir de uma relação entre a mesma e o mundo. As regras são pensadas com a finalidade de estabelecer um uso delimitado, exato, para as

diversas expressões linguísticas. Assim como as ideias de associação entre palavras e objetos, entre frases e fatos, de complexidade e de simplicidade, foram consideradas prescindindo de um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas pelos usuários da linguagem, o ideal de normatividade também é pensado dessa forma, pois considera as regras segundo um ideal de exatidão que não é contextualizado numa prática específica, como a última instância adequada para ser possível falar de linguagem significativa.

No entanto, o uso normativo da linguagem amparado na ideia de regras como aquilo que estabeleceria esse ideal, que pensamos ser uma pré-suposição que não atenta para o uso da linguagem nos mais diversos contextos de práticas estabelecidas, por isso, pensa que esse uso só é possível se for orientado pela normatividade das regras que estabeleceria uma rigidez no uso das expressões linguísticas, eliminaria as flutuações e evitaria o uso da linguagem na produção de expressões, ou ficções, sem sentido que são comuns em filosofia.

Por isso, em tom de confissão, Wittgenstein diz que esse ideal de normatividade já tinha sido pensado por ele antes. Os melhores exemplos desse ideal podem ser encontrados em obras do período entre o *Tractatus* e as *Investigações*. Nessas obras, o austríaco pensa a linguagem segundo um ideal de normatividade como se fosse um cálculo com regras fixas estabelecidas. Dessa forma, podemos compreender seu tom de confissão.

(...) nós notadamente em filosofia, comparamos frequentemente o uso das palavras com jogos, com cálculo segundo regras fixas, mas não podemos dizer que quem usa a linguagem deva jogar tal jogo.  
 - Se se diz, porém, que nossa expressão linguística apenas se aproxima de tais cálculos, encontramos-nos à beira de um mal entendido. Pois pode parecer como se, em lógica, falássemos de uma linguagem ideal. Como se a nossa lógica fosse uma lógica, por assim dizer, para o vazio. Ao passo que a lógica não trata da linguagem – ou do pensamento – no sentido em que uma ciência natural trata de um fenômeno natural e no máximo pode-se dizer que construímos linguagens ideais (IF 81).

Wittgenstein, antes da composição das *Investigações*, pensava a linguagem como um cálculo segundo regras estabelecidas. A própria ideia de linguagem como jogo, de jogos de linguagem, pode levar à falsa compreensão de que o austríaco ainda

pensa que o ideal de normatividade regulamentado por regras ainda esteja presente nas *Investigações*. Por isso, algumas leituras dessa obra tardia de Wittgenstein afirmam que seria possível falar de uma ‘pragmática’ da linguagem pensada numa perspectiva normativa, segundo regras que determinariam completamente o uso possível das palavras e das frases.

No entanto, essas leituras podem ser consideradas como compartilhando dos ideais compreendidos pela imagem agostiniana, pois ainda que reconheçam a diversidade de jogos de linguagem, de formas de uso da linguagem, essas leituras pragmáticas das *Investigações* pensam a prática linguística como determinada por meio de algumas regras que estabeleceriam qualquer uso preciso para uma determinada expressão. Por isso, elas também pensam a linguagem como se fosse determinada a partir de uma suposta relação que é estabelecida entre os elementos linguísticos e os elementos do mundo.

Esse tipo de convicção poderia ser encontrado em obras anteriores às *Investigações*, mas não na obra madura de Wittgenstein. Por isso, essa forma de imaginar o uso da linguagem também pode ser classificada como resultado de uma má compreensão da linguagem na obra madura do austríaco, como responsável pela construção de outras ficções filosóficas, como por exemplo, a ideia de linguagens mais sofisticadas com o objetivo de expressar pensamentos filosóficos mais profundos. Essa maneira de ler as *Investigações* não percebe que nessa obra tardia, Wittgenstein já superou esse preconceito de supor que há uma linguagem mais pura, mais completa, que a linguagem cotidiana.

Ao final do parágrafo citado, porém, observamos Wittgenstein dizer que esse ideal de exatidão, de profundidade, pode ser dissolvido quando “se obtiver maior clareza sobre os conceitos de compreender, querer dizer (meinen) e pensar” (IF 81). Esses conceitos, objetos de análise da sequência das *Investigações*, podem ser compreendidos à luz da reflexão que é feita sobre o papel das regras no uso da linguagem. Por isso, é oportuno observar como Wittgenstein compreende o papel da normatividade segundo as ideias sobre a linguagem exposta nas *Investigações*.

O que chamo de ‘regras segundo a qual ele procede’? A hipótese que descreve de modo satisfatório seu uso das palavras observado por nós;

ou a regra que consulta ao usar os signos; ou a que nos dá como resposta, quando perguntamos qual é sua regra? Mas como, se a observação não permite reconhecer claramente nenhuma regra, e a pergunta não traz nenhuma à luz? (...)

Como devo então determinar a regra segundo a qual ele joga? Ele próprio a ignora. - Ou mais corretamente: o que poderia significar aqui a expressão “regras segundo a qual ele procede”? (IF 82)

Três suposições são apresentadas por Wittgenstein para responder a uma possível dúvida sobre qual regra determinaria o uso da linguagem. Primeiro, a forma como alguém que usa a linguagem pensa ser a correta maneira para esse uso. Depois, uma regra que poderia ser consultada por quem usa a linguagem para esclarecer qualquer dúvida. Por fim, a resposta de um possível interlocutor quando questionado sobre que regra orienta seu uso da linguagem. Essas três formas de procedimentos poderiam ser pensadas com a finalidade de fundamentar esse ideal de normatividade no uso da linguagem.

No entanto, essas três possibilidades podem gerar diversas dúvidas quando consideramos cada uma em particular. Por exemplo, em ‘Moisés não existiu’, o uso de ‘Moisés’ poderia querer dizer um personagem bíblico descrito pela Bíblia, mas que não tivesse um registro na história. No entanto, alguém com interesses históricos poderia ter a intenção de dizer por ‘Moisés’ um personagem registrado pela História. ‘Moisés’, portanto, poderia ser usado para se referir a um personagem bíblico ou a um personagem da História. Dois usos diferentes, embora seja possível dizer que Moisés, um personagem registrado pela Bíblia, poderia ser considerado um personagem registrado pela História. Nesse exemplo simples não reconhecemos, indubitavelmente, qualquer regra que determinaria o uso de ‘Moisés’, pois sempre poderá surgir novas dúvidas se pensarmos o uso da linguagem a partir de regras que delimitam qualquer uso possível de um nome como ‘Moisés’.

Assim, o ideal de supor que toda vez que alguém usa a linguagem significativamente realiza essa ação orientado por algumas regras que delimitariam qualquer uso possível é apenas um pré-requisito postulado antes de observar a linguagem na prática. Essa suposição pode encontrar alguns problemas iguais aos problemas considerados por nós quando analisávamos os pressupostos compreendidos no ideal de definição ostensiva, por exemplo. Por isso, sempre será

possível a dúvida expressa pela pergunta: ‘o que poderia significar aqui a expressão “regras segundo a qual ele procede”?’

Stern, (2004, p.p. 116-117) afirma que a demanda socrática de uma análise do que uma palavra significa em termos de regras para seu uso culmina na formulação de um paradoxo da explicação: qualquer explicação flutua no ar se não estiver apoiada em outra explicação e, assim, sucessivamente. Ele diz, também, que a explicação de palavras pensadas como sinais, por exemplo, pressupõe que a forma habitual de responder às palavras e aos sinais já esteja funcionando em seu devido lugar, assim como nossa prática ordinária da ostensão pressupõe que seguimos a linha formada pelo dedo indicador do falante, e não seu antebraço, quando recebemos uma indicação de orientação.

Por isso, essa suposição de se pensar a linguagem como determinada por regras depara com um problema que é a interpretação das regras, pois não é possível dizer que haja uma única interpretação que estabeleceria todas as formas de uso possível de uma palavra como ‘Moisés’. Mais ainda, dependendo dessa suposta habilidade, toda regra poderia ser pensada como estando em conformidade com a explicação, o que tornaria impossível, por exemplo, a explicitação de qual regra que se segue. Portanto, mais que apresentar uma solução para o problema da normatividade, a demanda por regras como aquilo que determinaria o uso de uma palavra depara com outro problema que é saber, de fato, se uma pessoa segue uma regra ao usar a linguagem ou apenas pensa seguir uma regra.

Em outro momento das *Investigações* (IF 198), mas conectado com as reflexões de Wittgenstein sobre o ideal de normatividade, o austríaco faz algumas observações que auxiliam na reformulação desse ideal que postula a necessidade de uma regra que prescreveria todo uso da linguagem, pois ele considera algumas situações que ocorreriam se pensássemos que o uso de uma regra qualquer seja resultado de uma possível interpretação dessa regra.

“Como pode uma regra ensinar-me o que fazer neste momento? Seja o que for que faça, deverá estar em conformidade com a regra por meio de uma interpretação qualquer.” - Não, não deveria ser deste modo, mas sim deste: cada interpretação, juntamente como o interpretado, paira no

ar; ela não pode servir de apoio a este. As interpretações não determinam sozinhas a significação (...).

Uma primeira consequência que pode ser retirada da leitura desse trecho, após o questionamento do interlocutor (entre aspas) que afirma que o uso da linguagem sempre deve estar em conformidade com uma regra ainda que essa regra possa ser objeto de uma interpretação, é que essa suposta interpretação poderia auxiliar na compreensão da regra a ser seguida em um caso específico. No entanto, qualquer interpretação sozinha não pode ser evocada como aquilo que justificaria o uso de uma regra porque toda interpretação de uma regra é localizada num contexto de práticas estabelecidas e o uso da linguagem não ocorre por causa de uma interpretação que ocorreria ao se usar uma regra. Esse ideal de normatividade poderia originar problemas desnecessários, principalmente, seria responsável pela ideia de que qualquer situação pode ser evocada para justificar o uso de uma palavra segundo uma regra estabelecida.

Dessa forma, é possível perceber que o ideal de normatividade é responsável pelo aparecimento de alguns problemas que são resultados de uma má compreensão do papel das regras no uso da linguagem. Inclusive, Wittgenstein confessa que no passado pensou-se a lógica como uma 'ciência normativa', pois a lógica, segundo um ideal de exatidão científica, estabeleceria uma delimitação precisa para qualquer uso da linguagem com significado, pois eliminaria todas as ambiguidades e esclareceria toda dúvida que pudesse surgir.

No entanto, ao utilizarmos a linguagem porque compartilhamos uma regularidade de uso num contexto de práticas estabelecidas, nós não postulamos, necessariamente, uma regra que determinaria o uso de uma expressão qualquer, pois a própria ideia de uso da linguagem é justificada numa prática que ocorre em uma dada situação, não em uma suposta regra que poderia ser interpretada todas as vezes que se queira usar uma expressão linguística qualquer.

Segundo Carvalho,

A argumentação do texto certamente não pretende estabelecer que não seguimos regras em nosso uso da linguagem – da mesma maneira que, por exemplo, em uma passagem anterior do texto não pretendia estabelecer que não podemos utilizar definições ostensivas (...) As

regras só podem ganhar significação, e só se pode falar em seguir regras, em um contexto específico e a partir de uma prática compartilhada. O que Wittgenstein explicita é que só se pode conceber as regras a partir de uma prática (CARVALHO, 2014, p.p. 218-219).

Portanto, o ideal normativo que consiste na busca de uma regra que fundamentaria todo uso significativo da linguagem nada mais é que um pré-requisito, resultado de uma concepção que busca uma fundamentação última ao ser usar a linguagem sem considerar os contextos de práticas em que esse uso ocorre. No entanto, qualquer uso da linguagem só é possível porque há uma prática estabelecida, porque compartilhamos certas noções ao usar as diversas expressões linguísticas, não porque consultamos um manual de regras que indicaria uma forma precisa para se usar uma determinada expressão sem necessidade de se atentar para o contexto de práticas estabelecidas em que ocorre esse uso.

Se quiséssemos seguir pensando a linguagem segundo um ideal que estabelece que todo uso da linguagem seria fundamentado em regras prescritivas que são consultadas ao se usar a linguagem, um primeiro problema que encontramos, como vimos, é a questão da interpretação das regras, pois deveríamos ser capazes de toda vez que houver alguma dúvida responder qual regra é usada, o que poderia ocorrer, por exemplo, através da indicação de uma norma que resultaria de uma interpretação quando do uso da linguagem. Porém, segundo Wittgenstein, qualquer interpretação sempre estará de acordo com aquilo que o usuário da linguagem sugerir para concordar com a mesma.

Por isso, Medina afirma que,

(...) Wittgenstein's point is not that rule formulations and interpretations can have no normative power over our actions but, rather, that "by themselves" they do not determine what we do: far from prescribing a single course of action, they can always be interpreted in countless ways (MEDINA, 2002, p. 176).

Dessa forma, esse ideal de normatividade que pensa a linguagem como regulamentada por regras necessárias que determinariam todas as formas possíveis de uso das diversas expressões linguísticas nada mais é que uma pressuposição que não se sustenta quando observamos o uso da linguagem numa prática específica, que

ocorre num contexto de práticas estabelecidas. Quando observamos a linguagem no uso ordinário e compreendemos um uso possível para um termo qualquer, percebemos que esse ideal normativo pensa a linguagem numa perspectiva descontextualizada, por isso, as regras são pensadas como uma instância mágica que determinaria todo uso significativo das expressões linguísticas. No entanto, segundo Wittgenstein, nossas práticas linguísticas são sempre contextualizadas, sempre ocorrem porque os usuários da linguagem dominam uma habilidade apreendida quando da introdução numa forma de uso da linguagem.

Assim, para solucionar algumas possíveis dificuldades que surgem porque a linguagem é pensada segundo esse ideal normativo, Wittgenstein retoma a analogia da linguagem com os jogos (IF 83). Como vimos, não podemos dizer que todo jogo é determinado por regras pensadas como uma prescrição que determinaria todas as possibilidades para aquele jogo. Pelo contrário, os jogos ocorrem por causa de práticas estabelecidas que são compartilhadas pelos jogadores, não por causa de regras necessárias que estabeleceriam tudo o que é permitido. No caso de alguns jogos, diz Wittgenstein, algumas regras são estabelecidas enquanto esses jogos ocorrem<sup>6</sup>.

Wittgenstein (IF 84) insiste que se quisermos seguir considerando o uso da linguagem como delimitado necessariamente por regras poderíamos cair no problema de sempre precisar recorrer a uma nova instância normativa que seria consultada para explicitar um uso possível da linguagem. No entanto, essas supostas instâncias normativas, além de necessitar de constantes interpretações, precisariam estar apoiadas em outras regras para que não pudessem surgir dúvidas acerca do uso de uma regra numa prática linguística. Esse caminho nunca cessaria e sempre teríamos de consultar uma nova regra e, assim, ad infinitum.

Stern afirma que,

Wittgenstein's narrator is denying that if one understands a word, such as 'game' (or 'language', or for that matter, any arbitrary predicate, F), one must be able to formulate a rule that enables us to say whether any chosen item is an F. More generally, he opposes the idea that there is something lying behind my use of my words that justifies me in what I

---

<sup>6</sup> E não se dá também o caso em que jogamos e - 'make up the rules as we go along'? (fazemos as regras conforme prosseguimos) E também o caso em que as modificamos – as we go along (IF 83).

say, something over and above our use of the words, which can be used to provide a philosophical legitimation for it. Wittgenstein's narrator insists that the postulated entities, be they ideas in the mind, processes in the brain, or the grammatical reticulation of rules, are a philosophical fiction that do no work, like a wheel that appears to be connected to the rest of a mechanism, but actually is idling. One way of making this point is to imagine these entities in plain view, and see how ineffective they are; another is to point out that whatever work they do, they do within a particular context and setting. Instead, he points our attention to what is in plain view – the various relationships we attend to, and the examples and explanations we give when asked to explain a word's meaning (STERN, 2005, p. 116).

Por isso, a justificação do uso da linguagem não pode ser pensada como fundamentada por regras que seriam a instância normativa que poderia ser consultada todas as vezes que houvesse dúvidas acerca do uso da linguagem. Pelo contrário, o uso da linguagem é justificado na prática, no momento em que usamos a linguagem nos mais variados contextos de práticas estabelecidas. Não podemos prescindir desse contexto de práticas para falar do uso da linguagem. Essas práticas de uso, porém, não podem ser pensadas numa perspectiva de um fundamento normativo de toda linguagem. Essas práticas podem ser pensadas apenas como um horizonte que possibilita o uso da linguagem, pois qualquer atividade prática de uso da linguagem, ainda que orientada por regras, é dependente de um contexto de práticas estabelecidas compartilhadas por aqueles que dominam a técnica de uso da linguagem numa forma específica. O uso contextualizado da linguagem, no entanto, é sempre pensado como passível de ajustes, de revisão, de reorientação. Sempre que algumas normas de uso não estejam respondendo às necessidades dos usuários da linguagem elas podem ser revistas, descartadas.

As regras que possibilitam o uso da linguagem, como dissemos, indicam uma forma de uso possível para uma determinada expressão. Mais importante que pensar a linguagem como fundamentada necessariamente através de regras, uma instância que determinaria a fronteira de toda significação possível, é pensar o uso dessas regras, da normatividade, como justificada em práticas estabelecidas. O uso de regras pode ser pensado como uma orientação que torna possível a atividade linguística num certo contexto, e não como uma instância de demarcação precisa daquilo que seria permitido ao fornecer uma suposta delimitação. O uso das regras, porém, pode ser bem

compreendido quando essas regras são comparadas a um indicador de direção, por exemplo.

Uma regra se apresenta como um indicador de direção. - Não deixaria nenhuma dúvida sobre o caminho que eu tenho que seguir? Mostra em que direção devo seguir quando passo por ele; se pela rua, pelo atalho, ou pelos campos? Mas como saber em que sentido devo segui-lo: se na direção da mão ou (por exemplo) na oposta? E se em lugar de um indicador de direção houvesse uma cadeia ininterrupta de indicadores, ou traços de giz no chão, - haveria para eles apenas uma interpretação? - Posso, pois, dizer que o indicador de direção não deixa subsistir nenhuma dúvida. Ou muito mais: algumas vezes deixa dúvidas, outras não. E isto não é mais nenhuma proposição filosófica, mas uma proposição empírica (IF 85).

Quando comparamos as regras com indicadores de direção que mostram algumas maneiras possíveis para, por exemplo, seguir num caminho, o ideal determinístico de normatividade é abandonado e uma nova maneira de compreensão do papel das regras no uso da linguagem aparece. As regras passam a ser pensadas a partir de uma perspectiva orientadora que é contextualizada em práticas estabelecidas. Mais que prescrever todas as possibilidades de uso das expressões linguísticas, mais que responder a todas as possíveis dúvidas que poderiam surgir quando do uso dessas regras, a normatividade linguística orientada por regras é pensada num processo de direção contextualizada para o uso da linguagem com uma finalidade específica, circunscrita num dado momento. Ela não pode ser pensada, portanto, segundo um modelo de delimitação exata que estabeleceria todas as possibilidades de uso de uma palavra, ou de uma frase.

Segundo Stern (2004, p. 118), uma determinada regra, ou uma placa de orientação, poderá originar algumas dúvidas quando de seu uso, quer queiramos, ou não. O que essa regra significa dependerá do contexto em que foi estabelecida e de nossa interpretação daquele contexto. Wittgenstein nega que todas as perguntas possíveis devem ser respondidas para que uma regra qualquer tenha uso. Nós não precisamos explicar como uma ambiguidade potencial é resolvida, a menos que ela realmente surja. A explicação de uma possível ambiguidade pode, por sua vez, exigir mais explicações. No entanto, as explicações só podem ser usadas para evitar um mal entendido, não para fundamentar o uso de uma regra.

Por isso, querer fundamentar a normatividade a partir de uma prescrição linguística que ocorreria através de regras que regulariam necessariamente todos os usos possíveis de uma expressão qualquer, independente de um contexto de práticas estabelecidas, não encontra respaldo nas *Investigações*. O uso das regras num determinado contexto só pode ser pensado a partir de um horizonte de possibilidades para que a atividade linguística ocorra, não pode ser evocado como uma fundamentação precisa de toda normatividade linguística. Por isso, todo uso de regras é um uso contextualizado numa prática.

O uso da linguagem não pode ser pensado em termos de regras necessárias que determinariam toda atividade linguística, pois na prática ordinária não usamos a linguagem consultando um manual de regras que determinariam, por exemplo, o uso de uma palavra. Pelo contrário, nós usamos a linguagem porque compartilhamos certa regularidade nesse uso, porque pertencemos a um grupo humano que pratica essa atividade numa determinada forma, porque possuímos uma habilidade adquirida ao sermos treinados para ter competência linguística. No entanto, o uso contextualizado da linguagem pode sofrer algumas mudanças de paradigmas que orientam uma prática estabelecida, pois algumas expressões podem envelhecer, podem perder seu uso, outras expressões podem aparecer. Como observamos, a linguagem é uma atividade contínua que sempre está sendo atualizada.

É necessário ressaltar, porém, que o uso da linguagem pensado a partir das ideias apresentadas por Wittgenstein nas *Investigações*, não considera a normatividade como determinada por uma orientação através de regras que poderiam ser estabelecidas, por exemplo, através de uma ciência normativa, uma ciência empírica que determinaria o uso correto da linguagem em todas as ocasiões. Pelo contrário, na prática linguística, percebemos que o uso não é determinado por qualquer coisa que não seja a prática, que ocorre por causa de certas regularidades que indicam usos possíveis. Portanto, a linguagem é resultado de um hábito constante que se adquire através de uma iniciação nessa atividade prática e se mantém através do uso regular da mesma durante nossa vida.

Medina, então, afirma que,

For Wittgenstein, there is more to the manifestation of a rule in a practice than mere behavioral regularities. Manifestation involves two interwoven elements: behavior and attitude. The manifestation of a rule in a practice requires regularity in the actions of practitioners as well as uniformity in their reactions to each other's actions. A rule is manifested in a practice only when, by and large, practitioners agree in what they do *and* in how they assess their actions. Rule following thus involves a twofold consensus: rule followers must share not only a particular way of doing things but also a normative attitude toward what is done. A mere regularity in behavior is not sufficient for the manifestation of a rule; behavioral regularities have to be accompanied by expressions of approval and disapproval, of acceptance and rejection (MEDINA, 2002, p.p. 182-183).

Essa ideia de Medina pode ser localizada em uma passagem das *Investigações* (IF 198) que situam as observações de Wittgenstein para além do ideal de exatidão pressuposto pela imagem que pensa a linguagem como determinada por uma relação necessária que seria estabelecida entre a mesma e o mundo, relação esta que determinaria o significado das mais diversas expressões linguísticas a partir de uma regra que determinaria necessariamente todo uso da linguagem.

(...) “Seja o que for que faça está, pois, de acordo com a regra?”  
 - Permita-me perguntar: o que tem a ver expressão da regra – digamos, o indicador de direção – com minhas ações? Que espécie de ligação existe aí? - Ora, talvez esta: fui treinado para reagir de uma determinada maneira a este signo e agora reajo assim.  
 Mas com isso você indicou apenas uma relação causal, apenas explicou como aconteceu que nós agora nos guiamos por um indicador de direção; não explicou em que consiste na verdade este seguir-o-signo. Não; eu também apenas indiquei que alguém somente se orienta por um indicador de direção na medida em que haja um uso constante, um hábito (IF 198).

Portanto, outra vez fica claro que a atividade linguística sempre ocorre por causa de um contexto compartilhado de práticas estabelecidas, fruto de um hábito adquirido pelos usuários da linguagem através de uma iniciação numa determinada prática de uso da linguagem. Essa iniciação pode ocorrer, por exemplo, através de um treinamento que garante a esses usuários certas competências para usar as mais diversas expressões linguísticas nos mais variados contextos. Sempre que esses usuários tiverem dúvidas acerca de um determinado uso de uma expressão qualquer, podem resolver suas dúvidas localizando essa expressão no contexto em que a mesma

teve sua origem, e onde continua tendo um uso estabelecido, consultando aqueles que compartilham desse uso estabelecido nessa forma determinada.

Por isso, para Medina (2002, p. 187), na visão de Wittgenstein, a prática atual da linguagem ordinária limita, mas não determina nosso modo de pensar e de falar. Ao apelar para a linguagem ordinária, Wittgenstein se compromete com uma posição contextualista (um determinado horizonte de entendimento) sobre o uso da linguagem, ou seja, um horizonte que requer um contexto normativo em que são exibidos padrões de correção. Esse contexto só pode ser compreendido numa prática atual de uso da linguagem ordinária. Por isso, Wittgenstein critica a conhecida descontextualização essencialista.

A linguagem, portanto, é uma atividade pública resultado de uma prática constante que proporciona aos usuários linguísticos o domínio de uma habilidade responsável pela construção da vida humana, pelo convívio entre seres humanos. A linguagem encontra sua justificação numa prática constante que é compartilhada pelos seres humanos. Por isso, não é possível, segundo as *Investigações*, falarmos de uma linguagem privada, ou de alguém que usou a linguagem segundo suas regras próprias apenas uma vez na vida, pois o contexto de uso público em que ocorre a atividade linguística possibilita aos seres humanos, àqueles que possuem uma habilidade de uso da linguagem numa determinada forma, prosseguir continuamente a construção da vida humana através da linguagem.

Não pode ser que apenas uma pessoa tenha, uma única vez, seguido uma regra. Não é possível que apenas uma única vez tenha sido feita uma comunicação, dada ou compreendida uma ordem, etc. - Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez são hábitos (costumes, instituições).  
Compreender uma frase significa compreender uma linguagem.  
Compreender uma linguagem significa dominar uma técnica (IF 199).

A linguagem, portanto, só pode ser pensada como uma atividade pública contínua. Seguir uma determinada regra faz parte da institucionalização da forma de vida humana. Essa forma de vida possibilita os diversos usos da linguagem, o acordo e desacordos entre os seres humanos, possibilita a comunicação humana. A linguagem não pode ser pensada a partir de uma perspectiva limitante que sugere a mesma como

fundamentada numa relação que é estabelecida entre a mesma e o mundo, relação que determinaria todo significado linguístico, que seria determinado por regras que são descontextualizadas ao se usar uma expressão linguística. Por isso, o uso de regras só pode ser pensado a partir de um horizonte que torna possível a atividade linguística. Esse horizonte, porém, não estabelece todas as formas de uso da linguagem porque a linguagem ocorre continuamente, é uma prática constante que está sempre se reinventando, se atualizando. As regras são localizadas num contexto de práticas estabelecidas. Essa conclusão, então, situa Wittgenstein fora das ideias compreendidas pela imagem agostiniana, mostra que ele pensa a linguagem segundo uma perspectiva contextualista. Porém, o esclarecimento das ideias contextualistas encontradas nas *Investigações* será o objetivo da última seção de nosso trabalho.

### **3.4 Significado e contexto**

No desenvolvimento desse trabalho, acompanhamos o questionamento de Wittgenstein sobre algumas ideias compreendidas pela imagem agostiniana da linguagem, percebemos por que a linguagem não pode ser pensada estaticamente, como terminada, pois é uma atividade constante, uma prática contínua de uso em diferentes contextos, com as mais variadas finalidades. Essa atividade só é possível porque os usuários da linguagem compartilham um contexto de práticas estabelecidas, possuem uma habilidade para usar a linguagem numa forma específica. Por isso, o contexto de práticas pode ser pensado como a instância que possibilita a prática regular de uso da linguagem nas diferentes formas. Qualquer uso das palavras, ou das frases, não é determinado por causa de uma relação entre essas expressões e alguns elementos que seriam o significado. O uso dessas expressões só é possível porque é um uso contextualizado em práticas estabelecidas, que embora orientado por regras, não é completamente determinado pelas mesmas.

Como a linguagem é uma atividade contínua, as regras só podem ser pensadas como uma orientação para que seja possível o uso da linguagem. Essas regras são localizadas numa prática linguística institucionalizada, numa forma de vida, que indica a

maneira apropriada para um uso específico das diversas expressões linguísticas. Por isso, em última instância, a linguagem é possível porque faz parte da forma de vida humana, porque é contextualizada na vida e prática humana.

Porque a atividade linguística só pode ser pensada como contextualizada em práticas estabelecidas, é importante esclarecer as ideias compreendidas por aquilo que podemos considerar o contexto que possibilita o acontecimento contínuo da linguagem. Para tanto, iremos observar a ideia de uso regular da linguagem como um acontecimento contextualizado resultado de uma prática institucionalizada. Por isso, nosso objetivo final é esclarecer essa ideia que esteve presente desde o início desse trabalho, ou seja, a ideia de que a linguagem é uma atividade contextualizada em práticas estabelecidas.

A ideia de uso contextualizado dos elementos que compõem a linguagem já estava presente no *Tractatus*. Nessa obra da juventude, por exemplo, Wittgenstein afirma categoricamente que a proposição tem um sentido determinado, e somente numa proposição é que o nome possui um significado (3.3). Para o austríaco seria importante, também, a distinção entre sentido e significado. O sentido é relacionado à proposição, é a possibilidade de representação de um fato que ocorre no mundo. Proposições têm sentido, mas não significado. O significado é atribuído a um nome, é um objeto determinado, a referência desse nome que ocorre na proposição (3.22). Nessa obra de Wittgenstein, também, percebemos que o uso (*Gebrauch*) de um elemento linguístico permite o reconhecimento do significado desse elemento (3.326). Portanto, na obra de juventude de Wittgenstein há o reconhecimento de que o emprego da linguagem (*Gebrauch*) ocorre porque há um contexto estabelecido que é dado por certo na prática da linguagem.

No entanto, o contexto que possibilitava o acontecimento da linguagem era pensado como um contexto de proposições articuladas logicamente. As proposições possuem sentido determinado porque representam fatos do mundo. O mundo é determinado pelos fatos que ocorrem num contexto de possibilidades. Essas possibilidades são expressas num sistema de proposições que indicaria todas as formas possíveis do sentido determinado das proposições da linguagem. Em última instância, o contexto é determinado pelas regras lógico-sintáticas (3.327) que estão

ocultas do uso cotidiano da linguagem (4.002). A filosofia deveria se ocupar do esclarecimento lógico dessas regras formais de uso que são determinadas num sistema de regras para o uso da linguagem.

Após um longo processo de revisão de ideias expostas no *Tractatus*, Wittgenstein mostra, nas *Investigações*, que o uso (*Gebrauch*) não é determinado por causa de regras formais que se encontrariam ocultas no uso cotidiano da linguagem. Para ele, a linguagem seria possível porque os falantes de uma língua compartilham algumas práticas de uso que estão estabelecidas nas diversas formas linguísticas. A prática linguística é possível porque aqueles que dominam uma determinada técnica específica de uso da linguagem compartilham uma forma de vida que indica um uso possível para as diversas expressões que compõem a linguagem. A linguagem, portanto, é determinada por causa de práticas adquiridas durante um processo institucionalizado de iniciação numa forma de vida que capacita o aprendiz a usar as diversas expressões linguísticas nos mais variados contextos de acordo com um uso estabelecido para essas expressões.

Segundo Medina (2000, p. 156), na visão de Wittgenstein, a ideia de necessidade, e a conseqüente ideia de contingência, não deriva de uma forma lógica que estaria oculta em nosso simbolismo, mas pode ser pensada como o resultado de uma atitude normativa que é compartilhada pelos seguidores de uma regra, que são exibidas em suas ações e declarações. Para ele, durante um processo de aprendizagem, nosso comportamento não se torna determinado causalmente, mas estruturado normativamente. No processo de aprendizagem, nós adquirimos a habilidade de aderir a comportamentos que se autorregulam, comportamentos que possibilitam o uso da linguagem.

Por isso, aqueles que dominam a técnica de uso da linguagem numa determinada forma são indivíduos que compartilham uma regularidade de comportamento que determina a maneira como eles usam a linguagem. Essa habilidade é resultado de uma prática institucionalizada, é adquirida através de um processo de iniciação que torna esses aprendizes capazes de dominar uma técnica específica de uso da linguagem numa determinada forma. Esse processo de iniciação, portanto, introduz os aprendizes da linguagem numa determinada forma de vida

humana. Assim, somente após a aquisição dessa regularidade de comportamento prático, resultado de uma iniciação em uma forma de vida, os usuários da linguagem estão aptos a participar dos mais diversos jogos de linguagens, estão aptos a usar a linguagem nas mais variadas formas.

A prática contextualizada de uso da linguagem, que observamos desde o início das *Investigações*, é uma das distintas práticas humanas possíveis. Essas práticas são localizadas numa determinada forma de vida e, por isso, podem ser pensadas como o resultado de uma institucionalização específica da forma de vida humana. Porque são introduzidos numa forma de vida específica, os aprendizes da linguagem adquirem algumas habilidades, dominam determinadas técnicas de uso que moldam o comportamento dos mesmos para que sejam capazes de usar as diversas expressões linguísticas nos mais variados contextos.

Por isso, o contexto que torna possível a linguagem é um contexto de práticas estabelecidas, dentre as quais, práticas linguísticas. Essas práticas podem ser consideradas como usos regulares da linguagem que é o resultado específico da institucionalização da forma de vida humana. Essas práticas regulares possuem alguns aspectos culturais, pois ocorrem por causa de um acordo entre os diferentes seres humanos que estabelece um padrão no uso que fazem das diversas expressões linguísticas. No entanto, essas práticas podem ser consideradas como determinadas pela história natural humana que ocorreu de uma determinada forma, por isso, possuem limitações naturais.

A linguagem, portanto, pode ser pensada como uma atividade prática, regular, de uso das diversas expressões, nos mais variados contextos, que indicam uma forma possível de uso das expressões linguísticas. A linguagem, portanto, é uma atividade contextualizada em práticas. O uso da linguagem não pressupõe qualquer relação com o mundo para que esta seja uma atividade possível. O uso da linguagem, portanto, não é determinado por alguma coisa que seria o significado, mas pela prática regular nos mais variados contextos.

Essa ideia de Wittgenstein, de que a linguagem é uma atividade localizada nos mais diferentes contextos, pode gerar à falsa compreensão de que o austríaco defende uma espécie de relativismo linguístico. Esse raciocínio poderia ser justificado como uma

tese decorrente da certeza de que a diversidade de formas possíveis de uso da linguagem, de jogos de linguagem, mostraria que a linguagem não pode ser pensada de outra forma, a não ser como uma atividade diversificada que é relativa às diversas culturas que determinariam qualquer significado possível.

Essa ideia, no entanto, não encontra seu fundamento em uma leitura que atente para os detalhes expostos por Wittgenstein nas *Investigações*, pois ele não defende enfaticamente uma forma de relativismo nessa obra. Para que possa ser possível defender o relativismo linguístico em uma consideração sobre a linguagem de acordo com as *Investigações*, seria necessário possuir uma visão universal do que seja toda linguagem significativa. Para tanto, seria necessário uma saída da linguagem. Como temos acessos a jogos de linguagem particulares que revelam diferentes possibilidades de uso das diversas expressões linguísticas em diferentes contextos, o máximo que podemos afirmar é que há diferentes jogos de linguagem, diferentes possibilidades de uso das expressões linguísticas.

Por isso, ao afirmar que há diversos jogos de linguagem, diversas formas de possibilidades de uso da linguagem, Wittgenstein não está expressando uma conclusão universal ou totalizante do que seja a linguagem a partir de uma visão extralinguística. Pelo contrário, para ele, como temos acessos a jogos de linguagens específicos, nós só podemos descrever diferentes usos da linguagem nos diversos contextos particulares. O que poderia ser pensado como uma adesão ao relativismo é resultado de uma leitura que não se atenta para os detalhes da argumentação do austríaco nas *Investigações*. Nessa obra, nós não postulamos uma perspectiva universal fora dos diversos usos particulares que nos permite ver diferentes usos localizados em diferentes jogos de linguagem. O relativismo linguístico, porém, é resultado de uma perspectiva universal, descontextualizada, do que seja a linguagem.

Nas *Investigações*, nós apenas constatamos que um determinado uso da linguagem é diferente de outro, por isso, há diversas formas de uso das diferentes expressões linguísticas. Como há diversas formas de vida, há diversas práticas de uso da linguagem que são contextualizadas em práticas institucionalizadas estabelecidas nas diferentes formas de vidas. Por isso, os usuários da linguagem são treinados de acordo com diferentes possibilidades de uso da linguagem. Esse treino, como vimos,

ocorre por causa de contextos de práticas estabelecidas que são compartilhadas nas diferentes formas de vida. Esse treino ocorre com uma finalidade específica, é o resultado da institucionalização de uma da forma de vida que é particular. Os usuários da linguagem numa determinada forma são todos aqueles que adquirem habilidades regulares que possibilitam o uso da linguagem.

A linguagem, portanto, é determinada por uma prática de uso estabelecida que é responsável pelo estabelecimento das mais variadas possibilidades de uso das diversas formas linguísticas, nos diferentes contextos. Não podemos pensar que as regras lógicas, que estariam ocultas do uso cotidiano, determinam o uso da linguagem porque essa é determinada por práticas estabelecidas numa institucionalizada forma de vida. Essas práticas compartilhadas orientam uma particular forma de uso das expressões nos diferentes jogos de linguagem. Essa conclusão, porém, não pode ser pensada como uma adesão de Wittgenstein ao relativismo linguístico, pois ela apenas afirma que a linguagem é diversificada nos diversos usos localizados, um uso é diferente de outro.

Como temos acesso apenas a usos particulares, aos diferentes jogos de linguagem que ocorrem em diferentes contextos, nós descrevemos esses diversos usos particulares na tentativa de compreender como se usa a linguagem com sentido num determinado contexto. Através da descrição particular de um uso qualquer, percebemos que existem outras possibilidades de uso que são diferentes da forma com que usamos a linguagem numa forma específica. No entanto, não podemos afirmar pela leitura das *Investigações* que Wittgenstein defenda com essas ideias uma tese relativista sobre a linguagem. Ele mostra, apenas, que compreendemos uma pequena parte dessa atividade que se chama linguagem, essa parte que compreendemos é localizada, é possível porque ocorre num contexto de práticas estabelecidas, porém, outras possibilidades de uso da linguagem podem acontecer. A linguagem, portanto, é uma atividade contextualizada de uso, uma atividade que sempre está por acontecer, uma atividade que não pode ser pensada como completa, terminada de uma vez por todas, pois é uma atividade constante que está sempre se reinventando.

## CONCLUSÃO

Nosso trabalho teve como objetivo acompanhar o diálogo que Wittgenstein estabelece com a imagem agostiniana da linguagem, ao longo das *Investigações Filosóficas*, para mostrar o desenvolvimento de uma nova forma de compreensão da linguagem que reorienta o pensamento, pois o austríaco mostra que o uso das diversas expressões linguísticas nos mais variados contextos prescinde da ideia de uma associação entre a linguagem e um significado determinado. Por isso, vimos que a busca por um algo que fundamentaria toda linguagem significativa é um empreendimento que se mostra como fantasioso quando percebemos a diversidade de possibilidade de uso da linguagem. Nos diferentes jogos de linguagem, percebemos que a linguagem não é determinada por alguma coisa que seria associada à mesma, que determinaria necessariamente o significado.

Na leitura que fizemos das *Investigações* mostramos porque Wittgenstein questiona algumas ideias que são consequências de se pensar a linguagem segundo a imagem agostiniana, e não os conceitos envolvidos em uma suposta teoria agostiniana da linguagem. Por isso, esclarecemos algumas dessas ideias que são consequências de se pensar a linguagem segundo uma determinada imagem que conduz a uma busca filosófica pela essência da linguagem que revelaria, por exemplo, nossa forma cotidiana de uso da linguagem como imprecisa, imperfeita. Na imagem agostiniana encontramos a raiz desse ideal que postula que a linguagem tem uma essência e seria tarefa primordial do pensamento a busca pelo fundamento último da significação, esse fundamento é pensando como um objeto que seria associado a uma palavra, ou a uma determinada frase.

Ao investigar as consequências de se pensar a linguagem segundo um ideal de associação entre uma palavra e um objeto, o austríaco mostra que essa ideia é errônea, pois pressupõe uma série de situações para que seja possível o uso da linguagem a partir desse ideal. Por isso, ao observar alguns pressupostos compreendidos pela imagem agostiniana e mostrar algumas consequências de se pensar a linguagem segundo essa imagem, percebemos porque nenhum objeto, por mais especial que possa ser considerado, pode ser pensado como aquilo que

determinaria todo significado linguístico possível, percebemos porque Wittgenstein renuncia à busca pelo significado pensado como aquilo que determinaria toda linguagem significativa e passa a observar a prática de uso regular da linguagem nos mais variados contextos.

Quando observamos a linguagem na prática regular de uso, percebemos que o ideal da imagem agostiniana de buscar um fundamento para toda a linguagem é um pré-requisito que não se sustenta diante dos diversos usos possíveis nos diferentes contextos, compreendemos que a linguagem só pode ser pensada como prática, um uso constante das expressões linguísticas com uma determinada finalidade. Por isso, a linguagem, pensada como atividade, é comparada a um jogo. Como consequência, chegamos à certeza de que como são vários os tipos de jogos, da mesma forma são várias as formas de uso da linguagem, os jogos de linguagem, que só são possíveis porque os usuários da linguagem compartilham uma prática de uso estabelecida num determinado contexto.

A ideia de que a atividade linguística ocorre por causa de um contexto de práticas estabelecidas que são compartilhadas é a principal característica da nova forma como Wittgenstein apresenta a linguagem nas *Investigações*. Partindo dessa certeza, percebemos que a ideia de relação entre linguagem e um algo que seria associado à mesma, que seria o significado, é uma ideia que prescinde de um contexto de práticas estabelecidas, por isso, não se sustenta quando observamos o uso regular da linguagem numa prática de uso.

Todo ideal de significação que busca estabelecer uma relação necessária entre frases e fatos, entre palavras e objetos, entre a linguagem e o mundo, só pode ser compreendido como o resultado de uma demanda que pensa a linguagem como um acontecimento que ocorreria num espaço mágico descontextualizado. Esse ideal sugere que a tarefa primordial da filosofia seria a busca de um algo misterioso, uma fantasia, que seria o significado que determinaria todo significado possível de qualquer expressão linguística.

Quando compreendemos a linguagem nas diversas possibilidades de uso, percebemos que não há um algo que determinaria o uso das mais variadas expressões linguísticas, por isso, não há nenhuma tarefa específica de busca de um algo preciso,

sublime, que determinaria toda possibilidade de uso da linguagem. Mais ainda, compreendemos porque o uso das diversas expressões linguísticas não pressupõe um ideal de exatidão que estabeleceria as fronteiras exatas para o uso de um termo qualquer. A linguagem, portanto, encontra sua justificação na prática regular de uso. Essa prática só é possível porque acontece num contexto regular que é compartilhado pelos usuários da linguagem.

Assim, segundo a forma como Wittgenstein compreende a linguagem nas *Investigações*, podemos falar de regularidade contextualizada na prática de uso da linguagem. Por isso, não podemos pensar essa regularidade como determinada por regras necessárias para o uso das palavras, ou das frases, porque alguns tipos de uso podem surgir, mesmo que num determinado contexto, algumas expressões podem perder seu uso regular. Por isso, a linguagem é uma atividade constante de fazer-se, de inventar-se, é uma atividade que acontece continuamente nos mais diferentes contextos de práticas compartilhadas.

Percebemos, então, por que Wittgenstein não desenvolve em sua obra um posicionamento que poderia levar à falsa compreensão de que ele seja um relativista linguístico. Ele mostra, apenas, que a linguagem é uma atividade localizada num determinado contexto de práticas estabelecidas. A partir de um contexto específico só podemos afirmar que um tipo de uso da linguagem é diferente de outro, que há diferentes possibilidades de uso da linguagem. Como não temos acesso a uma perspectiva universal de toda atividade linguística possível, apenas descrevemos casos particulares de uso e, como consequência, percebemos que um determinado jogo de linguagem é diferente de outro.

A forma como Wittgenstein compreende a linguagem em sua obra tardia, portanto, expande nossa compreensão dessa atividade, mostra a diversidade de usos possíveis para as diferentes formas linguísticas. A partir dessas ideias, a filosofia deixa de ser pensada como uma atividade profunda que teria como tarefa essencial desvendar o que poderia ser considerado a essência da linguagem, e por consequência, a essência do mundo, pois não faz sentido filosófico tal tarefa. A filosofia, no entanto, poderia contribuir para esclarecer os diversos tipos de usos das expressões linguísticas nos mais variados jogos de linguagem com o objetivo de mostrar quando

usamos com sentido uma determinada expressão, não porque revelaria um significado associado à expressão, mas porque mostraria que o uso possível da linguagem é sempre contextualizado numa prática regular estabelecida, que é compartilhada por todos aqueles que usam a linguagem numa forma específica. Quando temos a pretensão de descontextualizar o uso da linguagem, apenas pronunciamos alguns absurdos que não expressam qualquer sentido.

O objetivo de nosso trabalho, porém, foi mostrar as principais características da forma como Wittgenstein compreende a linguagem nas *Investigações*. A tarefa de esclarecer como seria a atividade filosófica segundo essas ideias, ainda que interessante, se localiza para além de nosso objetivo. Essa tarefa, porém, pode ser pensada segundo as ideias que afirmam ser a linguagem uma atividade que é contextualizada em práticas estabelecidas compartilhadas por aqueles que possuem uma habilidade específica para usar a linguagem numa formas determinada. Nosso trabalho, portanto, cumpriu com seu objetivo e mostrou que a linguagem só pode ser pensada como uma atividade prática contínua.

## REFERÊNCIAS

### FONTES PRIMÁRIAS

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. *Philosophical Investigations*. Translated by G. E. M. Anscombe; P. M. S. Hacker and J. Schulte. 4 ed. Oxford: Blackwell Publishers Ltd., 2009.

### FONTES SECUNDÁRIAS

AGOSTINHO, S. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. 22 ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2008.

AMMERELLER, E.; FISCHER, E. (eds.) *Wittgenstein at work: method in the Philosophical Investigations*. London: Routledge, 2004

ARRINGTON, R.; GLOCK, H.-J. (ed.). *Wittgenstein's Philosophical Investigations: text and context*. London: Routledge, 1991.

BAKER, G. P. *Wittgenstein: Concepts or Conceptions?* The Harvard Review of Philosophy, ix, 2001.

BAKER, G. P. & HACKER, P. M. S. *Wittgenstein: Rules, Grammar and Necessity. Essays and Exegesis of §§185–242*. Second, extensively revised edition by P. M. S. Hacker. Oxford: Wiley-Blackwell, Oxford, 2009

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein: Understanding and meaning. Part I: Essays*. Vol. 1 of *An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations*. Second, extensively revised edition by P. M. S. Hacker. USA: Blackwell Publishing, 2005.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein: Understanding and meaning. Part II: exegesis § 1- 184*. Vol. 1 of *An Analytical Commentary on the Philosophical Investigations*. Second, extensively revised edition by P. M. S. Hacker. USA: Blackwell Publishing, 2005.

\_\_\_\_\_. *Scepticism, Rules and Language*. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

CARVALHO, M. Esclarecimento e prática: gestos ostensivos nas Investigações Filosóficas e antes. In: MORENO, A. R. (org) *Compreensão, adestramento, treinamento, definição*. Coleção CLE, vol. 68, 2014, p.p. 151-175.

\_\_\_\_\_. *Language without ontology: Wittgenstein's Philosophical Investigations and Semantic Tradition*. Draft. Lisboa: 2016. Disponível em: <[https://www.academia.edu/30398505/Language without Ontology Wittgensteins Philosophical Investigations and the Semantic Tradition](https://www.academia.edu/30398505/Language_without_Ontology_Wittgensteins_Philosophical_Investigations_and_the_Semantic_Tradition)>. Acesso em 13 de Setembro de 2017.

\_\_\_\_\_. Linguagem sem regras fixas: a normatividade da linguagem e a recusa do modelo de cálculo nas Investigações Filosóficas. In: SMITH, P. J.; FILHO, W. J. S.; SANTOS, P. (org) *Crença, verdade, racionalidade: ensaios de filosofia analítica*. Salvador: EDUFBA, 2014, p.p. 201-223.

\_\_\_\_\_. Wittgenstein e o idealismo kantiano. In: CARVALHO, M.; BRAIDA, C.; SALLES, J. C.; CONIGLIO, M. E. *Filosofia da linguagem e da lógica*. Coleção XVI Encontro ANPOF: AMPOF, 2015, p.p. 132-148.

CRARY, A; READ, R (ed). *The New Wittgenstein*. Routledge, London & New York, 2000.

ENGELMANN, M. L. *Wittgenstein's Philosophical Development: Phenomenology, Grammar, Method and the Anthropological view*. New York: Palgrave Macmillan, 2013.

FOGELIN, R. J. *Wittgenstein*. 2. ed. London: Routledge & Kegan Paul, 1987.

GLOCK, H-J. *A Wittgenstein Dictionary*. Oxford: Blackwell, 1996.

GOLDFARB, W. *I Want You to Bring Me a Slab: Remarks on the Opening Sections of the "Philosophical Investigations"*. *Synthese* 56: 265-82.

HACKER, P. M. S. *Wittgenstein's place in twentieth-century analytic philosophy*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein: Connections and Controversies*. Oxford: OUP, 2001.

JANIK, A. and TOULMIN, S. *Wittgenstein's Vienna*. New York: Simon and Schuster, 1973.

KENNY, A. *Wittgenstein*. Revised edition. Blackwell Publishing, 2006.

KRIPKE, S. A. *Wittgenstein on Rules and Private Language: an elementary exposition*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

LUGG, A. *Wittgenstein's Investigations 1-133: A guide and interpretation*. London: Routledge, 2000.

LUNTLEY, M. *Wittgenstein: Opening Investigations*. Oxford: Wiley Blackwell, 2015.

McGINN, M. *Wittgenstein and the Philosophical Investigations*. London: Routledge, 1997.

MEDINA, J. *The Unity of Wittgenstein's Philosophy*. Albany: Suny Press, 2002.

MONK, R. *Wittgenstein: O dever do gênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MORENO, A. R. *Introdução a uma Pragmática Filosófica*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein: através das imagens*. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

MULHALL, S. *Inheritance and Originality*. Wittgenstein, Heidegger, Kierkegaard. Oxford: Clarendon Press, 2001.

SCHLICK, M. Positivism and Realism. Translated by David Rynin. IN: In AYER, A. (ed). *Logical Positivism*. New York: Free Press, 1959, p.p. 82-107.

STERN, D. *Wittgenstein on Mind and Language*. New York, Oxford University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. *Wittgenstein's Philosophical Investigation*. Cambridge University Press, 2004.

WITTGENSTEIN, L. *Culture and Value*. G.H. von Wright em colaboração com H. Nyman (orgs.). Oxford: Blackwell, 1980.

\_\_\_\_\_. *On Certainty*. Ed. by Anscombe, G. E. M. & von Wright, G. H. Oxford: Blackwell, 1979.

\_\_\_\_\_. *Philosophical Grammar*. Ed. By Rush Rhees. Translated by Anthony Kenny. Oxford: Basil Blackwell, 1974.

\_\_\_\_\_. *Philosophical Remarks*. Ed. By Rush Rhees. Translated by R. Hargreaves. Oxford: Basil Blackwell, 1975.

\_\_\_\_\_. *The Big Typescript*. Edited and translated by C. Grant Luckhandt and Maximilian A. E. Aue. Oxford: Blackwell Publishing, 2005.

\_\_\_\_\_. *The Blue and Brown Books*. New York, Harper Torchbooks, 1960.

\_\_\_\_\_. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução, apresentação e estudos introdutórios de Luiz Henrique Lopes dos Santos; Introdução de Bertrand Russell. 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

WRIGHT, C. *Rails to Infinity: essays on themes from Wittgenstein's Philosophical Investigation*. London: Harvard University Press, 2001.